

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

José Carlos de Araujo Jr.

**A Metamorfose Encarnada:
Travestimento em Londrina (1970-1980)**

FEVEREIRO/2006

JOSÉ CARLOS DE ARAUJO JUNIOR

**A Metamorfose Encarnada:
Travestimento em Londrina (1970-1980)**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Luzia
Margareth Rago.**

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora em
21 / 02 / 2006

BANCA

Prof^a. Dr^a. Luzia Margareth Rago (orientadora)

Prof. Dr. Leandro Karnal (membro)

Prof. Dr. Richard Miskolci (membro)

FEVEREIRO/2006

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Bibliotecário: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

Ar15m	Araújo Júnior, José Carlos de. A metamorfose encarnada : travestimento em Londrina (1970-1980) / José Carlos de Araújo Júnior. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.
	Orientador: Luzia Margareth Rago. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
	1. Gênero. 2. Prostituição. 3. Corpo humano. 4. Sexo. I. Rago, Luzia Margareth. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Título em inglês: Fleshly metamorphosis.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Gender, Prostitution, Body, Human,
Gender (Sex).

Área de concentração: História Cultural.

Titulação: Mestre em História.

Banca examinadora: Luzia Margareth Rago, Leandro Karnal, Richard
Miskolci.

Data da defesa: 21-02-2006.

Sumário

Introdução.....	11
1) Travestis em Londrina: carnavalizando o cotidiano.....	29
2) O teatro das aparências e as performances desejantes.....	61
3) Mascarar o corpo.....	95
Conclusão.....	115
Fontes documentais.....	117
Bibliografia.....	119
Anexo.....	125

Agradecimentos

Desde sua gênese, a elaboração desta pesquisa só foi possível através das amizades que, no decorrer da minha experiência de mestrado, influenciaram o trabalho sob diversas formas e intensidades. Agradeço toda a atenção, zelo e paciência que recebi da dedicada orientação de Luzia Margareth Rago, sempre unindo pensamento e ação, incansavelmente. Toda minha gratidão a Leandro Karnal e Carmen Lúcia Soares, participantes da banca de qualificação, pelas contribuições e sugestões para com meu trabalho. Sou grato também a Célia Maria de Azevedo e Edgar Salvadori de Decca, pelas contribuições teóricas. A Edson Passeti, pelo carinho e atenção dedicados.

Às amizades que, mesmo fora da universidade, me proporcionaram grandes e inesquecíveis momentos de reflexão, quando o pensamento deixa de ser somente especulação estacionada e passa a ter o aroma da vida em movimento: Gabriel Giannattasio, Tony Hara e Rogério Ivano. A Kyung Lee, por me acompanhar nos momentos difíceis e por estar sempre presente.

À ONG (organização não governamental) Adé Fidan – Casa de Vivência Saara Santana. Sou grato a Edson Bezerra, às travestis Skarlett O’Hara, Ana Paula, e todas as outras que neste ONG se esforçam para retirar o estigma social com que as travestis são vistas.

Obrigado à paciência de Bartolomeu Lopes Bicas, e ao companheirismo e dicas de leitura do psicólogo Wiliam Siqueira Peres.

Meus sinceros agradecimentos à CAPES, que concedeu a bolsa para a realização do projeto, e à UNICAMP.

À minha família, agradeço todo apoio e dedicação.

Resumo

Londrina, situada no norte do Paraná, é uma cidade que, apesar de planejada segundo os moldes racionalistas dos desbravadores ingleses em 1929, não deixou de possuir controvérsias. Além de capital mundial do café, também foi uma cidade muito boêmia, onde surgem os personagens noturnos fora de seus ofícios convencionais, à parte do utilitarismo do trabalho diurno. Travestis da década de 1970 e 1980 é o tema aqui estudado, ramificando a abordagem para discussões como prostituição, saber médico-psiquiátrico, gênero performático e corpo. Histórias de vida são relatadas com o intuito de discutir os temas como a relação entre as travestis e o meio sócio-cultural que as cerca, a metamorfose de si através das vestimentas e a interferência radical na anatomia.

Palavras-chave: travestimento, prostituição, gênero, corpo, ambivalência sexual.

Abstract

Londrina, situated in the north of Paraná, even though projected as a city in reasonable ways of the English colonizers in 1929, don't was a land without controversies. Farther a world coffee capital, was a very bohemian city to, emerging from it some nocturnal characters out of them conventional occupations, out of the diurn work utilitarianism. The subject here study is the transvestites of the 1970's and the 1980's, ramifying the broach to other subjects like prostitution, medical-psychiatric knowledge, gender performance and the body. Histories of lifes are related with the purpose of debating the subjects like the relations between the transvestites and the social-cultural environment that surround them, the self-metamorphosis through the clothing and the radical interference on the anatomy.

Keywords: *transvestism, prostitution, gender, body, sexual ambivalence.*

“Cancelaram o espetáculo. Aos que quiserem será devolvido o ingresso. Mas aos que não tiverem o que fazer e já estando no teatro, é uma pena saírem. Se ficarem, eu irei diverti-los com a história de minha vida. Adeus, sinto muito [aos que estão saindo]. Se ficarem aborrecidos, ronquem, assim RRRRR. Entenderei, sem ter meus sentimentos feridos. Sinceramente. Me chamam Agrado, porque toda a minha vida sempre tento agradar aos outros. Além de agradável, sou muito autêntica. Vejam que corpo. Feito à perfeição. Olhos amendoados: 80 mil. Nariz: 200 mil. Um desperdício, porque numa briga fiquei assim [mostra o desvio no nariz]. Sei que me dá personalidade, mas, se tivesse sabido, não teria mexido em nada. Continuando. Seios: dois, porque não sou nenhum monstro. Setenta mil cada, mas já estão amortizados. Silicone... — Onde? [Grita um homem da platéia]. Lábios, testa, nas maçãs do rosto, quadris e bunda. O litro custa 100 mil. Calculem vocês, pois eu perdi a conta. Redução de mandíbula, 75 mil. Depilação completa a laser, porque a mulher também veio do macaco, tanto ou mais que o homem. Sessenta mil por sessão. Depende dos pêlos de cada um. Em geral duas a quatro sessões. Mas se você for uma diva flamenca, vai precisar de mais. Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, senhora. E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma.”

Travesti Agrado, do filme *“Tudo sobre minha mãe”* (Espanha/França, 1999)

Introdução

O presente trabalho parte de diversas fontes, influências e afetos. Tomar o tema do travestimento me permite, já como ponto de partida, refutar papéis sociais pré-ordenados desde o nascimento, como um corpo destinado a obedecer às leis que o definem e aos significados que o recobrem. É nesse sentido que um tema como este oferece possibilidades de desnaturalizar normas sociais binárias, onde o masculino e o feminino teriam seus lugares e condutas permitidas ou não. Aquele que se traveste está, de certa forma, invadindo território alheio, desestruturando a noção de papéis, invertendo regras ludicamente e, na maioria das vezes, isso vem desde a infância, quando logo cedo descobre pela violência as interdições que uma estrutura familiar patriarcal supõe. Sem falar da porta para fora. O curioso é notar que, faça-se a violência ou não, a metamorfose da travesti se realiza tenazmente.

A cidade de Londrina, situada ao norte do Paraná é o espaço que encerra as personagens ambivalentes deste projeto, numa época em que suas presenças no *trottoir* noturno já não se podiam mais ignorar, ou seja, em finais dos anos 1970 e durante todo o ano de 1980. Matérias jornalísticas, boatos e lendas urbanas, mexericos e estigmas foram intensamente gerados ao redor da figura das travestis, numa cidade que, desde sua fundação, em 1929, já fora palco de prazerosas noites boêmias e do tão controverso meretrício. Aliás, boêmia e meretrício estavam estreitamente interligados, pois era nas casas de tolerância que a bebida, o jogo, os prazeres noturnos, a sexualidade e os excessos aconteciam.

As fontes que compõem essa dissertação de mestrado são jornais de época, como a “Folha de Londrina”, entrevistas com algumas travestis e com um psiquiatra – Dr. Daniel Martins - que, nessa cidade, dá assistência a um grupo de transexuais decididos a submeter-se à operação de mudança de sexo. A necessidade de entrevistar este médico psiquiatra resulta do amplo conhecimento que ele acumula a respeito dessas personagens, especialmente porque toda transexual decidida a mudar radicalmente de sexo, pelo menos durante um período de vida, necessariamente praticou o travestimento.

A preocupação deste texto, a priori, não se orienta para com objetividades reducionistas, generalizações científicas e modelos estanques em relação a tais

personagens históricos. Daí a importância do recurso à história oral, já que ela dá oportunidade a que se escutem múltiplos discursos reveladores de diferentes modulações, entonações e fluidez. Essas dimensões estão presentes em vozes que tentam construir um espaço reservado à memória, um sentido histórico para si rodeado de significados e incertezas. As ondulações, silêncios ou ênfases dadas ao discurso pela linguagem falada grifam o fato de que a História é um labirinto multifacetado, e por isso mesmo interessante.

Oral ou não, não há fonte que seja objetiva, mas a sacralidade da escrita pode facilmente levar alguns se esquecerem deste fato, como se o documento impresso cristalizasse e fixasse um só significado. Como não há sujeito unificado na história oral, ela é contada por múltiplos pontos de vista, substituindo a imparcialidade tão cara a alguns historiadores tradicionais pela parcialidade do narrador. É preciso que o historiador tenha a noção de que interpretações serão sempre constelações de caráter complexo e fugidio, onde a verdade jamais se deixa atingir. De acordo com um dos principais expoentes da História Oral, Alessandro Portelli:

“A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre *eventos* que sobre *significados*. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas

(...) o único e precioso elemento que as fontes orais têm para o historiador. E que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. (...) Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. (...) A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com a sua história”.¹

O testemunho oral mostra-se importante não como aderência ao fato, mas quando se afasta dele enquanto imaginação, simbolismo, desejo de emergir. Considerando isso, não há fontes orais que sejam “falsas”, já que a diversidade da

¹ PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: Educ – Editora da PUC, fevereiro/1997, p. 31

história oral considera mesmo afirmativas “erradas” como psicologicamente “corretas”. A oralidade, enquanto forma discursiva que tende a re-moldar a memória e estilizar a história, é pluralizada, instável porque depende das questões, diálogos e personalidades que o entrevistador põe em cena, num cruzamento híbrido do que o entrevistado diz, deixa de dizer e no que desloca as perguntas para outras questões. Há nisso uma leveza; mas acontece que a oralidade pode adquirir o peso e a fixidez de uma escrita, que independe das necessidades e hipóteses do pesquisador. Dependendo do estilo discursivo da fala, há a possibilidade de adquirir a precisão cartesiana, na entonação. Diz Portelli:

“A fala e a escrita, por muitos séculos, não existiam separadamente: se muitas fontes escritas são baseadas na oralidade, a oralidade moderna, por si, está saturada de escrita mas o realmente importante é não ser a memória um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. (...) a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas (...)”.²

A estrutura desta dissertação de mestrado está definida em três capítulos, com diferentes discussões e problemáticas em cada um, por mais que se interliguem, inevitavelmente. No primeiro capítulo, “Travestis em Londrina: carnavalizando o cotidiano”, proponho um mapeamento das definições do que seria uma travesti sob a ótica da ciência médico-psiquiátrica e psicanalítica, passando posteriormente para o cenário da cidade de Londrina e a relação desta com as travestis entrevistadas, com suas histórias de vida. No segundo capítulo, “O Teatro das aparências e as performances desejantes”, discuto a respeito da relação entre a invenção criativa de gênero e a indumentária, como uma crítica às teorias biologizantes e naturalistas, a determinar a verdade do sexo de cada um. Na contramão dessas concepções, este capítulo é uma tentativa de expor o corpo como uma usina de desejos criadores. Já no terceiro e último capítulo, - “Mascarar o corpo” - estão presentes teorias e pensamentos de diversas vertentes, sendo algumas delas ligadas à lingüística, à arte, à filosofia e à literatura.

² *Idem, ibidem.* p. 33

Discutindo teorias que problematizam o sujeito, o corpo e a anatomia como destino, percorro as interferências corpóreas realizadas tanto por artistas contemporâneos, quanto pelas travestis. Ao mesmo tempo, pretendo chamar a atenção para o perigo em se acreditar irrefletidamente nas técnicas contemporâneas que relativizam o homem biológico-orgânico, pois há certos pensadores que já consideram o corpo obsoleto, devendo ser ultrapassado através do avanço das novas tecnologias.

De início, trabalhar com estranhas personagens urbanas, como as travestis é um desafio, cujo estímulo talvez esteja não só na vastidão temática que o objeto de pesquisa supõe, mas também pelo que permite contestar em termos de discurso biológico do corpo, da higienização urbana em contraste com vidas infames, dos desejos inapreensíveis, das vida breves e intensas. As travestis acabam por confrontar, conscientemente ou não, regras pré-estabelecidas, pois vivem num meio social em que a divisão sexual é polarizada em contrastes bem definidos pelo discurso médico-biológico, sócio-cultural, psicológico e mesmo através da indumentária. É pelas problemáticas de incoerência entre corpo biológico e tecnologia inventiva de gênero que a ambígua figura da travesti inspira este trabalho, suscitando temas como natureza e cultura, determinismo e invenção, carnaval, desejo, gênero, androcentrismo, indumentária, máscara, infâmia e prostituição.

É em torno de figuras à margem, noturnas, ambientadas no crime, que este texto irá se deter, subentendendo toda uma discussão teórica a respeito de biologismos, naturalismos, corpo como suporte de metamorfose, família, gênero, homofobia, e afirmação incondicional da vida. Trata-se, portanto, de um trabalho no terreno da História, que flerta com as mais variadas áreas do pensamento. Em se tratando do travestismo, os trabalhos de antropólogos como Hélio Silva³, Marcos Benedetti⁴, Don Kulick⁵ e da socióloga Neuza Maria de Oliveira⁶ auxiliarão este projeto, na medida em que realizaram estudos sobre travestis do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador, respectivamente, fornecendo assim dados que permitirão observar as peculiaridades ou não das experiências de travestis numa província como Londrina. Referente ao tema, no

³ SILVA, Hélio. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993 e *Certas Cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996

⁴ BENEDETTI, Marcos. 2000. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Dissertação de Mestrado)

⁵ KULICK, Don. *Travesti:sex, gender and culture among brazilian transgendered prostitutes*. University of Chicago Press, 1998

terreno da História, tomo por base trabalhos como o de James Green⁷, em se tratando da experiência homossexual no Brasil do século XX, e o de Margareth Rago⁸, no que permite pensar e problematizar o gênero, a sexualidade e a prostituição numa crítica à naturalização da cultura realizada pelo poder patriarcal.

É sabido que a História, principalmente quando reflete sobre o Tempo, o Espaço Sujeito e Cultura, além da Antropologia, sempre estreitou suas relações com a Filosofia. Desde a segunda metade do século XX, há um polêmico debate em torno das subjetividades, identidades culturais, multiculturalismo e ação transformadora na História. Com os lingüistas, o estruturalismo francês parecia negar uma teoria do sujeito que ainda impregnava a fenomenologia, ou seja, a crença num sujeito cuja autoria e ação na realidade seriam capazes de transformá-la e moldá-la. Os estruturalistas viam no sujeito não uma causa, mas um efeito de uma estrutura maior e que definiria seus gestos na História. Impossível, para esta vertente de pensamento, imaginar um sujeito que moldasse o real; pelo contrário, seria moldado por ele.

A linha de pensamento que pretendo seguir, no entanto, aproxima-se mais do que se convencionou chamar de pós-estruturalismo, que teria como principais pensadores Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Félix Gattari, Michel Foucault (que também fora enquadrado no estruturalismo), Roland Barthes e Jean-François Lyotard. Algumas autoras ligadas à revisão do feminismo e discussão de gênero também seguem essa linha, como Luce Irigaray, Teresa de Lauretis, Judith Butler, Monique Wittig e Donna Haraway. O pós-estruturalismo, nesse sentido, servirá como uma forma de pensar o sujeito não como agente livre de determinações, agindo por sobre a própria época, por um lado, nem como mero produto da História, por outro. Para escapar dessa oposição binária, que oscila entre os pólos da liberdade e do poder, gostaria de problematizar a relação, no caso, da travesti, da sua relativa capacidade de invenção hedonista da vida com as complicadas teias do real, impregnadas de saber e poder.

O inevitável choque com o foco lançado pelo saber e as técnicas do poder parece retirar das sombras certos personagens históricos que, a partir desse contato direto, tornam-se “fatos” documentais, por mais que não haja “fato em si” verdadeiro, paradigmático ou unidimensional. Este contato com o saber e o poder é o que permite

⁶ OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994

⁷ GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*

um olhar para vidas errantes do passado, evanescentes, anônimas. Talvez por este viés interpretativo, seja mais coerente observar a experiência das travestis.

Já de início, há certos problemas em se adentrar na atmosfera de sujeitos marcados pela infâmia, pelo desajuste, território este definido pelo rarefeito discurso da norma, da domesticação e do controle dos desejos, numa colonização do tempo e do espaço. As estratégias constantemente atualizadas do poder já não aplicam uma *disciplina* a *corpos dóceis*, mas um *controle* a corpos que devem ser *ávidos* e endividados, sedentos, “fissurados”. Sempre há novos produtos para a infinita carência dos indivíduos; é no *desejo* que se investe, ou melhor, há sempre uma antecipação dos produtos em relação ao desejo, que vai atrás num momento *a posteriori*. Há cerca de duas décadas atrás, o filósofo Gilles Deleuze⁹ já lançava essas novas questões sobre a sociedade de controle, sucessora da estratégia disciplinar do poder.

Num estudo sobre os “homens infames”, o pensador francês Michel Foucault evoca uma “antologia de existências”, aventuras de

“(...) vidas breves achadas a esmo em livros e documentos. *Exemplar*, mas – ao contrário daqueles que os sábios recolhiam no decurso de suas leituras –, são exemplos que têm menos lições a serem meditadas, do que de breves efeitos cuja força se desvanece quase imediatamente”.¹⁰

Tais existências nada “exemplares” são vistas por Foucault como “poemas-vida”, ou seja, como flores nutridas com a mais impura das substâncias, próximo da literatura de Jean Genet e sua concepção de “santificação” aspergida nos cantos mais sujos, perigosos e malditos onde o homem possa adentrar. A literatura de Jean Genet tem um paralelo muito próximo da idéia de infâmia foucaultiana, onde personagens do cotidiano estão intrincados no mais trágico dos jogos, onde a ética é uma linha tênue entre as “sub-leis” da marginália e a plena soberania de si, a despeito de qualquer liberdade alheia.

A publicação do texto de Foucault sobre os homens infames data de janeiro de 1977, no *Les Cahiers du Chemin*. O momento em que Foucault parece cair num

⁸ RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*: São Paulo: Paz e Terra, 1991

⁹ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pal Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992, p. 90

impasse é justamente após a publicação do primeiro volume da História da Sexualidade, quando passará por um tumultuado “silêncio” que o fará reconsiderar o projeto dos volumes seguintes, já previamente anunciados, assim como a trajetória metodológica. Após isso, há um período marcado por um estranho “silêncio” de anos, quando da publicação do primeiro volume da *Histoire de la Sexualité* e o texto *La vie des hommes infâmes*.

Apesar do fascínio de Foucault pelos homens “obscuros”, parece não haver concomitância entre esta fase teórica e a posterior, após o longo silêncio, onde sua atenção se volta à “estética da existência”, à “vida como obra de arte” ligada a uma ascese de si mesmo. É nos gregos que Foucault se inspira para discorrer sobre este tema, realizando um deslocamento teórico antes marcado somente pelo *saber-poder*, partindo para a discussão das subjetividades e das técnicas de si (tecnologias do *self*). Para problematizar essa aparente contraposição entre o tema da estética da vida, de um lado, e o dos homens infâmes, de outro, é necessário partir da fase foucaultiana voltada às operações discursivas.

Os relatos oficiais que retratam, nas palavras de Foucault, “(...) *uma peça de dramaturgia do real* (...)”¹¹, são a única concretude dessas vidas breves, como *happenings* potencialmente fadados ao esquecimento. Poder-se-ia falar em história oral, perseguir os fios num labirinto de vozes mais “verdadeiras” que as do poder, parentes e amigos próximos, objetos naufragados na memória, mas Foucault privilegia acontecimentos cuja gravidade chamou a atenção e entrou em choque com um saber e um poder instituídos e articulados, a traçar perfis, normas, regras e paradigmas (inclua-se aí a “liberdade convencional do coletivo”, “igualdade entre os homens”, o “direito universal”).

Próximos ou não do ilusório “fato em si” de um acontecimento, os discursos da norma se “traem” justamente na tecnologia do “fazer falar”, à sua maneira unidirecional, sujeitos plurais; subjetividades que, mesmo em pedaços híbridos, deixam-se à posteridade, mesmo que num tosco teatro armado na tenda do poder. A partir de então, as interpretações se multiplicam cada vez mais, não em relação a uma (inexistente) matriz discursiva ou “real”, mas a um jogo sem origem definida nem finalidade possível da linguagem.

Foucault diz, em *La vie des hommes infâmes*, através de um crítico imaginário:

¹¹ *Idem, ibid.* p. 95

“(…) ora aí está o senhor, sempre com a mesma incapacidade de transpor os limites, de passar para o outro lado, escutar e fazer ouvir a linguagem que vem de fora ou de baixo; sempre a mesma escolha, do lado do poder, do que ele diz ou faz dizer. Estas vidas, porque não ir escutá-las lá onde falam por si próprias? – Mas, antes de mais, daquilo que elas foram na sua violência ou na sua infelicidade singular, será que nos ficaria o que quer que fosse, se, a dado momento, não tivessem cruzado o poder e provocado as suas forças? Afinal, não será um dos tacs fundamentais da nossa sociedade o facto de o destino tomar aqui a forma da relação com o poder, da luta com ou contra ele? O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra a sua energia, encontra-se efetivamente onde elas se confrontam com o poder, se batem contra ele, tentam utilizar-lhe as forças ou escapar-lhe às armadilhas. Nas palavras breves e estridentes que vão e que vêm entre o poder e as existências mais inessenciais, é sem dúvida aí que estas últimas encontram o único momento que alguma vez lhe foi concedido; é o que lhes dá, para atravessarem o tempo, o pouco de fulgor, o breve clarão que as traz até nós”.¹²

O poder não se limita a “(…) vigiar, espiar, surpreender, proibir e punir; mas incita, suscita, produz; não é apenas olho e ouvido; faz agir e falar.”¹³ É através dessa tecnologia do poder que Foucault analisa as chamadas *Lettre de cachet*, ou seja, ordens de prisão com o selo real que faziam parte de um maquinário que relaciona *discurso, poder, vida cotidiana e verdade*. A *lettre de cachet* era emitida em nome do rei, o que não queria dizer que isso ocorria a partir da iniciativa deste. Com a função de sujeitar indivíduos de comportamentos “indesejáveis” à prisão ou ao internamento, é um instrumento de Estado ao alcance de todos os seus súditos. Somente a *lettre de cachet* tem essa potencialidade de retirar das sombras um *homem infame*. Mas houveram figuras mais conhecidas, tocadas por essa tecnologia, como Marquês de Sade e Voltaire; este último, ironicamente, também fazia uso de tal instrumento de poder.

Após o século XVIII, nasce uma arte de linguagem não mais voltada a narrar o “impossível-fabuloso”, o improvável, mas a evidenciar o que não está evidente; dizer o

¹² *Idem*, p. 98-99

¹³ *Idem*, p. 123

ínfimo, os últimos graus do real, os mais tênues. Falar sobre o que não merece glória nenhuma, o “infame”. O discurso literário do Ocidente, nesta época, fará disso um dispositivo. Trata-se de um discurso que irá atrás do oculto, do obscuro, do interdito e do escandaloso. A era da modernidade se interessa pelas experiências mais íntimas e minúsculas do sujeito. O Ocidente obrigou o cotidiano a fazer dizer o inconfessável. É aqui que se poderiam descobrir os mais terríveis e transgressores elementos. História, ficção, discurso científico e literatura vêm a se confundir, nessa prática. Diz Foucault:

“Uma espécie de injunção de desentranhar a parte mais noturna e mais cotidiana da existência (com risco de lá descobrir por vezes as figuras solenes do destino) vai traçar aquela que é a direção para que pende a literatura desde o século XVII, desde que é literatura no sentido político do termo. (...) dever de dizer os mais comuns dos segredos”.¹⁴

Para Foucault, portanto, é o entrave entre o sujeito e os tentáculos atentos do poder que trará o ponto de intensidade máxima em relação às vidas anônimas. Porém, qual a relação entre o discurso do saber/poder que constrói sujeitos e os sujeitos em si? Seria possível isolar estes últimos? Como fazer isso sem transcendê-los, idealizá-los na técnica do *self construction in vitro*, livre de todos os contatos? Se o discurso fabrica sujeitos fazendo-os falar, seria o indivíduo capaz de fazer o mesmo, consigo próprio?

Primeiramente, isolar o sujeito das relações de força, que constitui o real, é sublimá-lo numa plena harmonia divina, inabalável e metafísica, não é o método reflexivo do presente texto. Quanto à auto-construção de si, apesar da possibilidade de criação de um território *relativamente* autônomo do sujeito, este espaço não estaria isento do “contágio” das relações de saber/poder dominantes. A questão, para o sujeito, seria a de automodelar-se frente a toda esta rede infinita, cotidiana e permanente de tecnologias de poder e, imerso nisso, criar um espaço menos rarefeito, mais “habitável”, que é o da subjetivação, ou o que Gilles Deleuze chamaria de *dobra*¹⁵.

Após os oito anos que sucederam, portanto, o primeiro volume da História da Sexualidade, as discussões que Foucault irá propor tratarão dos *modos* de subjetivação. No “Uso dos Prazeres” - segundo volume -, Foucault já inicia o livro anunciando suas

¹⁴ *Idem*, p. 125-26

¹⁵ DELEUZE, Gilles. *Op Cit*

modificações em relação ao trajeto imaginado para uma História da Sexualidade. Uma coisa já era certa: não se trataria de uma história dos comportamentos, representações ou narração de costumes de determinados povos, localizados em suas respectivas épocas. Não se trata de uma história das condutas e práticas sexuais em suas formas sucessivas. Porém, também não é sua intenção analisar as idéias científicas, religiosas ou filosóficas onde os comportamentos teriam representação.

É neste ponto que Foucault diferencia seu método em relação a suas obras anteriores, inclusive “A Vontade de Saber” (primeiro volume da História da Sexualidade). A atenção não estaria exclusivamente voltada ao saber e ao poder, e o sujeito não seria pura e simplesmente construção de práticas discursivas, normativas e disciplinares. De acordo com Deleuze¹⁶, o intervalo de tempo em que Foucault permanece em “silêncio”, em impasse, entre o primeiro e o segundo volume da “Sexualidade”, o fará perceber sujeitos que experimentam a vida como uma obra de arte. Numa entrevista concedida a Hubert Dreyfus e Paul Rabinow¹⁷, Foucault diz: “O que me surpreende é que em nossa sociedade a arte só tenha relação com os objetos e não com os indivíduos ou com a vida. A vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte?” Os gregos seriam o exemplo mais evidente disso.

Mediante tal deslocamento teórico, Foucault propõe uma genealogia do *homem de desejo*, desde a Antigüidade Clássica até os primeiros séculos do cristianismo. O pensador francês não passa a negar as duas dimensões características de seu trabalho anterior, ou seja, o saber e o poder, mas agora seu foco direciona-se para uma terceira dimensão, a do “sujeito”, anteriormente diluído nas redes do saber-poder. Para analisar este sujeito, é na história do “homem de desejo” que Foucault apóia seus anseios teóricos, assim como nas formas de relação do sujeito consigo mesmo, dando lugar a formas éticas e estéticas da existência. A partir da idéia de “hermenêutica de si”, a Antigüidade é o ponto de partida de Foucault.

Em Foucault, há uma “História da Sexualidade” enquanto *experiência*, numa correlação entre campos do *saber*, tipos de *normatividade* e formas de *subjetividade*. Daí sua teoria sobre os três eixos que constituem a sexualidade: 1) a formação dos *saberes* referentes a ela; 2) os sistemas de *poder* reguladores das práticas; 3) formas como os indivíduos se reconhecem como *sujeitos* da sexualidade. Vale lembrar que a

¹⁶ *Idem, Ibidem*

¹⁷ Cf. ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

subjetividade estética que venha a se constituir na esfera do *sujeito* não implica num isolamento completo deste em relação às esferas saber-poder. O que poderá ser constituído, em relação ao sujeito, a partir da correlação entre os três pontos acima citados, será uma *dobra* do lado de *fora*, uma automodelação.

Quanto aos sujeitos desejan-tes, Foucault não faz uma história das concepções sucessivas do desejo, da libido, mas observa as práticas que levaram os indivíduos a prestar atenção neles próprios. Através do desejo, descobririam a “verdade” de seu ser. As aspas são necessárias, já que não se trata de uma Verdade pregada pela filosofia iluminista, cuja proposta universalizante e unidimensional trata de eliminar as diferenças e pluralidades interpretativas. Foucault tem uma clara inspiração nietzschiana: os “jogos da verdade”, o jogo entre o verdadeiro e o falso seria o “palco” onde se aplicam as *vontades de potência*.

O sujeito voltado a si, à tecnologia de si passa a ser fundamental para o pensamento foucaultiano, principalmente em *O Cuidado de Si*, terceiro volume da *História da Sexualidade*. Neste texto, Foucault evidencia a experiência do sujeito consigo mesmo, os cuidados com o corpo e com a alma no mundo helenístico e romano, as medidas tomadas para a cura das paixões desenfreadas de um espírito “doente”. Sobre tal “individualismo”, vale distinguir três coisas:

“(…) a atitude individualista, caracterizada pelo valor absoluto que se atribui ao indivíduo em sua singularidade e pelo grau de independência que lhe é atribuído em relação ao grupo ao qual ele pertence ou às instituições das quais ele depende; a valorização da vida privada, ou seja, a importância reconhecida às relações familiares, às formas de atividade doméstica e ao campo dos interesses patrimoniais; e, finalmente, a intensidade das relações consigo, isto é, das formas nas quais se é chamado a se tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se, e promover a própria salvação. É claro que essas atitudes podem estar ligadas entre si”.¹⁸

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *A cultura de si*. In: *História da Sexualidade*, vol. 3. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 48

Cuidar-se é um princípio válido para todos, a todos os momentos e durante toda a vida, ou seja, torna-se uma espécie de dever afirmar-se desta forma, sendo uma regra necessária aos homens. Segundo Foucault, Epicteto vê no cuidado de si um privilégio-dever, um dom-obrigação que garante a liberdade.

A arte do conhecimento de si, na Antiguidade Clássica desenvolveu-se sob receitas específicas, baseadas em exames e exercícios, a saber: a) *procedimentos de provação* - tinham o papel de fazer com que o indivíduo adquirisse certas virtudes, com medições a que ponto se chegou (com a finalidade de fazer do sujeito um ser soberano sobre as coisas consideradas supérfluas, das quais poderia então se abster após o sucesso na provação); b) o *auto-exame* – como, por exemplo, o exame que de manhã servia para se preparar às tarefas a se realizar e, à noite, o exame do dia transcorrido. Tal inspeção que aprecia a si mesmo após uma “missão realizada”, este exame de consciência, de acordo com Foucault, era um hábito do ensinamento pitagórico e de Sêneca. Era uma forma de analisar em si regras de conduta sábias que melhor serviriam para atingir fins legítimos; c) o *pensamento sobre ele mesmo* – ou seja, algo como uma filtragem de representações, um trabalho de inspeção, um controle de “qualidade” de si, funcionando a partir de exames, controles e filtrações. Seria uma atitude constantemente recomeçada em relação a si próprio, a partir de controles e precauções. Basicamente, o objetivo dessas práticas seria uma conversão a si:

“(…) [não havendo necessidade de] interromper qualquer outra forma de ocupação para consagrar-se inteira e exclusivamente a si, mas, nas atividades que é preciso ter, convém manter em mente que o fim principal a ser proposto para si próprio deve ser buscado no próprio sujeito, na relação de si para consigo. Essa conversão implica um deslocamento do olhar: é preciso que este não se disperse numa curiosidade ociosa, quer seja a das agitações cotidianas e da vida dos outros (...) ou aquela que procura descobrir os segredos da natureza, os mais distantes da natureza humana e daquilo que importa para ela (...)”.¹⁹

Foucault prossegue conceituando a cultura de uma arte da existência comentando a posse e o gozo de si: “(...) Alguém que conseguiu finalmente ter acesso a si próprio é, para si, um objeto de prazer. Não somente contenta-se com o que se é e

¹⁹ Idem, p. 69

aceita-se limitar-se a isso, como também ‘apraz-se’ consigo mesmo.”²⁰ Estas receitas propõem uma felicidade em relação aos próprios *bens*, ou seja, o melhor de si e da melhor parte do indivíduo.

O conhecimento de si põe “(...) a prova de se examinar, de controlar-se numa série de exercícios bem definidos, coloca a questão da verdade – da verdade do que se é, do que se faz e do que se é capaz de fazer – no cerne da constituição do sujeito moral. E, finalmente, o ponto de chegada dessa colaboração é ainda e sempre definido pela soberania do indivíduo sobre si mesmo; mas essa soberania amplia-se numa experiência onde a relação consigo assume a fórmula, não somente de uma dominação mas de um gozo sem desejo e sem perturbação.”²¹

É próximo desta idéia-outra de “governo” que o pensador Francisco Ortega²² evidencia, em Foucault, não mais a idéia de “governo dos outros”, mas “governo de si”. Segundo Ortega, depois das análises do poder feitas por Foucault até o *Uso dos Prazeres*, um deslocamento teórico o faz chegar a um conceito de *governo* como um desdobramento do poder. É esta substituição conceitual que permitirá Foucault tematizar o *governo de si* e a autoconstituição do sujeito. De uma certa forma, o sujeito sempre fez parte das análises de Foucault, mas apenas como objeto dos processos de disciplinarização. O sujeito, para o Foucault da década de 60 e 70, era um produto das operações discursivas, normalizadoras, criadoras de subjetividades. O sujeito seria apenas um objeto do aparelho saber-poder. Foucault estava preso a uma noção claustrofóbica do sujeito.

Em entrevista a Didier Eribon²³, Gilles Deleuze comenta sobre o conceito de *pensamento* em Foucault estar ligado, em seus últimos trabalhos, a um “processo de subjetivação”, que implicaria em modos de existência, em invenções de novas possibilidades de vida. A existência vista sob este ângulo, não se “comportaria” como sujeito, mas como obra de arte. Deleuze vê nesta última fase de Foucault a elaboração de um pensamento-artista. Anteriormente, pensar, para Foucault, significava *ver e falar* (as visibilidades e os enunciados), ou seja, pensamento como *arquivo*. Posteriormente, pensamento e *poder* tornam-se a mesma coisa, ou seja, são relações de força, ações

²⁰ Idem, p. 70-71

²¹ Idem, p. 72

²² ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 37

²³ DELEUZE, Gilles. *Op Cit*, p. 120

sobre ações, atos: pensamento como *estratégia*. Depois desses dois tópicos é que Foucault “descobriria”, em sua fase final, o pensamento-artista:

“(…) Se Foucault tem necessidade de uma terceira dimensão, é porque tem a impressão de se fechar nas relações de poder, que a linha termina ou que ele não consegue ‘transpô-la’, que ele não dispõe de uma linha de fuga. É o que ele diz de maneira esplêndida em ‘*La vie des hommes infâmes*’. Embora invoque focos de resistência, de onde vêm tais focos? Ele precisará pois de muito tempo para achar uma solução, já que de fato trata-se de criá-la. Então, será que se pode dizer que essa nova dimensão seja a do sujeito? Foucault não emprega a palavra sujeito como pessoa ou forma de identidade, mas os termos ‘subjetivação’, no sentido de processo, e ‘Si’, no sentido de relação (relação a si). (...) Trata-se de uma relação de força consigo (ao passo que o poder era a relação da força com outras forças), trata-se de uma ‘**dobra**’ da força. Segundo a maneira de dobrar a linha de força, trata-se da constituição de modos de existência, ou da invenção de possibilidades de vida (...). Trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles. (...) Se é verdade que essa dimensão foi inventada pelos gregos, não fazemos um retorno aos gregos quando buscamos quais são aqueles que se delineiam hoje, qual é nosso querer-artista irreduzível ao saber e ao poder. Assim como não há retorno aos gregos, não há retorno ao sujeito em Foucault”.²⁴

Quanto ao “sujeito”, Deleuze e Foucault parecem estar de acordo: não há um “sujeito-indivíduo”, mas acontecimentos, processos variáveis cuja origem ou finalidade pouco interessam para filósofos preocupados com o que uma vida tem de *intensidade* de devires, quais os elos criados, em que circunstâncias, na evidência de constituir qual *forma*. É esta impermanência, esta inquietude que está presente no conceito de *história*, segundo Deleuze, em Foucault: ela “não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir; não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro

²⁴ *Idem, Ibidem*, p. 116

que somos. (...) a história é o que nos separa de nós mesmos, e o que devemos transpor e atravessar para nos pensarmos a nós mesmos”.²⁵

A singularização estética, desligada da noção abstrata e transcendente de Sujeito, demonstra um acontecimento, uma dobra que pode referir-se tanto a aspectos de intensidade particulares ou coletivos, mas nunca identitários. Afirmar e querer as pregas em vias de se formar no tecido do *fora* é a condição trágica do querer-artista. É uma experimentação oposta ao logocentrismo do *ex-plicare*, ou seja, “retirar as pregas”. Trata-se de criar formas de vida aptas a produzir elos polissêmicos com os inumeráveis devires dos “outros”, reconhecimento e aceitação da alteridade, de tudo o que é estrangeiro à “identidade”, à raiz. Contra o Uno, o Todo indivisível, as *multiplicidades*.

Habitar uma zona de pura criação ética e estética da existência, do cotidiano, envolve destreza, enfrentamentos, avanços, recuos, estratégias de guerra. Não a guerra entendida nos moldes do Estado, mas presente nas relações de força que se estende ao pensamento, ao cotidiano, à vida voltada à estética e à afirmação do trágico como condição de extinção de qualquer redenção metafísica. A experimentação da zona de subjetivação é uma espécie de tauromaquia, requer a destreza e a coragem de quem ama enfrentar touros com apenas um pedaço de pano nas mãos. Processo alquímico de submeter o *informe* a uma *forma*, fazer do *caos* um *cosmo*.

Essa domesticação de uma força caótica e informe, a ponto de submetê-la a uma forma, a um contorno que contenha qualquer transbordamento de forças destrutivas (o que malograria a beleza do projeto estético), também é muito presente na filosofia do contemporâneo Michel Onfray.²⁶ Como o Foucault dos dois últimos volumes da *História da Sexualidade*, Onfray defende uma ética voltada à estética, a uma bela existência fundada no hedonismo.

Tal ética, para ele, deve estar aberta à busca do prazer, não do sofrimento; o hedonismo, assim concebido, permite um contrato às intersubjetividades dos indivíduos, a consentirem numa álgebra dos prazeres. Nesse tipo de hedonismo, a preocupação de júbilo dirige-se ao mesmo tempo para si e para o outro, sem lugar para o egocentrismo ou o egoísmo. Nessa ética hedonista, não há volúpia possível sem a consideração do outro.²⁷ Diferente do utilitarismo vulgar, do contentamento de si excludente do outro, o

²⁵ *Idem*, “A vida como obra de arte” in: *ibidem*, p.119

²⁶ ONFRAY, Michel. *A escultura de si – a moral estética*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

²⁷ Mostrando a diferença da constituição do homem grego na Antigüidade, em relação à Modernidade, o historiador Jean-Pierre Vernant afirma que para eles, “o eu não é nem delimitado nem unificado: é um

utilitarismo hedonista engloba uma utilidade na satisfação dos desejos e dos prazeres dos sujeitos.²⁸ Eros ao invés de Tânatos; pulsões de vida ao invés de pulsões de morte. O hedonismo é afirmação da vida. Averso às pulsões destrutivas e negativas, Onfray quer uma forma ética que seja um modo de renúncia à selvageria absoluta dos instintos. No hífen que separa o animal e o que supera o homem, deve-se saber o que fazer com uma forma ainda informe, tornando-se objeto de si mesmo, na experiência da escultura de si.

Na auto-modelação, há todo um exercício, uma tecnologia voltada para o “cuidar-se de si mesmo”, uma espécie de ascese de si, como Foucault afirma:

“Nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional, podem adquirir-se sem exercício; também não se pode aprender a arte de viver, a *tekne tou biou*, sem uma *askesis*, que é preciso entender como um adestramento de si por si mesmo: aí residia um dos princípios tradicionais aos quais, desde há muito, os Pitagóricos, os Socráticos, os Cínicos tinham dado grande importância. Parece não haver dúvida que, entre todas as formas que tomou este adestramento (e que comportava abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a escrita – o facto de se escrever para si e para outrem – só tardiamente tenha começado a desempenhar um papel considerável”.²⁹

Quando se trata de homens obscuros, imersos na experiência do travestimento, dificilmente há uma deliberação em relação a uma existência artística, ascética, cuja última finalidade seria o “si mesmo”. Ainda mais quando se trata do carácter clandestino com que as travestis experimentavam um submundo na década de 70 e, principalmente, 80; mais voltada ao excesso e ao esgarçamento dionisíaco, a vida das travestis não poderia, portanto, ser encarada pelo viés da estetização da existência, no sentido grego do termo. Mais plausível, talvez, seria aproximar a singularidade da existência das

campo aberto de forças múltiplas (...) essa experiência é, sobretudo, orientada para fora e não para dentro. O indivíduo se procura e se encontra no outro, nesses espelhos que refletem sua imagem e que são para ele cada alter ego, parentes, filhos, amigos”. Vernant, Jean-Pierre – *L'individu, la mort, l'amour. Soi-même et l'autre en Grèce ancienne*. Paris : Gallimard, 1981

²⁸ Margareth Rago – “Narcisismo, Sujeição e Estéticas da Existência”, 2005, mimeo

²⁹ FOUCAULT, Michel. *Op Cit*, p. 132

travestis com os personagens infames citados por Foucault, ou seja, cotidianos, sem fama, mas cuja intensidade afirmativa da vida desloca os focos do poder para si.

Nos homens infames, parece não haver preocupações ou intenções de uma vida voltada a uma ética estética, de um espírito pendente aos belos gestos, à arte como um processo de criação de si mesmo. No caso dos homens infames, a vida está em movimento em cursos que evidenciam a falência de todo abrigo redentor, seja ele provido por Deus, o Homem, a Ciência, o Progresso ou a própria Arte. Sim, principalmente a arte e a cultura a serviço de projetos sociais de “arrefecimento” de desajustados, “esquizofrênicos” e insociáveis em geral, ou seja, o intuito de curar espíritos enfermos, preenchendo o perigoso tempo vago do indivíduo perigoso, cujos demônios cerebrais tanto lhe perturbam as idéias. A arte-terapia, ou a terapia ocupacional, não desmentem o dito popular “cabeça vazia é oficina do diabo”, pelo contrário, endossa-o. Ocupar com trabalho as lacunas do tempo do homem, como herança do moralismo da sociedade industrial, parece ser também um método psiquiátrico, estendendo-se à política. O poeta e teatrólogo Antonin Artaud, no final de sua vida, ao escrever um ensaio sobre Van Gogh, fala das pinturas ocupacionais sugeridas pelo psiquiatra do pintor e, como o poeta escrevia num período de tratamento mental, aproxima a sua experiência com a do pintor holandês, em relação à semelhança dos tratamentos. Artaud traduzia Lewis Carrol e Alan Poe a pedido de seu psiquiatra.

Se projetos políticos fracassaram enquanto negligenciavam a cultura e a arte, hoje é comum surgirem propostas políticas culturais com vistas a pacificar os ânimos violentos e destrutivos de “ignorantes” criminosos. Afinal, quem sabe um indivíduo perigoso deixe de ter intenções maléficas se começar a ler Machado de Assis, saber quem foi Picasso e diferenciar água de vinho? Conservadores aprenderam a fazer bom uso do cinismo, já que o “crime” praticado por doutores em geral, financiadores de redes ilícitas lucrativas, é um caso a parte. No tocante aos criminosos “menores”, há uma visão extremamente reducionista e moralista do que seja o crime. Pois, quando se trata de singularizar-se em relação aos arrebanhamentos sociais, desprezar dogmas e leis, fugir às regras e inevitavelmente infringir normas discursivamente construídas, a transgressão e o crime tornam-se “inevitáveis” aos homens de pensamentos clandestino e subterrâneo. Talvez o “crime”, então, deixaria de possuir os estigmas que o inserem somente na perspectiva da norma, da lei, da jurisprudência.

Se a vida incapturável pela razão humana tem um espaço de evidência, é justamente no palco cotidiano que as forças se afetam com rigor. A imprevisibilidade que isso supõe é que fará do Homem não a medida de todas as coisas, como queria a filosofia iluminista que lança sua sombra ainda hoje na realidade contemporânea, mas um elemento passível de entrar em contato com forças e fluxos que o colocarão em devires de puro movimento, ou seja, sem extremidade teleológica alguma. Longe das cristalizações da utopia, é pelas vias do anti-humanismo que segue este texto, avesso à idéia de pacto social. Impossível, incompatível seria tentar justificá-lo no terreno do humanismo.

1) Travestis em Londrina: carnavalizando o cotidiano

As cartografias espaciais e desejanças presentes numa cidade trazem à tona não só a norma, o planejamento, o simétrico, mas também o desvio, o imprevisto, o aleatório, o rompimento e o intolerável. Como pura exceção, estranha ao nivelamento e ao processo civilizador das épocas, há figuras que se afirmam na ambigüidade, na multiplicidade e no irresolúvel, como é o caso do objeto deste texto, as travestis de Londrina das décadas de 1970 e 1980. O estranho, como assalto à natureza, figura-se em sujeitos de instabilidade, de fluxo, de desejos e ações *do* e *no* próprio corpo, aparecendo como uma rasura nas noções de contrato social, liberdade convencional e bem estar coletivo. Tais experiências de vida possuem uma certa falta de lugar de identidade, justamente o que possibilita a esses personagens a errância, a pluralidade, os descaminhos que incluem luzes e infortúnios em afirmação plena da existência.

O objetivo deste texto é resgatar, historicamente, vidas marcadas pela singularidade, pelo excesso transbordante em personagens sem fama alguma, banais, cotidianas, que chegam a forçar o deslocamento do saber e do poder sobre si, assim como despertam a mútua estratégia entre o saber jurídico e o médico. Através da ambigüidade sexual das travestis, pretende-se fazer uma crítica ao que Jacques Derrida denomina *falogocentrismo*³⁰, ou seja, a lógica da determinação metafísica e predominante do *falo* e do *logos*, como verdades universais do Mesmo em relação ao Outro, seja ele feminino, infantil, primitivo, negro etc. Trata-se de uma denúncia do discurso dominante do Homem Universal, isto é, o branco, europeu, adulto, macho e heterossexual.

Serão analisados quatro casos de travestimento em Londrina, compreendendo o período de 1972 a 1989. É inevitável, porém, que nomes, amizades e referências de outras travestis surjam, como ocorre principalmente nas entrevistas e nas reportagens dos jornais de época, a saber, Folha de Londrina e Jornal de Londrina. No caso de um evento singular de um dos entrevistados, numa tentativa de homicídio contra a esposa,

³⁰ Cf. CONTINENTINO, Ana Maria Amado. *Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino*. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo César (org.). *Às margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002

na década de 1970, foi realizada uma pesquisa e a leitura do inquérito relacionado ao caso.

Antes de tudo, não seria necessária a explicação do que se define como travesti? Meio homem, meio mulher, hermafrodita por opção, andrógino, afeminado, gay, *drag queen*, transexual? O objetivo deste texto não é definir o que seria um travesti a partir da pergunta “*o que é?*”, de tom metafísico, em busca de um *significado* fixo e invariável, uma essência tão cara ao determinismo biológico. Muito pelo contrário, já que as próprias travestis são construídas na ambigüidade, na incerteza e na pluralidade. Como uma semi-definição guia, pode-se dizer que travesti e transexual, os mais confundidos, têm certas diferenças básicas. O travesti é um homem que se adorna com elementos do sexo feminino, além de mudar sua estrutura física à base de hormônios e silicone, sem, no entanto, fazer operação para castrar o pênis e construir uma vagina; o transexual passa pelos mesmos processos de travestimento, mas, como diz uma determinada literatura médica³¹, nasceram com uma estrutura psíquica feminina num corpo masculino, necessitando, então, se ao final da análise assim for decidido, da operação de mudança de sexo. No travesti não há mal-estar algum com o próprio membro sexual, não há uma necessidade de ser uma mulher fisicamente perfeita, mas sim um feminino inventado à sua maneira; no transexual, a mulher que sempre existiu, naquele corpo masculino, precisa nascer, necessita sacrificar tudo o que resta de masculino, em si, para afirmar-se. Já as *drag queens* são homens que não mudam em nada sua conformação física e hormonal, utilizando-se somente de apetrechos e adornos femininos de forma exagerada, voltada a apresentações e performances em cabarés e boates.

Mas ainda seria necessário, talvez, mais cautela na questão do travestismo e do transexualismo. De uma certa forma tênue, pelo menos inicialmente, o que separa a travesti do transexual, até onde um é o outro? Travesti que almeja uma operação de mudança de sexo é transexual? E este último, pelo fato de ter cromossomos masculinos e vestir roupas femininas, ainda é travesti, mesmo após a operação? Inicialmente, chamo aqui a abordagem antropológica de Hélio Silva, estudioso das travestis da Lapa, no Rio de Janeiro:

“Conheci muitas travestis obsedadas pela operação transexual, como o Ofício final da consagração. Algumas seriam capazes de realizá-la se dispusessem de

³¹ STOLLER, Robert. *A Experiência Transexual*. Rio de Janeiro: Imago, 1982

dinheiro para tanto. Outras, que admitem submeter-se à prova, talvez recuassem ante uma oportunidade concreta. Uma coisa é viver femininamente a fantasia da completude, outra é submeter-se a uma operação que lhe retira, paradoxalmente, algo que integra sua realização enquanto mulher. Conheci, de resto, um número expressivo de travestis que garantia nunca pretender cometer tal loucura. Estas, em geral, discorriam seguras sobre a fisiologia do orgasmo”.³²

As que não decidem operar lidam com seu membro sexual sem ressentimento ou negação; ressignificam-no e afeminam-no, num dialeto próprio: “*neca*”. Claro que, entre as que se prostituem, se há um cliente com aparência máscula, viril e de porte físico avantajado, mas que durante o programa deseja ser passivo (isso é mais comum do que se imagina), a travesti cobrará um preço redobrado, já que preferiria, talvez, ser tomada como uma mulher nos braços fortes de um *bofe*. Ao ser obrigada a usar seu membro, ela não o faz necessariamente contra a vontade, mas como esta não é geralmente uma preferência primordial, a travesti é quem dita o preço. Como diria Margareth Rago³³, em seu estudo sobre a prostituição feminina em São Paulo, há uma contabilização do prazer na miríade de opções existentes na experiência do sexo venal. Fato este que se inclui também entre as travestis imersas na prostituição.

O tipo de relação sexual acima citado seria impossível para uma transexual, que não tem ereção alguma, evitando mesmo olhar para o próprio órgão. Aqui entraria a visão médico-psiquiátrica entre, de um lado, o travesti que afirma sua masculinidade e salvaguarda seu pênis, e de outro o transexual que não o suporta, sofrendo acessos de melancolia profunda com seu erro de pessoa, um desvio de identidade. Nesse desvio sexual, portanto, não há necessariamente perversão, como o há na fetichização travestista, como será explicado a seguir. Segundo o psicanalista Robert Stoller:

“(…) Provavelmente todos os analistas concordarão que, como mostrou primeiramente Freud, a perversão é uma defesa. Mas, illogicamente, a maioria dos analistas sente que todos os *desvios* sexuais são *perversões*, e tendo assumido isso, podem então afirmar que todos os desvios sexuais são, por natureza, defensivos. Minha opinião é que um comportamento sexual aberrante

³² *Op Cit*, p. 63

³³ RAGO, Margareth. *Op Cit*

é, estatisticamente, anormal, mas não o resultado de conflito e defesa; e eu não chamaria a isso perversão. O transexualismo é um exemplo.

(...) na perversão, mas não no transexualismo, a fetichização está sempre presente”.³⁴

Stoller, na análise de seus pacientes, diz jamais ter encontrado perversões do tipo fetichismo, sadomasoquismo, exibicionismo, voyeurismo ou bestialidade em transexuais, diferente de seu olhar em relação a travestis, que considera incondicionalmente como pervertidos. Por mais que não queira universalizar a etiologia, ou seja, as causas clínicas da anomalia, Stoller sugere enfaticamente que o travestismo tem sua origem num trauma de infância, e “(...) sucede de um ataque à masculinidade do menino por uma mulher invejosa, e que esse ataque (...) consiste especialmente em travestir o menino”.³⁵ Como é corrente na literatura psicanalítica, o estudo do inconsciente revela uma criança amedrontada que, através de um fetiche na vida adulta, vinga-se de um trauma a que foi exposta. Vestido de mulher, o homem adulto reafirmaria sua identidade masculina *ainda que* vestido do sexo oposto, o que é uma forma de sublinhar sua capacidade de virilidade inabalável (daí a violência a que certos travestis submetem a mulher, nos estudos de caso). A função deste fetiche em particular, portanto, serve para apaziguar medos, ou, como diria Otto Fenichel, o *medo da castração*³⁶. O que vai de acordo, pelo menos em parte com a tese de Stoller sobre o que denomina travestismo fetichista. Vale lembrar que Stoller estudava casos de travestis heterossexuais, o que talvez hoje se denomine como *cross-dresser*. Ocorre em homens casados, com filhos, cuja experiência fetichista acontece geralmente de forma intermitente, e não contínua. Mas vale a citação aqui pela demonstração da gama de interpretações referentes ao travestimento.

O primeiro tratado sobre travestis, na verdade, é do médico judeu alemão Magnus Hirschfeld (1868-1935). Sob o título “*Die Transvestiten*”, data de 1910. João Silvério Trevisan³⁷, em seu clássico trabalho sobre a experiência homossexual masculina no Brasil, ao narrar as peripécias das travestis na Europa, acaba citando o nome do Dr. Hirschfeld. Eis o trecho:

³⁴ STOLLER, Robert. *Op Cit.* p. 120 e 124

³⁵ *Idem, Ibidem* p. 147

³⁶ FENICHEL, Otto. In: FLIESS, Robert (org.). *Travestismo, Fetichismo, Neurosis Infantil*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1975

“Não será provavelmente a última nem foi a primeira vez que nossos travestis aportaram na Europa. É muito curioso, a respeito, o relato divulgado, com foto ilustrativa, nas publicações do antigo Instituto de Pesquisas Sexuais, do Dr. Magnus Hirschfeld, destruído pelos nazistas em Berlim, 1933. Trata-se do caso de um jovem brasileiro travestido que se apaixonou por um professor alemão, em Paris. De lá, viajaram juntos para a Alemanha, onde ficaram oficialmente noivos. Mas a dona hospedaria desconfiou da história e denunciou a noiva. Quando o médico da polícia entrou no quarto para realizar o exame da perícia, a noiva brasileira ingeriu veneno, diante dele, e morreu. Isso aconteceu aparentemente no começo deste século”.

Para Hirschfeld, o travestismo é uma *parafilia* (perversão sexual) acompanhada muitas vezes de outros comportamentos desviantes, como exibicionismo, masoquismo, sadismo e fetichismo. Além disso, coexiste com escolhas objetais diversas, como a homo, hetero ou bissexual. Também no início do século XX, o médico inglês Henry Havelock Ellis (1859-1939) exibia teses no objetivo de diferenciar travestis de homossexuais na Inglaterra vitoriana. Foi Ellis quem empregou o termo *eonismo* para denominar a inversão das vestimentas em homens, relacionando assim a vida do travesti francês do século XVIII Chevalier d’Eon com uma descoberta clínica³⁸ - no segundo capítulo desta tese, o caso de d’Eon será analisado com maiores detalhes. Antes deles, em 1870, W. Westephal estudou o tema sem fazer referência ao termo hoje conhecido, mas ainda assim fez dedicou-se ao estudo de uma forma “contrária” de sentir, sexualmente falando.

Era uma época de grande profusão da literatura médica sobre as chamadas perversões. O libertino do século XVIII tornou-se o perverso no século XIX. Krafft-Ebing, em 1866, já dividia e subdividia as neuroses cerebrais, usando o termo *parestesia* para as perversões do instinto sexual, ou, como ele mesmo diz, “excitabilidade das funções sexuais por estímulos inadequados”.³⁹ Era um era que misturava uma linguagem ainda imprecisa nos estudos de caso, onde a linha limítrofe entre estilo, moral e rigor científico ainda era nebulosa. Aí vem a psicanálise que,

³⁷ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. São Paulo: Max Limonad, 1986. p. 248

³⁸ O título de seu estudo, de 1928, leva justamente o título de “*Eonism*”.

³⁹ KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 07

diferente da medicina, tenta vasculhar os mais profundos segredos que o sujeito tentou apagar de si mesmo, mas que seu inconsciente conservou intacto. Porém, ao se adentrar no subsolo mental, a psicanálise criou uma certa fórmula e triangulizou o desejo, como diriam o pensador Gilles Deleuze⁴⁰, ou seja, a relação pai-mãe-filho é que passaria a determinar o rumo (ou não) de uma neurose. Para exemplificar isso, segue a citação de Fenichel sobre um paciente que, para ele, viu na mãe falecida uma espécie de modelo fálico ilusório:

“Un análisis más profundo de los estratos mentales narcisistas reveló al fin que la identificación con la madre muerta (su “espíritu”) se realizaba mediante el mecanismo de introyección (inhalación) y que en el inconsciente la imagen introyectada de la madre fue igualada a su próprio pene. Así, llegamos a la siguiente ecuación simbólica: el paciente con ropas femeninas = la madre com pene = el pene em general. Recordemos la similitud entre el nombre femenino, por el cual deseaba que lo llamaran, y el sobrenombre que le puso a su pene”.⁴¹

O travesti, sob tal ótica, representa uma mulher fálica, a mãe fálica que antes era imaginada pela criança até vê-la nua pela primeira vez e constatar uma *falta*. Como todas as perversões, o travestismo estaria ligado ao complexo de castração. O fetichista, portanto, nega que existam sujeitos que careçam de pênis, e tenta a todo custo, através de suas manias, manter a ilusão de que nada carece de falo.

De uma forma ou de outra, no entanto, referente aos casos de travestimento que aqui analiso, é possível que haja uma certa tendência ao inominável em relação a certas experiências plurais que, se enquadrados num ou noutra caso, perderiam em intensidade, em pluralidade e em devir. Mas um *acontecimento*⁴² marca todos os sujeitos presentes nesta pesquisa: o travestimento, a metamorfose, o artifício. É a partir dessa problematização entre as fronteiras do masculino e do feminino, como construção discursiva, que se quer percorrer *entre* essas memórias perdidas, lembranças incertas, histórias de uma gravidade que não exclui a leveza.

⁴⁰ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, p. 27-28

⁴¹ FENICHEL, Otto. *Op Cit.* p. 27

⁴² *Acontecimento*, aqui, está próximo do que Deleuze sugere sobre uma experiência de subjetivação que só ocorre justamente porque o sujeito, nos moldes da filosofia iluminista tradicional, não está mais presente, não é o Autor-Matriz de seus gestos cristalizados, mas é atravessado por linhas de afeto que o tornam híbrido, múltiplo e num processo constante de vir-a-ser.

Em Londrina, há cerca de trinta anos atrás, o discurso médico-jurídico tinha certas inclinações lombrosianas⁴³, dividindo as opiniões e os ânimos de uma comunidade com fortes aspirações religiosas redentoras, vigilância policial extremamente presente e uma mentalidade social provinciana. Historicamente reconhecida como a capital mundial do café, Londrina também foi palco de boêmia, crimes memoráveis, jornalistas eufóricos, prostituição e um discurso dominante que tentava a todo custo erigir uma identidade local, como demonstram os trabalhos revisionistas de Tony Hara⁴⁴, Antonio Paulo Benatti⁴⁵, Nelson Tomazzi⁴⁶, Sonia Adum⁴⁷ e José Miguel Arias Neto⁴⁸.

A CTNP (Companhia de Terras Norte do Paraná), empresa de capital inglês, investiu no planejamento da cidade e, na década de 30 e 40, foi hegemônica. Engenheiros contratados pelos ingleses deram início a um projeto imobiliário que seria seguido pela racionalização do espaço, seguindo-se então os anos marcados pelo progresso, assim como a fama da região em gerar dinheiro fácil. Claro que para ganhar esta fama Londrina contou com o jornal Paraná-Norte, o primeiro a circular na cidade, em 1934. Arelado ao projeto da CTNP, servia como veículo de promoção e divulgação de vendas de terras na região. Circulando com o patrocínio da Companhia, este periódico era um instrumento de publicidade que, junto com a divulgação oral a respeito dos benefícios que a região oferecia, contribuía na estratégia de vendas promovidas pela empresa inglesa, além de reproduzir seu discurso de que naquela região se fazia riqueza com facilidade. Mas não só o jornal circulava entre os corretores de terras e caçadores de oportunidades; também faziam parte dos mecanismos de sedução “panfletos, cartazes, mapas da região, fotografias de mandiocas gigantes, pés de cafés, altos e

⁴³ Referente ao italiano Cesare Lombroso (1836-1909), especialista em antropologia criminal. Suas teorias tentavam “prever” o *delinqüente nato* a partir de suas características físico-anatômicas, como o formato do crânio, por exemplo. Assim, características fenotípicas, crime e desvio sexual estariam estreitamente interligados, sob esta ótica, determinando a degenerescência do sujeito analisado.

⁴⁴ HARA, Tony. *Caçadores de Notícias: história e crônicas policiais de Londrina – 1948-1970*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000

⁴⁵ BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens: prostituição e vida boêmia em Londrina – 1930-1960*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998

⁴⁶ TOMAZI, Nelson Dácio. *O Norte do Paraná: História e Fantasmagorias*. Dissertação (Doutorado em História). Departamento da Universidade Federal do Paraná, 1997

⁴⁷ ADUM, Sônia M. S. Lopes. *Imagens do Progresso: civilização e barbárie em Londrina (1930-1960)*. Dissertação (Mestrado em História). Depto. De História da UNESP, campus de Assis, 1991

⁴⁸ ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: Londrina e o Norte do Paraná (1930-1975)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Depto. De História da USP, 1993

garbosos, anúncios em rádio e até mesmo filmes 16 mm gravados pelo cinegrafista e corretor da Companhia, Hikoma Udihara”⁴⁹.

Inerente ao discurso estruturado pela CTNP, baseado no tripé *segurança, ordem e progresso*, condicionava-se uma forma de desenvolvimento sistêmico da cidade, divulgada como Terra da Promissão, o Novo Eldorado, a Nova Canaã. Mas a realidade estava distante do que era propagado pelo jornal, já que nos primeiros anos da cidade uma densa mata cercava a clareira aberta. Londrina, uma cidade planejada, cresceu sob os olhos vigilantes da Companhia de Terras, controladora da comercialização do solo urbano. Conforme a historiadora Sonia Adum tratava-se de:

“(...) um projeto imobiliário que tinha a proposta de ordenamento para que o espaço não saia de sua esfera de dominação. A Companhia de Terras tinha o controle sobre o crescimento e a forma da cidade, bem como, os mecanismos necessários para a manutenção da ordem proposta”⁵⁰.

O interessante é que os projetistas urbanos previam até mesmo a localização da zona do meretrício, localizada na Rua Rio Grande do Sul. Nas décadas de 30 e 40, portanto, Londrina foi se expandindo junto aos interesses da Companhia de Terras, de acordo com o ordenamento, o controle dos corpos, das mercadorias e as normas da higiene, da ciência e do funcionalismo. Os saberes técnicos e urbanísticos pareciam funcionar como um casamento bem sucedido entre a teoria e a prática. Ao estrear a Estrada de Ferro São Paulo – Paraná, Londrina estava enfim interligada ao mundo civilizado, ganhando a oportunidade de participar do mercado mundial. A mando dos empreendedores ingleses, a primeira clareira aberta, em 1929, era de 10 alqueires, passando com o tempo para os 120 alqueires. Os planejadores imaginavam ser esta extensão um núcleo suficiente para abrigar 30 mil pessoas; pelo menos era o que se esperava no início dos anos 30. Mas os trens acabaram trazendo muito mais pessoas do que se previa; uma multidão ia se acomodando em loteamentos clandestinos, se espalhando pelo cenário e frustrando o sonho de ordem imaginado pelos ingleses. Ainda não tinham passados 15 anos e a população superava a marca imaginada pelo projeto inicial da Companhia de Terras. Segundo Tony Hara, no entanto:

⁴⁹ HARA, Tony. *Op. Cit.*, p. 02

⁵⁰ Cf. *Idem, ibidem*. p. 05

“Se por um lado o planejamento urbano fracassou por causa do inchaço da cidade, por outro significou êxito para a Companhia de Terras, pois conseguiu dessa forma valorizar a sua mercadoria pelo conjunto cidade-campo que se desenhava na região colonizada”.⁵¹

A via férrea, como parte integrante primordial na formação do núcleo urbano, acabou dividindo a paisagem londrinense. “Acima da linha”, como ficou conhecida a região, diversificou-se o comércio, os serviços especializados, a rede bancária e os bairros residenciais mais valorizados, concretizando-se como o centro da cidade. “Abaixo da linha” ficaram os lotes menos valorizados, junto das atividades econômicas secundárias. Delineava-se, com isso, uma divisão de território típica dos planejadores, já que segundo suas lógicas o corpo da cidade e o corpo da população estão interligados numa lógica que não deve fugir ao controle.

O manejo e a definição dos espaços, fluxos, hierarquias e fronteiras reais e simbólicas, no planejamento de Londrina, escondem um conteúdo político que objetiva uma técnica higiênica de esconjurar os males da cidade. Racionalizar e domesticar a natureza e o curso da história são anseios ligados a um ocidente marcado pela era industrial. A questão não passou somente pela colonização de corpos e pensamentos, mas de espaço e tempo. O monopólio do real serviu ao discurso dominante para sua própria perduração e benefício; não é algo que passou ileso, entretanto, no jogo de dados que é o *acaso*:

“Por mais que se esforçasse o time de capitalistas e engenheiros que projetaram a cidade, não havia como conter as indeterminações, os desejos, os acasos, as contradições, as incongruências às quais a vida urbana estava sujeita. Como a colonização era recente e moderna, capaz de mobilizar e deslocar homens e mulheres de todos os quadrantes do país e do mundo, Londrina ficou marcada por uma heterogeneidade cultural (...)”.⁵²

⁵¹ *Idem.* p. 06

⁵² *Idem.* p. 07-08

Esta heterogeneidade resultou do encontro entre um processo modernizador e o modo de vida rural. Ficava difícil manter a ordem das relações no seio desta massa tão heterogênea, atrapalhando a tão sonhada marcha do progresso. Tanto que, em fins dos anos 40, diretores da Companhia de Terras perceberam a perda do controle, forçando uma reorientação da política urbana.

No final dos anos 40 e durante os anos 50, a elite enriqueceu com o café, este se consolidando como uma monocultura. Símbolos de status tomavam as ruas, em formas de carros, e a vida doméstica, com as modernas novidades preenchendo o tédio das donas de casa. As botiques se sintonizavam com a moda dos grandes centros, caracterizando-se como ponto de encontro entre mulheres que freqüentavam os salões de clubes sociais, assim como entre amantes e prostitutas da zona do meretrício. Na década de 50, a área central de Londrina crescia verticalmente, o que contribuía como mais um sinal de progresso e enriquecimento da cidade.

Os jornalistas tinham uma percepção de que a urbanização acelerada era a concretização de um sonho coletivo. Os empreendedores da nascente especulação imobiliária viam na trajetória da cidade uma linha linear e homogênea, bem ao gosto positivista. Desejava-se propagar a idéia de um orgulho coletivo, em relação às novas construções, às novidades tecnológicas e automobilísticas que penetrava na cidade, agora tida como participante da civilização e da modernidade, não mais relegada ao isolamento esquecido. O dever do sentimento de orgulho não só deveria estar reservado à elite, mas também àqueles que não tinham acesso aos patamares de uma cidade modernizando-se. Um arranha-céu que se levantava já era sinônimo de conquista e demonstração de força do povo londrinense, com seu espírito empreendedor. Mas na periferia, mais e mais loteamentos clandestinos e invasões de terrenos públicos se alastravam, substituindo os cafezais da região por barracas construídas à base do improvisado com madeira e lata de querosene e óleo.

A grande leva de trabalhadores atraídos pela publicidade de riqueza, vindos principalmente do nordeste, desembarcavam na rodoviária e ferroviária de Londrina; festejados nas décadas anteriores, tais forasteiros começaram a representar perigo social. Órgãos da polícia e da saúde pública chegavam a investigar a origem dos recém-chegados, mas não se podia conter o alto fluxo de pessoas. Logo que desembarcavam, os trabalhadores já eram enviados para o campo, caso fosse época de colheita ou de

formação de cafezais. Do contrário, seguiam em direção ao oeste, onde o desmatamento, a abertura de estradas e a criação de cidades exigiam força braçal.

De 1940 a 1950, a população do norte paranaense passou de 340.499 para 1.029.025, ocorrendo também a inversão de proporção entre a população rural e urbana. As desigualdades eram evidentes, fazendo da ordem uma questão incerta. Com isso, a elite da cidade abriu mão da força policial para coordenar as possíveis tensões da cidade. Uma estratégia usada pelo poder municipal e policial, juntamente com o apoio das elites locais, foi a de estigmatizar e demarcar uma zona, onde personagens inadaptados aos padrões de ordem como prostitutas, malandros, vadios e desocupados estariam confinados num espaço de fácil discernimento. A violência policial ganhava assim uma certa justificativa e legitimidade em relação ao território que deveria ser saneado. Denúncias contra os abusos policiais eram abafadas pelo discurso que exigia controle e repressão na zona do meretrício, o que poderia incluir qualquer transeunte daqueles espaços decaídos tão mal vistos pelas pessoas do centro.

A polícia agia por suspeição, daí o termo “levado para averiguação” ter sido tão corriqueiramente utilizado nas colunas policiais de jornais londrinenses. Essa técnica de suspeição significa que qualquer um era potencialmente culpado, até que se provasse o contrário. O Capitão Pimpão, como era conhecido o delegado Aquiles Ferreira Pimpão, era lembrado com temor nos discursos de quem já tinha passado pela provação de suas práticas severas. Segundo se diz, após serem presos, os suspeitos apanhavam, eram colocados no camburão, e posteriormente, levados ao rio Tibagi em número de dez ou quinze. Depois de levarem algumas chicotadas, eram forçados a tomar óleo de rícino e só então jogados no rio⁵³.

Tal prática do delegado Pimpão acarretou num certo atrito com representantes comerciais de firmas paulistas, cujos viajantes passavam pelas mesmas experiências vexatórias e prisões injustificadas que muitas outras pessoas. Mas logo a força policial estabeleceu o que seria ou não tolerável para a sociedade londrinense, sendo a elite a classe social que obtinha da polícia suas próprias regalias e tolerâncias. Tanto clubes “de fachada”, encobrindo jogos, como os cabarés de cafetinas protegidas por “coronéis” do café, políticos, comerciantes abastados e corretores de terras eram espaços que se mantinham intocáveis, funcionando sem grandes problemas. O que não ocorria com os

⁵³ MARINÓSI FILHO. *Dos Porões da Delegacia de Polícia*. Londrina: Gráfica Técnica de Londrina / Canadá Produções Didáticas S/A, 1979. p. 04

jogos de azar e as pequenas rodas de carteadado, que a repressão policial tratava logo de extinguir. Meretrizes fazendo presença nas ruas, o famoso *trottoir*, também sofriam perseguição do policiamento.

A Companhia de Terras Norte do Paraná, como todo império hegemônico, não teria seu reinado garantido eternamente. Na década de 50, perde de vez seu poder cristalizado quando os ingleses transferem a CTNP para um grupo de investidores nacionais. Foi então que a colonizadora passou a ser chamada de Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Durante a 2ª guerra, o governo brasileiro havia proibido a posse de terras por grupos estrangeiros; outro fator que contribuiu para a transferência da Companhia de Terras foi a política nacionalista de Getúlio Vargas, cobrando altos impostos sobre o capital estrangeiro aqui aplicado. Além do mais, a procura de lotes era baixa, em relação às previsões iniciais⁵⁴.

Em intensidade e número, via-se no centro da cidade cada vez mais concreto elevando-se em todo lugar, diferente das regiões periféricas, que se alastravam pelas margens da cidade. Com a circulação de produtos e riquezas, não só jornalistas, mas indivíduos ligados à política, corretores e construtores compravam máquinas, linotipos, clichéria, alugavam uma sala com telefone, corriam atrás de anunciantes e já estava montado um jornal. Um grande número de jornais foi criado à base de puro improviso, com periodicidade irregular e existência efêmera, mas todos apontavam para um sinal, a modernização de Londrina e a formação de uma camada social consumidora de produtos e serviços.

A saudável convivência entre jornalistas e a elite do café estava no fato dos primeiros escreverem a história de sucesso dos segundos. A “Folha de Londrina” foi o jornal que, se não eleito, se auto-elegeu como representante oficial dos interesses das elites do café, apoiando aquele que estivesse no poder. Talvez a “neutralidade” e sua boa convivência com órgãos públicos tenha sido o motivo deste jornal persistir até os dias atuais.

Com a urbanização e o crescimento da cidade, as situações tornam-se ainda mais complexas e imprevistas. Na famosa Rua Rio Grande do Sul, enfileiravam-se pensões, casas de tolerância, bares e cabarés. Artistas consagrados do rádio eram convocados a se apresentaram nas boates mais famosas da cidade, como foi o caso de Cauby Peixoto, Linda e Dircinha Batista, Ângela Maria, Grande Otelo, Carlos Ramirez, Isaura Garcia,

⁵⁴ ADUM, Sonia. *Op. cit.*, p. 136

Nelson Gonçalves, Roberto Luna e mesmo as famigeradas Luz del Fuego e Elvira Pagã. A zona do meretrício acabou, portanto, se tornando o principal ponto turístico da cidade, na época. De acordo com Tony Hara:

“As placas de *néon*, o volume dos jogos, a rotatividade das mulheres, os carrões estacionados nas ruas pavimentadas, a música, as bebidas caras e os restaurantes de primeira linha demonstravam a prosperidade do variado comércio confinado no meretrício. Prazer e desconforto, na percepção da elite do café que se formava, eram combinações do passado. Ao longo da década de 50, o duo café & cafetinas mostrava a sua força na cidade. A sociedade do improvisado, dos primórdios da colonização, cedeu lugar ao luxo e ao requinte das grandes boates, com espetáculos *glamourosos*, com a vida noturna intensa (...)”.⁵⁵

A euforia do café, tomando conta da cidade, acabou por embaralhar espaços chamados sadios, referentes ao centro, e doentes, em relação às margens. Isso fez com que alguns jornais e a própria população exigissem a repressão à marginalia e o reconfinamento de meretrizes que vagavam no centro da cidade. Afinal, segundo o discurso da classe dominante e mesmo o de jornalistas, caso as prostitutas fizessem parte da paisagem urbana, dificilmente seriam distinguíveis das mulheres “decentes”, daí a necessidade do confinamento. Somente junto de suas cafetinas, docilizadas abaixo de um teto é que as prostitutas eram poupadas das críticas e do ataque da população em geral. A distinção entre *centro* e *margem*, na cidade de Londrina, se fazia também em relação ao *alto* e *baixo* meretrício.

A prostituição a céu aberto, o *trottoir* realizado por mulheres à noite era caso de polícia. Este tratamento para com as meretrizes londrinenses, desde os seus primórdios, foi uma prática estendida nos anos seguintes. As travestis, em Londrina, herdaram essa prática policial punitiva da “vadiagem” à céu aberto, numa Londrina já firmada como uma das maiores cidades do Paraná. Surgindo em pequenos grupos, na segunda metade da década de 70, intensificando-se em número no início dos anos 80, travestis “natas” e mesmo algumas forasteiras travavam amizades e freqüentavam boates e bares da avenida Tiradentes, famosa pelo único Shopping da cidade na época, o Com Tour. Numa rua ligada à avenida, localizava-se uma boate muito freqüentada pelas travestis,

⁵⁵ HARA, Tony. *Op cit*, p. 34

chamada Estilingue. Ali próximo, outro bar fazia fama por receber, com freqüência, a visita ruidosa dessas personagens noturnas. Prostituição e diversão se confundiam, já que tudo se realizava em avenidas e ruas próximos dos bares e boates freqüentados pelas travestis. Edson B., um ex-travesti natural de Presidente Prudente e que terá o caso comentado posteriormente, declara:

“A década de 70 foi muito gostosa, apesar de muita violência... e... de 80, foi muito bom, em Londrina era maravilhoso, porque era uma cidade rica, cidade do café, os programas aqui eram milionários, nossa, tinha noite que você tinha que dispensar cliente (...) e você não queria mais ver pinto de homem, você num queria mais ver homem, cê queria ir pra casa ou sair pra se divertir! (...) a gente entrava em tudo o que era casa noturna (...) não tinha discriminação, não tinha porra nenhuma. Tinha lugares que a clientela esperava a gente chegar, por causa da elegância, né?... do glamour”.⁵⁶

Londrina foi uma das cidades do interior do país que mais enviou travestis para a Europa. Durante o *boom* das travestis no país, nos anos 80, a cidade via aumentar o número delas, principalmente nas avenidas e esquinas antes exclusivas da prostituição feminina. No espaço público, não se trata mais do tolerável travesti dos bailes de carnaval, mas do inoportuno ser ambíguo no cotidiano, fora da esfera festiva que permite as inversões, ou seja, agora ele festeja e inverte valores à luz do dia, mesmo tendo hábitos noturnos. Como diz Hélio Silva:

“(...) O que o travesti histórico suscita não era apenas o deboche, mas também um sentimento de mistério e um ambíguo respeito, sobretudo quando o papel teatralizado era convincente e bem desempenhado, quando, enfim, o personagem realmente confundia”.⁵⁷

A prostituição, como um fator comum à vida das travestis, seja pelo amor conjugal malgrado, a impossibilidade de um emprego público ou pelo simples prazer do desabrigo das ruas e dos sujeitos desconhecidos que entram em contato íntimo, é o

⁵⁶ Entrevista realizada com Edson B., na instituição Adé-Fidan, em 18/06/2004

⁵⁷ SILVA, Hélio R. S. *Certas Cariocas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/RioArte, 1996. p. 20

lugar onde encontram as mais variadas, intensas e imprevisíveis situações eróticas, de amizade e de confrontos. Na esfera da prostituição, é comum a briga por territórios e clientelas, ainda mais no caso de figuras que tanto valorizam a aparência, como as travestis, que se modelavam sabendo de todos os riscos que o largo uso do hormônio e do silicone industrial ofereciam. Em Londrina, nesse momento, eram três os lugares conquistados pelas travestis: Rua Quintino com Benjamin Constant, próximo à extinta loja HM, Rua Benjamin Constant entre a Praça Rocha Pombo e o Museu Histórico de Londrina; e, por último, a Avenida Duque de Caxias, onde trabalhava um grupo mais elitizado de clientes, compreendendo também as ruas Maranhão, Sta. Catarina e Mato Grosso.

Entre as travestis que ocupavam esses territórios, havia toda uma etapa pela qual deveriam ou não passar. No ponto de prostituição localizado em frente à loja de eletrodomésticos HM, estavam as que se vestiam de mulher, mas não tomavam hormônio nem aplicavam silicone. No ponto próximo ao Museu Histórico, as travestis já eram hormonizadas, com uma certa mudança operada no corpo. Já na Avenida Duque de Caxias e Rua Brasil, ficavam as travestis mais “mulheres”, já tendo morado em São Paulo ou na Europa. Elaborava-se todo um código de ocupação de espaço, condutas em relação às substâncias relacionadas à escultura afeminada do corpo e às gírias atípicas envolvidas.

A década de 1980 foi o momento mais oportuno para todo tipo de experimentação, tanto nas cidades do interior como em lugares do exterior: Espanha, França, Itália. Entrar ilegalmente num país não era tarefa fácil, já que se trata de uma imigração ilegal, totalmente informal. Geralmente as travestis contavam com a ajuda de caminhoneiros, que se tornaram figuras muito estimadas por elas. Próximos no nomadismo, na falta de lugar e na errância, travestis e caminhoneiros se encontravam não só na solidão compartilhada, mas nas aventuras sexuais efêmeras. Escondidas nos caminhões, as travestis atravessavam fronteiras clandestinamente, e, já no exterior, em poucos dias se arranjavam. Procuravam avenidas, esquinas com o “aroma” da prostituição, da “decadência chique”. Diz a travesti Fernanda, sobre os percursos para se penetrar clandestinamente na Itália, em seu relato autobiográfico:

“Com frequência entram através da França, pela fronteira de Ventimiglia. Ou pela Suíça (Chiasso ou Locarno). Atravessam a fronteira escondidos dentro de

caminhões com a cumplicidade dos caminhoneiros. Ou então entram pela Áustria, ou pela Iugoslávia, atravessando as montanhas, de noite, a pé. Eu passei duas vezes pela fronteira de Ventimiglia escondida dentro de um caminhão. De outra vez passei tranqüilamente sentada no carro de um senhor que conhecia bem a polícia de fronteira. Às vezes acontece alguns entrarem com documentos falsos. Conheço histórias de trans que passaram, enganando a polícia, com passaportes de mulher.

Todos os problemas que hoje os trans encontram para entrar na Itália são conseqüências das desordens que aconteceram depois da chegada em massa. Os primeiros que chegaram na Itália – nos anos 85, 86 – chegavam tranqüilamente como turistas no aeroporto de Fiumicino. Ou então de trem. Em 86 desembarcaram vinte e seis transexuais⁵⁸ no porto de Gênova. Tinham deixado Barcelona num navio, todos tiveram vistos de turistas. Hoje, nem com dez milhões no bolso eles te dariam o visto. Só deixam entrar se você tem um trabalho ou casa de família para onde ir”.⁵⁹

Mas se “arranjar” onde se é “forasteiro” desperta muitos olhares desconfiados, ainda mais quando o assunto eram ruas já ocupadas, onde a clientela freqüentava em maior número e intensidade. Há muitos casos em que as travestis mais inveteradas dominam o espaço, contando com a ajuda viril de um cafetão ou mesmo da polícia. Para a prostituição em tais territórios mais lucrativos, o cafetão ou a própria travesti mais velha impunham pedágios e multas. Elisa, uma famosa transexual que controlava a região de Pigalle, em Paris era ajudada por árabes, além de colaborar com a polícia. Elisa sabia quando saía uma travesti do Brasil e o dia em que chegaria em Paris. Numa Mercedes, acompanhada por alguns árabes, dizia suas condições; caso não fossem aceitas, fazia com que o forasteiro fosse expulso imediatamente. Uma travesti brasileira, cansada dos abusos, pôs fim ao reinado de Elisa, assassinando-a brutalmente em frente a seu apartamento.

É recorrente no discurso das travestis brasileiras, que arranjaram confusões no exterior, citarem uma certa inveja das travestis européias, na época, em relação à

⁵⁸ O termo “transexual”, aqui utilizado, refere-se à concepção italiana dessas figuras. Denomina, portanto, tanto a travestis que se submeteram à cirurgia de mudança de sexo quanto aqueles que não operaram, mas optaram por uma permanente aparência feminina à custa de hormônios e silicone.

discrepante beleza e performance das brasileiras. Para estas, o calor dos trópicos à flor da pele despudorada das travestis brasileiras só poderia mesmo chamar a atenção da clientela. Em Madri, a ocupação e a atenção que as travestis brasileiras despertaram chegou a tal ponto que, diante da situação “inflamada” com as de Madri, acabou-se gerando um grave conflito, na disputa do território central da cidade, como relata Edson B., que lá esteve neste momento:

“Nós já chegamos com o cabelão, com silicone no corpo, prótese, belíssima, todas bronzeadas, a gente enlouqueceu Madri! E aí as espanholas todas montadas, aquele bando de dragão andando, parecendo uns monstros, e aquilo [as brasileiras] incomodava... e uma época teve uma briga, entre as brasileiras e as espanholas, que a gente se enfrentou, numa das avenidas mais importantes de Madri, pra resolver quem que ficava na área central. Por sinal, inclusive a população escolheu as brasileiras. No dia da briga, homem, aquela ‘coisarada’ toda, a clientela, eles desceram junto com as brasileiras, não subiram junto com as espanholas, que era da sua terra. E foi muito interessante, nossa, a gente foi capa de jornal, noticiário do dia, porque fomos atrás, todo mundo com faca, pedaço de pau, a gente foi pra resolver. Ficar e ficar mesmo, senão ficar a gente vai matar. E aí até a polícia acabou concordando, e a gente escolheu uma área bem longe da gente pra elas ficarem, e elas ficaram lá. ‘A hora que vocês começarem a ficar bonitinha, e ser uma concorrente de igual pra igual, aí vocês podem se misturar junto com as brasileiras!’ (...) Em Madri (...) era um festival (...) de *drag queen* (...), pra eles travesti era aquilo, pra nós não. Era uma coisa bem próxima da mulher, aquela coisa de chegar o mais próximo possível, a gente não era só o silicone, tinha toda a transformação do trabalho do hormônio”.⁶⁰

Tais fatos, recorrentes em vários lugares da Europa, chamaram a atenção do poder público. Várias brasileiras iam presas, por estarem levando tanto dinheiro “ilícito” para o país de origem. A vida na prisão é uma questão interessante porque se cria uma sociabilidade reinventada, com os códigos ali gerados. Em alguns lugares da Europa, a

⁵⁹ ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de. *A Princesa: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das brigadas vermelhas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p 154

⁶⁰ Entrevista realizada com Edson B., em 18/06/2004

ala das travestis ficava separada das demais, o que não impede certas aproximações, contatos proibidos, bilhetes e anotações trocadas, como narra em sua autobiografia a travesti paraibana Fernanda Albuquerque⁶¹, presa em Roma nos anos 1980, por prostituição e tentativa de homicídio. Fernanda, travando amizade com um líder das “Brigadas Vermelhas” através de bilhetes que ultrapassavam portões, concede uma entrevista ao mesmo. Falando línguas diferentes, recriam uma entre si que os aproxima, um português misturado com italiano e vice-versa. Para Maurizio, o ex-líder das “Brigadas Vermelhas” condenado à prisão perpétua por terrorismo e seqüestro, um novo mundo, estranho ao seu, se abria nos relatos que desenhavam a vida de Fernanda. Primeiramente, ele enviava um surrado caderno contendo algumas perguntas para ela, que depois o devolvia com as respostas, passando de pessoa a pessoa e desviando, a muito custo, das perigosas vigilâncias.

Fernanda também estivera durante um tempo em Madri, na década de 1980, passando pelas mesmas dificuldades relativas a uma acirrada disputa por espaço e por clientela, relatadas acima pelo londrinense Edson B.. Como naquele momento estavam presos em Roma, Maurizio pergunta a Fernanda qual a relação entre as travestis brasileiras e as italianas, se tinham o mesmo problema de “erro de calçada” encontrado em Madri. Fernanda tem um discurso próximo do de Edson, quanto à exuberância presente nas performáticas travestis do solo tupiniquim, destoando com a frieza das européias:

“O motivo é que os clientes europeus, sendo muito viciosos⁶², gostam que o trans dê *show*. Os europeus vêem que os brasileiros se mostram mais, são mais espetaculares do que os trans milaneses ou romanos. Depois, os trans brasileiros satisfazem o cliente de todos os jeitos, coisa que às vezes os trans italianos não fazem. Muitos clientes dizem que vêm conosco porque somos mais femininos e mais divertidos do que os trans italianos. Por isso os trans europeus perdem os seus clientes.

Os clientes italianos são realmente viciosos. Eles gostam de ver caras novas. Um cliente que passa toda semana e vê sempre as mesmas caras vai com a primeira

⁶¹ ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de. *Op cit*

⁶² É interessante notar as diferenças feitas por Fernanda, em relação aos clientes que teve no Brasil e na Itália. Para ela, os europeus são muito mais educados e menos violentos que os clientes brasileiros, mas têm gostos sexuais incomuns, em sua maioria, se comparados com suas experiências na terra natal.

novidade que aparece. E aquela novidade somos nós. Há também o caso dos clientes fixos. Lembro-me que em Milão tinha um cliente que saía muito comigo e que tinha medo da delinquência dos outros trans”.⁶³

Em Londrina, a remoção das travestis das ruas, por “vadiagem”, era o principal motivo das apreensões. Um famoso vereador da cidade, na década de 80, dava a ordem de recolher as travestis, colocavam-nas no “paredão” em frente à delegacia da Rua Sergipe e o “castigo” era ali aplicado: chamava o bombeiro e, com mangueiras de alta potência, esguichava nos corpos emparedados. Toda uma produção de horas em frente ao espelho era desfeita ali em segundos, com perucas, brincos e colares pelos ares. Apesar de algumas travestis, em Londrina, andarem em bando, não tinham como recorrer à justiça, já que o próprio poder judiciário fazia vistas grossas a quem não tivesse uma família, um emprego e uma residência fixa. Em São Paulo, já havia uma participação coletiva entre as travestis apelando à justiça, devido a certas situações vexatórias que passavam com o poder policial. Na capital paulista, no final da década de 70, houve um curioso acontecimento relacionado à mobilização de travestis à procura de seus direitos contra tais abusos. João Silvério Trevisan narra o caso:

“O delegado Guido Fonseca, um dos responsáveis pela (...) onda de repressão aos travestis em São Paulo, calculava que em 1976, só nessa cidade, haveria em torno de 2.000 deles trabalhando na prostituição; numa única delegacia, ele contou 243 travestis fichados. (...) Visando garantir seu direito de estar em via pública, sem serem acusados de vadiagem (...), muitos travestis solicitaram e conseguiram, no final da década de 70, que a Justiça lhes fornecesse habeas-corpus, que carregavam na bolsa. Num gesto (...) de sua impune arbitrariedade, a polícia brasileira passou a apreender esses documentos, rasgando-os, provocadoramente, diante dos próprios repórteres”.⁶⁴

Em Londrina, as travestis Joana Baiana, Saara Santana, Minervina (ou Neiva), Minibi, Silvia e Patrícia foram as primeiras a fazer da cidade não mais um paraíso boêmio ligado exclusivamente à prostituição feminina, na passagem dos anos 70 para os

⁶³ *Idem, ibidem.* p. 156-157

⁶⁴ TREVISAN, João Silvério. *Op cit.* p. 244-245

80. Fora dos dias de carnaval, momentaneamente livres da prostituição, tais personagens bebiam em bares, gesticulavam em restaurantes, habitavam um imaginário social. Joana Baiana era uma espécie de “madre superiora”, enfrentava policiais com a violência ou a sedução, convocava as “irmãs” e fazia reuniões sobre a organização dos “pontos” etc.:

“[Joana Baiana] conseguia comandar numa boa, os três pontos, não tinha roubo porque ela não deixava, e aquela que era de fora e que roubava, ela chegava, escalava cinco, pra gente fazer comitê de discussão. Então você ia, pegava a bicha lá na rua, ia no hotel que ela tava, ela arrumava a mala, comprava a ‘passaginha’ e a gente ficava na rodoviária (...) até a hora dela entrar no ônibus e ainda avisar o motorista que não era pra deixar perto, pelo menos uns quinhentos quilômetros longe de Londrina!”⁶⁵

Uma travesti que se tornou lenda foi Minervina, elevando-se ao status de mito na cidade, chegando a fazer parte de matéria de jornal; reinava “mistério” em torno de sua figura. Numa matéria da Folha de Londrina, de 19/02/1984, exibia-se ao fotógrafo ao lado de Xana, uma travesti japonesa. Uma página inteira dedicada a todas elas, com o título “Telma eu sou gay”⁶⁶. Com as maçãs da face cuidadosamente esculpidas, os lábios feminis, longos cabelos negros presos com uma flor na lateral, unhas pintadas, vestido decotado e bolsa, o “mito” Minervina mostrava-se em carne e osso. Uma longa matéria esmiuçava o cotidiano dessas estranhas figuras, cuja presença na cidade não deixava a imprensa indiferente:

“A noite de Londrina tem outros mistérios – não vive só do Baixo Higienópolis: tem uma área demarcada geograficamente na qual o brilho e o paetê são os adereços primordiais. Enquanto no Baixo a moçada adere ao estilo *punk-chic* da ‘Yes, Brazil’, na zona que compreende as ruas Sergipe, Duque de Caxias e Mato Grosso, os travestis lutam por uma sobrevivência digna. (...) Linguagem codificada, o universo deste gueto é tranqüilo. Lá pinta quem está a fim de novas

⁶⁵ Entrevista realizada com Edson B., em 18/06/2004

⁶⁶ Referência à famosa música “Calúnias (Telma eu não sou gay)”, da autoria de Ney Matogrosso, contida no álbum “Pois é”, de 1983.

emoções – emoções que durante a lua cheia de uma quente noite de Londrina consegue despertar interesse em outros povos.

Paulistas, gaúchos, baianos, cariocas – nesta época de férias o gueto dos travestis rende mais. Silvia, Karina, Minervina, Marina, Alessandra, Margarida, Flora, Kaira, Fernanda, Laila, Virginia... alguns bofes... Algumas maricas aparecem para atrapalhar o progresso da noite enluarada”.⁶⁷

Trata-se de uma matéria elogiosa, de uma poeticidade adulatora e simpatizante. Dá-se a entender que a matéria foi feita durante os programas noturnos das travestis. O jornalista Odovaldo Neiva tenta passar para o leitor uma sensação de paz e tranquilidade, nesta reportagem *in loco*; serenidade só perturbada pelas visitas freqüentes dos policiais:

“A área é tranqüila enquanto os ‘homes’ não vêm. Por ‘homes’ subentendam: policiais. Eles chegam em grandes viaturas, e a correria começa. Silvia, Marcela, Kátia, Olga, Débora... todas em estado de êxtase, procuram ruas e vielas para a segurança total. Kaira, 23 anos, é casada com um bancário, mora numa casa no mais tradicional casamento (...). Kaira recentemente passou por sérias dificuldades. No ponto, situado ao longo da rua Duque de Caxias, Kaira sofreu agressões dos policiais que lhe chutaram causando vários hematomas. Kaira não podia sofrer agressões porque estava siliconizada”.⁶⁸

O fascínio do repórter o incita a transitar pelo universo subterrâneo, clandestino, de tais personagens noturnos. Becos, ruelas, a atmosfera “ilícita” e atípica desperta as mais recônditas curiosidades e especulações jornalísticas. Dos relatos das travestis, ficção e realidade parecem se embaralhar em histórias mirabolantes que fazem desconfiar e, ao mesmo tempo, crer, já que se trata de um *mundo de simulacros*, de *aparência*, não de essência e verdade. Quando escreve sobre Minervina, Odovaldo reserva todo um cuidado caprichoso, já que a inteligência e a beleza da mesma destoam com o resto do grupo. Sua feminilidade gritante não deixa escapar um só gesto rude:

⁶⁷ Folha de Londrina de 19/02/1984

⁶⁸ *Idem*

“Um capítulo à parte na novela ‘gay’. Minervina, aos 27 anos, divide seu tempo entre Londrina e Paris. Isto deixa muita inveja. Em Paris tem um ‘caso’ rico (ela confessa), trabalha no Carrosel, vê espetáculos, teve a ‘audácia’ de ver a versão original de ‘Piaf’ e ‘Evita’, enquanto nós, tristes terceiro-mundistas tivemos que nos conformar com a versão carioca que tinha a cantora Claudia encabeçando o elenco. Minervina não é exibicionista, não: mostra todos os documentos dos carros, da casa com piscina que mantém num bairro ‘in’ de Londrina, o passaporte, os ingressos dos espetáculos que já viu em Paris. E, no final, nos convida para um chá às cinco horas onde podemos ouvir as gravações importadas dos neo-clássicos da Escola de Paris que ela guarda com certo orgulho. Outro detalhe: Minervina é existencialista, leu toda a obra de Simone de Beauvoir no original francês e fez uma temporada com um show de variedades no teatro do *Champs Elisés*, de Paris, onde empolga *sheiks* do petróleo. Gente fina é outra coisa. Talvez, por isso, Minervina desperta muitas paixões. Mais outro detalhe: Minervina recebe por seus ‘serviços’ em dólar ou em franco – isto vai depender onde esteja”.⁶⁹

Após arrecadar uma quantia financeira razoável, tempos depois, Minervina decidiu fazer a operação de mudança de sexo, no exterior. Mas ainda organizava festas na sua famosa mansão em Londrina, com as antigas amigas. É com nostalgia que as travestis, hoje, lembram dos anos 80, uma era de promiscuidade juvenil e experimentações ilimitadas. Todo um horizonte boêmio se abria. A prostituição não era uma experiência necessária, financeiramente, para grande parte delas. Se a praticavam, era por prazer e diversão, apesar dos perigos e acasos que a permeiam.

Não se restringindo ao universo de prostituição das travestis, o repórter da Folha de Londrina investiga também os variados motivos da clientela, uma miríade de personagens à procura de prazeres noturnos. No tocante aos clientes, a aparência engana tanto quanto a da travesti, que aprende a ter um olhar mais aguçado com relação a certos “machos” exacerbados que são “moças” em segredo. Mas, obviamente, não se trata de uma regra.

⁶⁹ *Idem*

“Mas gaúcho não é machão, tchê? – questiono a Eduardo em seu Gol-83 vindo de Porto Alegre para Londrina a serviço de uma firma de engenharia. ‘Gaúcho é machão de dia, à noite vira bruxa e haja vibração e loucura. ‘Sou uma pessoa aberta. Não acredito na divisão sexual. Essas pessoas estão aí para nos proporcionar prazer.’ Outro liberado vindo dos pampas”.⁷⁰

Chegando à cidade, a clientela, segundo os termos da época, podiam viver situações “ets-sexuais”, numa provável referência a experiências plurais, não descartando com isso os perigos das doenças venéreas. Além de um período carnavalesco, os anos 80 não foram tempos onde o uso de preservativos era um fato comum. Estigmatizada e estereotipada, a comunidade gay foi vista como a causa da epidemia milenarista. Em relação às travestis, um estigma interessante é o da gilete. Muitas, no camburão da polícia, cortavam os próprios braços e pernas para forçar uma ida ao pronto socorro, preferindo passar a noite no hospital a sofrer abusos policiais na delegacia. A “vadiagem”, termo comum usado pela literatura policial, era um dos principais motivos de apreensão das travestis, que faziam presença em praças públicas e ruas “suspeitas” em geral. Porém, quando não abordavam de forma violenta, os próprios policiais eram objetos de fetiche de muitas travestis, ainda mais quando se permitiam ser subornados com serviços sexuais.

Fetichizar figuras fardadas, tão ligadas ao abuso do poder, da violência, era um ato comum da inspirada imaginação erótica de algumas travestis, relativizando – ou ao menos enriquecendo – visões unilaterais sobre a relação carrasco (a repressão policial) e vítima (a submissão da travesti). Quando faziam ponto em praças e ruas, próximas de usuários de drogas, chegavam a evitar a violência policial com os jogos da sedução e da aparência. Afinal, trata-se de uma teatralização do real, não com inspirações metafóricas, representacionais, mas efetivas, à base de pano e carne. Os cenários e os habitantes de uma cidade como Londrina parecem estar profundamente imersos na tragicomédia das travestis, tanto figuras noturnas como drogados, traficantes, “perversos” como agentes do poder e da vigilância. Toda uma miríade de ações e personagens estão intrincados numa relação de força com imprevisíveis desdobramentos: o poder que encarcera, a intolerância que aniquila, a aprovação festiva e erótica da vida, mesmo aprisionada na cela.

⁷⁰ *Idem*

Com ou sem o consentimento dos policiais, nas prisões, as travestis, como seres de erotismo aguçado, ali mesmo, na negatividade das celas, do mau cheiro e da sujidade. Com as travestis, uma atmosfera sexual parecia fomentar ainda mais os presos. Às escondidas ou às claras, a sexualidade nas prisões se manifestava com ainda mais evidência, na presença desses “homens-mulheres”. Cenários muito próximos, esses, da vida e da imaginação literária de Jean Genet (1910-1986). Escritor que durante grande parte de sua vida viveu em prisões por roubo e delinquência, monta seus personagens como *frankensteins* híbridos, reinventados pela infinita capacidade de criar uma realidade a partir de belas “mentiras”. Cafetões, bofes, travestis e michês, em seus livros, amam trair e traem-se, amando. É assim que define um de seus personagens: “(...) Falarei para vocês da Divina de acordo com meu humor, misturando o masculino com o feminino (...)”.⁷¹ Escritor dos crimes excessivos, das traições mais vis, dos amores mais sublimes, porque calcados na lama, Genet canta uma santificação que se faz através da maldição, da sujidade. Mas o tema do crime e da infâmia será tratado num outro capítulo, posteriormente.

A partir de cenários permeados pela norma e pelo desvio, portanto, resta aqui citar rapidamente os quatro personagens que terão uma análise mais pormenorizada, neste projeto. Os nomes, se citados no feminino ou no masculino, serão da particularidade referente a cada caso, a cada personagem no decorrer do texto, a saber: Ana Paula, Bartolomeu L. B., Skarlet O’Hara e Edson B. O período concernente à pesquisa vai de 1972 a 1989, num cenário sempre em mutação de uma cidade com tanto afã modernizador, como Londrina.

Como já foi dito, trata-se de uma cidade intrinsecamente ligada a um planejamento urbano racionalista. Ela se insere, portanto, numa concepção de mundo dirigida a tecnologias de controle social. O progresso é uma espécie de religiosidade moderna, sacralizado pelas práticas discursivas e técnicas de poder encravando no horizonte humano uma “necessária” teleologia redentora, seja para os religiosos cristãos, seja para comunistas e humanistas em geral. A sexualidade não desempenhou somente um papel privado, proibido, reprimido; pelas suas características históricas, é um campo onde o homem ultrapassou (ou pelo menos questionou) limites, leis e paradigmas. O próprio saber, junto às tecnologias do poder, problematizou ao extremo a

⁷¹ GENET, Jean. *Nossa Senhora Das Flores*. Trad. Newton Goldman. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. p. 66

questão da sexualidade e do sujeito, determinando o indivíduo pelas suas opções e condutas, ou seja, se estava de acordo ou não com sua bio-*lógos*, sua natureza ou sua moral definida pelo discurso da norma.

A ciência, por mais secular e cética que seja, se impõe como uma potência próxima ao poder desempenhado um dia pelo cristianismo, em seus domínios territoriais e psíquicos. As principais características de potências como estas são a imposição de normas, crenças e a criação de novos valores e verdades, levados ao grau de uma universalidade inquestionável. Mesmo a idéia de progresso, dogma persistente na atualidade, é uma “verdade” discursivamente imposta não só como “natural”, mas necessária a toda sociedade “estacionada” no tempo, no espaço, ou seja, que ainda estaria na “infância” da evolução, sejam povos primitivos ou qualquer sociedade “menor”. Mas isso não se dá sem abalos, crises ou com o consentimento generalizado, já que todo império não está imune às intempéries do acaso. Como diz Gabriel Giannattasio:

“Testemunhamos em nossa contemporaneidade um estado de completo desassossego existencial. Decorrente, em boa medida, da perda de todos os valores ou princípios transcendentais que criavam a falsa segurança de um porto seguro. Tais valores foram adquirindo na história da civilização humana distintos contornos, tendo sido chamados de Deus, liberdade, paz, igualdade, natureza, fraternidade, razão, comunismo e tantos outros nomes. O pensamento pós-moderno anuncia a falência destes valores, identificando o nosso tempo com a realização daquele fenômeno caracterizado pela morte de Deus, ou seja, com a perda de todo e qualquer critério universal de avaliação dos fenômenos”.⁷²

Desnudar uma idéia supostamente “universal” significa demonstrar seu caráter fictício, “(...) *uma criação virtual com ‘status de realidade’ [que] se esvairá junto com todo o universo conceitual que se crê a-histórico e transcendental.*”⁷³ É desta forma que, frente às operações discursivas “naturalizantes”, há a exceção de uma afirmação do *artifício*, do *acaso* e do *destino trágico* de uma existência e um universo cujos fenômenos não são propriedades intelectuais do saber humano. A crença no homem

⁷² GIANNATTASIO, Gabriel. *Próxima Parada: o haras humano*. Londrina, Atrito Art Editorial, 2004. p. 09

⁷³ *Idem, Ibidem*, p. 10

como medida de todas as coisas é a que pensa o globo e o cosmos como prontos a ser desvendados pela própria inteligibilidade humana. Este antropocentrismo é inerente à filosofia iluminista, que deixou para a posteridade valores “universais”, como o já citado progresso social e científico.

Negar uma perspectiva finalista, naturalista e “inteligível” do destino e da realidade significa uma recusa de um humanismo que tanto elogia a suposta capacidade do homem de manipular o curso da “natureza”. Clément Rosset, quando propõe uma filosofia anti-natural, quer negar que haja regras e leis tanto na natureza quanto na cultura. Na Antigüidade grega, Heráclito, Empédocles, Lucrecio e os Sofistas considerados os primeiros a fazer uma crítica filosófica ao pensamento naturalista. Friedrich Nietzsche foi um dos filósofos da modernidade que seguiu essa vertente.

Não havendo causa, efeito, necessidade, curso natural, finalista e harmonioso das coisas, a “anti-lei” que rege o universo é a do acaso e a do puro movimento *inerente* aos corpos, e não *exterior* a eles. A aprovação de um destino “trágico”, a afirmação plena das faces da existência é uma forma de movimentar-se em devires sem culpa, inocentes. O destino não faz parte de uma lógica naturalística ou finalista, já que é insondável pela razão humana.

Sob a ótica do artifício, o corpo é um instrumento, uma máquina desejante em processo imprevisível de transformação e diferenciação anatômica e cultural, principalmente na figura da travesti. A travesti é uma personagem cuja expressão e linguagem estão inscritas no próprio corpo, que é uma afirmação de si na transfiguração, na metamorfose que terá uma representação nos códigos de normas sócio-culturais, no interior do saber médico-psiquiátrico e jurídico.

Na travesti, por mais “mulher” que seja sua representação, há uma oscilação, principalmente na experiência erótica dos papéis sexuais. Oscilação no sentido de multiplicação dos prazeres, ou seja, não há o desejo de “ser mulher” como no caso do transexualismo, mas de “ser feminina”, mantendo sem culpa o órgão sexual mesmo que numa anatomia feminil. Como diz Skarlet O’Hara, travesti londrinense nascida como Agnelo Alves Costa, 38 anos, indagada sobre seu próprio corpo e sua expressão cultural:

“Eu me sinto... não é que eu me sinto mulher, eu me sinto *feminina*. (...) Pra você falar que você é mulher é uma coisa muito... muito pesada, né? (...) tento

me pôr como mulher, entendeu? Não quero ser... assim... falar que ‘sou mulher’! Eu tento me comportar como mulher, entendeu? Me trajar como mulher, tentar falar como mulher... (...) Aquela coisa... o corpo, você tem detalhes do corpo que você ainda é homem”.⁷⁴

No início da década de 80, com a proliferação dos travestis pela cidade, já não é possível conter sua expressão óbvia e tão peculiar numa província que se queria higienizada e ordenada socialmente. Mas, para o desgosto do progresso urbanizado, o acaso rompe com a linearidade das coisas. O *trottoir* das travestis as colocou em contato íntimo com atmosferas ambientadas no crime, nos atos inesperados, nas formas de prazeres “imorais”, “ilícitos”, criadores de uma cartografia-outra, fora dos códigos de disciplinarização social.

Por estar inserida numa cultura extremamente peculiar, a expressão da travesti num corpo social abala estruturas do pensamento religioso, moral, científico e, por sua presença incômoda, promove uma assimetria na esfera sócio-cultural, num movimento de transfiguração da própria condição anatômica, para (re)criar-se numa auto-modelação em permanente devir. Skarlet comenta os rompimentos causados pelo grupo das travestis na cidade de Londrina:

“A gente quebra muita barreira... nós, as travestis, primeiro ela vai de frente com a família. Que é uma entidade muito forte, depois ela vai de frente com a igreja. E de frente com a sociedade, não é verdade? Então a gente sai fora desse padrão familiar, porque com a família você tem que ser... se você é homem, você tem que ser o homem da família, você tem que seguir os padrões do pai, aquela coisa, a origem da família, que você tem que ter outro filho...”⁷⁵

Os solitários rituais iniciais do travestimento iniciam-se quase que unanimemente na infância. São práticas de rompimento com certas barreiras sexo-lingüísticas, ou seja, operações cotidianas de reconstrução de si num personagem, refletindo no espelho uma invenção performática de gênero que, durante anos, tende a

⁷⁴ Entrevista concedida por Skarlet em Londrina realizada no dia 27/8/2002.

⁷⁵ *Idem*

se aperfeiçoar. Quando analisa as travestis do Pelourinho baiano, ressalta a socióloga Neuza Oliveira:

“Lá onde os dois sexos estão aprisionados em reinos tão excludentes e polarizados, normatizados em gestos, gostos e desejos, os travestis, os transexuais e transformistas exacerbam radicalmente a fantasia andrógina, recorrendo a diferentes artifícios tais como a imitação da indumentária feminina e recursos médico-científicos (hormônio, silicone, etc.) para a perfeita transmutação. A transformação é um intenso trabalho sobre o corpo”.⁷⁶

Este ritual de metamorfose subentende não só acirramentos públicos e familiares; trata-se também de uma cisão com uma situação anterior, de si consigo, situada, no caso das travestis, em seu próprio corpo socialmente visível. Numa espécie de atualização do mito do andrógino e da mulher fálica, as travestis colocam em cheque, numa incapacidade tenaz de voltar atrás, paradigmas e valores sociais, tais como família, sexo biológico, identidade e natureza. Diz Neuza Oliveira:

“No caso do processo de inversão masculina, o rito de separação significa a recusa do homem em se identificar com os atributos designados à sua identidade de gênero masculino. Se afastar do mundo viril, abandonar suas vestes, seus gestos e suas preferências sexuais, significaria o processo inicial de metamorfose”.⁷⁷

O travestismo, não sendo um comportamento muito comum no seio familiar, logo de saída apresenta-se como um problema neste âmbito privado, agravando-se ainda mais no meio público. Apesar dos conselhos familiares, seja pela violência ou qualquer outra tentativa de persuasão, as experimentações iniciais de travestimento continuam, obstinadamente, em segredo ou às claras. É interessante que, mesmo com todos os contra-tempos imagináveis, há um caráter obstinado em não abrir mão de uma prática contra-natural, aos olhos do mundo racionalista adulto, daí sua repercussão incômoda. Uma caso ilustrativo disso é o de Ana Paula, travesti de Londrina nascida como Adão,

⁷⁶ OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Op cit*, p. 69

⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 70

em Jacarezinho-PR, 1966. Se caso será agora analisado como forma de dar um corpo empírico às teorias aqui expostas, principalmente no que concerne à ilusória verdade do sexo.

Sobre seu nome de batismo, não aparenta ter mal-estar nenhum, apesar de não considerá-lo, obviamente, adequado para sua feminilidade exacerbada. Ana Paula, nascida de uma mãe cuja gravidez era complicada, com seguidos casos de natimortos, comenta sobre uma promessa feita pela mãe, ao mesmo tempo em que justifica sua androginia e sua tendência ao travestimento:

“Ela [a mãe] fez uma promessa, que se nascesse homem chamaria Adão, e se nascesse mulher chamaria Eva. Então tudo combinou, acho que Deus tava num dia... eu não sei se ele tava no cabeleireiro, onde é que ele tava, ele falou ‘ai, deixa essa bicha nascer Eva e Adão então, metade Eva e metade Adão!’, e veio isso aqui, nasceu esse corpo.

(...)

Por eu existir, ela teve que fazer essa promessa. Então quer dizer, quer queira quer não, eu realizei, porque pra minha mãe eu era a filha e o filho que ela não teve. Então eu vim essas duas coisas, eu realizei o sonho da minha mãe. Eu era a menina, a filha que ela queria, e em certo momento eu fui o filho”.⁷⁸

Ana Paula tem um história de vida de certa forma muito comum, em relação àqueles que, desde a infância, já demonstram inclinações para o universo da feminino, improvisando vestimentas, adornos, abrindo o quite de maquilagem da mãe ou irmã, ou seja, um universo feminino se apresenta diante de olhos precoces e reluzentes: “*Pegava aqueles lençol, aqueles vestidos antigos da minha mãe, vestido de noiva, me vestia...*”.⁷⁹ Sobre o travestimento e o contato de perto com o universo feminino, quando criança, continua Ana Paula:

“Eu, com oito anos de idade, já... desde que me entendia por gente, claro, fui pra escola como uma criança normal, mas meu sonho era ficar de maior, crescer, casar com um homem loiro, dos olhos verdes, vestida de noiva... então eu saí da

⁷⁸ Entrevista realizada em 15/04/2004

⁷⁹ *Idem*

minha casa com oito anos de idade. Minha mãe me aceitava, meu pai não. Então enquanto eles pensavam que eu tava no colégio interno estudando, eu não estava, eu já tava freqüentando casas de prostituição, que existia antigamente, que era zona, cabarés. Eu era empregada. Não em Londrina, em Goiânia. Até com oito anos, eu ainda vestia roupinha normal, de homem. Depois que eu saí da minha casa, eu me transformei, com oito anos eu já freqüentava esse cabaré, eu era empregada”.⁸⁰

Ana Paula, neste período longe do ambiente familiar e imersa no cotidiano das casas de prostituição, parece sentir-se plenamente à vontade para criar a sua imagem feminina. O olhar atento a cada gesto das mulheres ali presentes, os adereços, o penteado do cabelo, a maquilagem, tudo sendo registrado por uma criança que, precocemente, já violava da forma mais espontânea possível as coerências sócio-culturais. O que provocou as reações mais hostis possíveis, ainda mais quando Ana Paula retorna para Londrina de Goiânia e passa a freqüentar praças conhecidas como antros de paqueras e programas. Sobre sua experiência nos bordéis de Goiânia e, poucos anos depois, o retorno a Londrina, diz Ana:

“Eu trabalhava durante o dia, limpava a casa, o quarto das prostitutas, e à noite eu ficava num quarto, escondido, atendia só aqueles clientes de idade. Eu não fazia sexo nessa idade, eles brincavam comigo (...). Baixo meretrício, era casa de prostituta, chamava zona, antigamente. Aí quando eu tornei (sic) pra minha casa, eu já tornei com doze anos, mas eu já tornei transformada, não como o aluno que eu saí pra estudar de casa. Foi quando eu voltei pra Londrina. Quando eu voltei pra Londrina, eu já voltei falando pra minha mãe o que que eu era, e se ela me aceitasse como eu era, tudo bem, eu gostaria do consentimento, da bênção dela. Pro meu pai eu não ligava tanto. Então eu já voltei transformada, porque na época era aqueles penteado grandão, era aqueles rabo-de-peixe, era sobancelha que a gente raspava e fazia de lápis de olho...

Eu era magrinha, bonita, fisionomia de uma menina, cabelo comprido, muito longo, cacheado”.⁸¹

⁸⁰ *Idem*

⁸¹ *Idem*

Inicialmente, seus pais não sabiam da sua presença na cidade. Seu pai foi quem a descobriu primeiro, apesar de, inicialmente, desacreditar que aquela estranha figura transfigurada fosse seu filho. Com a esposa, trava uma conversa em relação à desconfiança de que aquele pudesse vir a ser seu filho. Ana Paula relembra:

“Primeiro, meu pai não me viu na minha casa, o meu pai me viu numa praça. Eu já vestida, foi onde freqüentava o pessoal da época. A gente chamava de rodar bolsinha, a gente pegava a bolsinha e ficava rodando.(...) Então meu pai viu e foi embora pra casa, com aquilo... chegou em casa ele falou pra minha mãe “ah, eu vi fulano vestido de mulher”, foi quando minha mãe falou “não, mas ele tá na escola!”. Foi quando eu cheguei em casa, quando minha mãe me viu”.⁸²

O pai de Ana Paula tentou, a todo custo, virilizar seu filho em boates e casas de prostituição, provavelmente colocando-o nas mãos das prostitutas como uma ave introduz o alimento mastigado na boca de seu recém-nascido, cujos dentes ainda são desacostumados com o vigor da carne. Tudo em vão. Seu pai, como o meio social da época, além de desaprovar homem de cabelo comprido, observava sua feminilidade latente, seus gestos delicados e sinuosos.

Pois bem, se Ana Paula não se tornasse homem por bem, através das delícias oferecidas pelo sexo venal feminino, tornar-se-ia pela tortura. Apesar da violência sofrida, porém, a obstinação por uma mulher impossível, em constante devir, não sofre abalos, já que seus desejos, irreversíveis, não dão marcha à ré. Daí a necessidade, certas vezes, de estratégias de escape, de esquiva, frente a uma ordem androcêntrica que se rejeita a gestos suaves, como quem travasse uma guerra munido de perfumes e badulaques. Não podendo se exhibir no período diurno, as travestis, ao freqüentar as ruas somente à noite, contribuía para uma aura de mistério ao redor de si, instigando a imaginação dos adeptos da boemia da época:

“As travestis que existiam na época saíam à noite escondidas, e durante o dia você não via, era como o vento, você via uma mulher linda à noite, de madrugada... durante o dia ela sumia como um vento, você não sabia de onde

⁸² *Idem*

vinha, como vinha, a gente esperava toda a vizinhança dormir, pulava o muro, de atrás do muro da cidade, do cemitério, que trocava de roupa, que se aparecia. Era um tabu, era muito bonito, o povo adorava, mas não dava pra fazer [às claras], não era como agora, antigamente era muito rígido, o pai não podia pegar, senão... tanto é que meu pai me pegou de vestido no banheiro, meu próprio pai tentou me matar. Me agrediu, ele contratou rapazes, sete homens, me deram uma surra, quase me mataram”.⁸³

A obstinação em relação à metamorfose de si mesmas é fato quase unânime nas travestis, sendo um desejo de certa forma inexplicável, e, para elas, inviolável. Se durante as festas de carnaval conseguiam expressar-se num ambiente menos rarefeito e vigilante, no cotidiano as regras mudam, tornando-se mais severas. Mas, de uma maneira ou de outra, as travestis não abrem mão da afirmação de um corpo que se quer híbrido. Nelas, a metamorfose dos corpos mascarados e a instável relação entre masculino e feminino dão vazão a desejos “suspensos” das exigências naturalísticas e biológicas; o corpo sexualizado independe da “verdade” do sexo.

A fabricação da feminilidade, neste caso, ocorre não só sob a pele, mas nos próprios adereços e roupas com que se adornam; na verdade, é com a apropriação dos vestuários e gestos femininos que se inicia o processo de metamorfose, num travesti. Essa apropriação, obviamente, suscita os holofotes sociais. É sobre a relação do corpo com a indumentária e a performance de gênero que tratará o capítulo seguinte, realizando-se uma análise histórica das diversas épocas em que a roupa era objeto de problematizações, como uma tentativa de demonstrar uma fabricação binária dos sexos através da moda e das normas de conduta.

⁸³ *Idem*

2) O teatro das aparências e as performances desejantes

“A fiança era uns cem paus, cento e cinquenta paus. ‘Ok, boom, o dinheiro está aqui. Dá pra deixar o homem sair?’ Quinze, vinte minutos depois, vem aquele serpenteante, ondulante, cambaleante James ‘Iggy Pop’ Osterberg, usando um vestido na delegacia de polícia de Hollywood. Um vestido inteiriço. Olhei pra ele e disse: ‘Jim, isto é um vestido de mulher?’

E Iggy disse: ‘Não, Ray, vou tomar a liberdade de discordar. Esse é um vestido de homem’.”

Legs McNeil e Gillian McCain,
Mate-me por favor.

A efetiva e permanente apropriação masculina de vestidos e acessórios marcadamente femininos é um fato que, no Brasil, começou a ter grande visibilidade durante o carnaval, em meados do início do século XX. Não é de se estranhar, já que, durante esta celebração, há a abertura de um espaço de permissividades onde todo tipo de identidade (sexual ou não) se desloca, dando lugar a experiências-outras, fato inconcebível num cotidiano marcado pelo racionalismo produtivo e coerente. Este ritual brasileiro dos excessos aproxima a crítica política à folia, aliando transgressão e riso. Homens vestidos de mulheres recusam e rompem temporária e metaforicamente com seus papel de chefe de família.

Tais homens, com vidas supostamente de acordo com os padrões, durante o carnaval, se submetiam de bom grado a vestir roupas e acessórios femininos. Blocos de homens travestidos foram recorrentes desde o início do século XX, principalmente no Rio de Janeiro. Nos dias em que se segue tal festividade orgiástica, o travestimento parece ter uma função muito importante, no que se refere aos gestos histriônicos frente à ordem estabelecida. Como diz Neuza Oliveira:

“O carnaval revela-se como festa profana ritualesca e palco das mais variadas inversões: não só as sexuais, mas principalmente aquelas negadas pelo cotidiano. Da Matta o define como um espaço onde as regras do ‘pudor’ e da ‘decência’ são temporariamente arquivadas, ou invertidas”.⁸⁴

Eis uma festividade onde a dúvida sexual tem um amplo espaço para se manifestar, fazendo da oscilação incerta entre os sexos passos de dança. É um período em que o erotismo caracteriza-se como um desacordo entre o sexo genital e a performance de gênero que ali se realiza. Em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, seja nas escolas de samba, nos grandes bailes noturnos ou nos blocos de rua, o grande destaque são as mulheres encarnadas pelos homens. Em algumas escolas de samba, algumas travestis chegaram a conquistar espaços respeitáveis, como o de porta-estandarte ou mesmo nas alegorias de imitação. Em 1982, uma travesti chamada Andréa Casparelli foi destaque na escola de samba Império Serrano, imitando a cantora Gal Costa, episódio que lhe rendeu elogiosas críticas da grande imprensa. Levantando polêmicas ao participar de alegorias anteriormente reservadas às mulheres, no entanto, as travestis causavam debates inflamados:

“A presença constante dos travestis em alegorias tipicamente femininas tem gerado polêmicas no interior das escolas. As mulheres sambistas reagem, sobretudo quando se tratam de premiações. São contra a inscrição de travestis em categorias femininas. Sugerem a criação de uma premiação especial para estes, já que instalaram-se como figuras indissociadas do carnaval visual”.⁸⁵

Mesmo em outras cidades, onde o carnaval não se limita ao aspecto visual do desfile de alegorias, a presença de travestis reacende a discussão das barreiras lingüísticas, visuais e gramaticalizadas entre os sexos. Um famoso caso de um travesti chamado Consuelo, em Pernambuco, exemplifica essa confusão gerada pela prática do travestismo. Ganhando o prêmio de porta-estandarte, a travesti pernambucana teve total apoio da comissão julgadora, que resolveu encará-la como mulher. As sambistas

⁸⁴ OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Op cit*, p. 53

⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 53-54.

vociferaram contra a premiação, dizendo que a porta-bandeira deveria formar com o mestre sala um casal, ou, melhor dizendo, um casal no sentido heterossexista do termo.

Como adverte o historiador James Green, no entanto, a presença de homens travestidos durante o carnaval acaba reforçando uma imagem do Brasil como um paraíso que possibilita toda prática de transgressão de gênero. O que não é verossímil, pois, como diz o autor:

“(…) Essa idéia unilateral obscurece o fato de que durante grande parte do século XX, manifestações públicas ousadas de inversão de gênero eram temporárias e restritas ao momento da folia. ‘Jurema’, um jovem funcionário de escritório que vivia em São Paulo nos anos 30, (...) decidiu experimentar roupas de mulher em público. Como fez isso fora da época de carnaval, a polícia o prendeu. ‘Flor-de-Abacate’, vivendo na mesma época em São Paulo, admitia gostar de travestir-se, mas somente o fazia publicamente durante a época do carnaval, quando a polícia não o incomodaria. Embora um comportamento mais transgressivo fosse permitido durante o carnaval, isso representava apenas três ou quatro dias por ano. Nos 362 dias restantes, a pessoas tinha de se manter no limite estabelecido pela sociedade, especialmente os limites de gênero, ou sofrer as conseqüências”.⁸⁶

Os blocos de carnaval também eram compostos por homens que permaneciam em suas posturas viris e másculas fora da festividade, realçando o caráter puramente lúdico do momento, já que havia uma suspensão e/ou inversão dos costumes. Como diria o historiador James Green, “Travestir-se durante o carnaval (...) não significava necessariamente que aqueles que praticassem essa transgressão de gênero eram homossexuais ou coniventes com o homoerotismo”.⁸⁷ Por outro lado, travestis mais afeitos a essa prática viam no carnaval uma brecha muito conveniente para infiltrar-se e manifestar-se tal como eram: homens-mulheres. Dificilmente seriam vítimas de violência física ou verbal ali, naquela fauna tão variada e intensa, delirante, como ocorre nos carnavais. Como diz Green, para certos homossexuais:

⁸⁶ GREEN, James. *Op Cit.*, p. 331

⁸⁷ *Idem, Ibidem.* p. 340.

“(…) travestir-se durante o carnaval é também menos uma inversão do que uma tentativa de assumir uma forma feminina. Ao adotar as roupas, a maquiagem e as *personas* de mulheres, esses homens vivenciam suas próprias fantasias e desejos femininos(…). o carnaval representa para eles um palco maior do que as festas íntimas entre amigos do mesmo time. Vestidos de mulher, alguns homens proclamam para a sociedade brasileira que são mais femininos e delicados do que as próprias mulheres”.⁸⁸

Mas não havia só aqueles travestis cuja imitação de belas mulheres glamurosas era perfeita. Outros não estavam se importando em parecer convincentes, fazendo da paródia lúdica não um instrumento de simulação da mulher, mas uma forma de exagerar seus traços, radicalizar seu estilo. Isso pode ser exemplificado homens representando noivas grávidas ou *femme fatales* de peitos e bundas enormes.

A infiltração de travestis não ocorreu somente nas ruas, durante o período carnavalesco. Também nos musicais do teatro de revista dos anos 1950 e nos concursos à fantasia, faziam presença ruidosa, sendo a grande atração do público. Foi num destes eventos, num concurso à fantasia organizado pelo grupo intitulado “Caçadores de Veados”, que Madame Satã ganhou com a fantasia que mais tarde lhe emprestaria o famoso apelido, no Rio de Janeiro de 1938. Na verdade, era uma fantasia de morcego, mas um delegado sem querer o batizou com sua mais famosa alcunha. Ao prender Madame Satã, ou João Francisco dos Santos - seu nome de batismo - semanas após o tal baile, perguntou aos ali presentes o apelido de cada um. João Francisco não tinha nenhum, portanto nada respondeu. Ao reconhecê-lo do baile e perguntar algo do tipo: “não foi você que ganhou o baile à fantasia como Madame Satã?”, que na verdade era uma personagem de um filme de sucesso nos cinemas do período, o codinome acabou pegando.

Nos anos 1970, certos bailes carnavalescos de temáticas homossexuais começaram a surgir e a se evidenciar. Um deles, chamado Baile dos Enxutos, na capital paulista, existia desde 1949. Durante anos de sua existência, só chegou a ter problemas realmente relevantes com a polícia federal nos anos de 1972 a 1978, decorrente de uma conjuntura política mais opressiva, cuja vigilância era severa aos costumes e expressões daqueles que faziam da vida noturna seu horário de trabalho e lazer. “Neste baile, há

⁸⁸ *Idem.* p. 335

mais de 20 anos desfila uma galeria de figuras reformuladas, de deusas construídas, de entidades oníricas que vão desde odaliscas com exagerados seios de silicone, rainhas de ‘pomo-de-adão’ a gueixas de pés enormes(...)”.⁸⁹

Esses bailes pareciam ser uma espécie de mascaradas onde um ar menos rarefeito poderia ser respirado, que não o da norma, o da obediência e o da submissão. Onde não reina o racionalismo utilitarista, o trabalho e o compromisso com o tempo, a identidade é desbancada junto; daí a não necessidade do indivíduo ter que “bater cartão” e prestar contas ao ilusório “verdadeiro sexo” de si mesmo. Na década de 70 e 80, principalmente nas grandes cidades, tais bailes carnavalescos exerciam esta função de extravasamento dos desejos. Sobre este período e este espaço em particular, diz Neuza Oliveira:

“O carnaval, com seus vários graus de paródias, disfarces e fantasias, consagra-se como território falso, expressando a pressão da imaginação sobre o cotidiano, pressão esta que atingiu o auge do luxo e requinte nos grandes bailes gays da década de 80, nos quais a figura do travesti era o atrativo comercial. A partir dos anos 70, os bailes carnavalescos ganharam uma temática homossexual compulsiva em função da perspectiva de um mercado de consumo. Constatou-se a possibilidade de lucros com a exibição da (...) dúvida visível, da mulher falsa. Antes escondidos e destinados a uma clientela particular, restrita ao gueto, estes bailes conquistaram um estatuto de pós-modernidade, que tornaram imperativo a performance do travesti como garantia de público”.⁹⁰

O “desbunde” é a versão gay para a tão proclamada abertura política, no final dos anos 70. O Rio de Janeiro, na primeira metade dos anos 80, presenciou uma verdadeira explosão de bailes gays. O mais famoso deles, Gala Gay, era realizado no clube Scala, paraíso erótico das elites liberadas. Era uma época que certos setores e estabelecimentos comerciais foram percebendo a euforia causada pelo carnaval ruidoso e multicolor de travestidos e homossexuais. Uma matéria prima de cunho gay poderia, portanto, ser utilizada sem que interferisse ou danificasse a lógica heterossexista

⁸⁹ OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Op cit*, p. 54-55

⁹⁰ *Idem*, p. 54

hegemônica, que supostamente continuaria a predominar culturalmente. Como diz João Silvério Trevisan:

“(...) como parte do Calendário oficial do carnaval carioca, existe até uma Corrida à Fantasia (...), da qual participam bichas travestidas; aos vencedores são oferecidos, como prêmio, ingressos para um dos maiores bailes cariocas (...), o Grande Gala Gay, cujo cartaz de 1983 apresentava um musculoso mas desmunhecado Super-Homem, com o turbante e as frutas de Carmem Miranda na cabeça. Em ritmo de consumo guei, esses bailes especializados se disseminaram para outras cidades e se multiplicaram no próprio Rio de Janeiro, onde quase todos os grandes clubes passaram a realizar bailes especialmente para homossexuais”.⁹¹

Os mais importantes empresários do *show-business* disputavam a unhas e dentes a clientela homossexual, utilizando estratégias de *marketing* ao prometer novidades retumbantes em seus bailes de carnaval. Isso incluía homenagens aos cantor Cauby Peixoto, *show* de musculação com quarenta homens em ação e concursos cujas premiações era uma viagem a Paris para a mais bela travesti ou mesmo a Nova York ao rapaz dos músculos mais belos. Isso corresponde a uma certa demanda do mercado, enquanto chegavam homossexuais de vários países para prestigiar o carnaval brasileiro. Em 1984, um voo com 370 turistas veio dos Estados Unidos, fretado pela *Slander's Gay*.

Numa cidade provinciana como Londrina, apesar da intensa boêmia, o processo das figuras travestidas virem à luz demorou mais que nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro ou São Paulo. O que não exclui a mesma reação de espanto e aversão em relação às travestis, ainda mais por se tratar de um meio social de mentalidade provinciana, domesticada. Fora do terreno da permissividade carnavalesca, cidades pequenas não contavam com os teatros e as variadas casas de *shows* específicas onde as travestis executavam suas performances. Em cidades menores, com a onda de travestis aumentando em número no início da década de 1980, a prostituição e a vida nas ruas era praticamente a forma mais comum de encontrar tais figuras desentocadas de seus antros. O que passou a chamar a atenção do poder público. Joana Baiana, figura

⁹¹ TREVISAN, João Silvério. *Op cit.* p. 249

citada no primeiro capítulo, comparada a Madame Satã pelos embates físicos que travava com os policiais, trazia grande incômodo para o poder repressor de Londrina. Como visto no primeiro capítulo, considerada uma travesti pioneira na cidade, na década de 60, obteve grande respeito por outras que, com o tempo, foram chegando na cidade.

A presença das travestis de Londrina no carnaval, obviamente, era bem mais tolerada que nas “vadiagens” noturnas, este um caso digno de punição. As prostitutas também eram visadas, quanto ao *trottoir*, mas a atitude punitiva, por parte do poder, parecia ter uma relação diferenciada com as travestis porque, além de estarem se prostituindo, somava-se a isso o fato de serem “viados”. Numa província como Londrina, a reação negativa, tanto do meio social quanto do policial em relação às travestis – não que nas grandes capitais isso não ocorresse; pelo contrário, como já foi visto – toca num ponto crucial que será discutido neste capítulo, a saber, a relação do corpo com a invenção de gênero através da indumentária e, junto dela, os gestos, a modulação de voz, os gostos. A problemática da coerência que se espera entre corpo e vestimenta não era um caso tão alarmante em determinadas épocas como na contemporaneidade, que justifica suas normas sempre em termos binários, maniqueístas e excludentes; é necessário ultrapassar o número dois, e não esperar uma harmonia final, fruto da dialética redencionista.

Incoerência daquele que é incapaz de traduzir o biológico na roupa e no gestual, já que, para todo tipo de travesti (homossexual ou não), o desejo (múltiplo, ou seja, além do número dois) manifesta-se no tecido da pele e da vestimenta. No lugar da sobriedade, a imaginação. Incoerência, no sentido da norma fundante, seria infringir tais regras binárias, devir que afeta diretamente um acontecimento de metamorfose constante, como é o caso do travestimento. O sujeito e seu sexo biológico, em sua unidade supostamente inabalável, é contestado pela noção de gênero como interpretação múltipla do sexo. O gênero, como um significado cultural assumido pelo corpo sexuado, não decorre necessariamente de um sexo, ou seja, em seu limite lógico, a distinção entre sexo e gênero sugere uma descontinuidade entre corpos sexuais e gêneros culturalmente “esculpidos”. Como diz Judith Butler:

“Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que

o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (...), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a conseqüência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino”.⁹²

O que seria de uma relação entre pessoas cujos códigos de marcas sexuais não fossem mais operadas de forma binária, dominante e discriminante? Algo a-sexuado, o fim do desejo, o nivelamento dos corpos e dos desejos, a monocultura de sujeitos arrebanhados? Eis o perigo da interpretação teórica dos andróginos, dos intersexuais, dos que estão *entre* o dualismo sexual e ao mesmo tempo em lugar algum. A questão da desconstrução crítica dos sexos, portanto, não significa necessariamente uma clausura silenciosa do sujeito; pelo contrário, o abre para possibilidades sexualmente suspensas, fluidas, além do número dois e das conveniências que governam os códigos de relações. A diferença sexual poderia ser entendida aqui como uma dissimetria não aprisionada nos modos de diferença opositiva, excedendo-a. Ana Maria Continentino, pensando nas possibilidades teóricas deixadas pelo filósofo francês Jacques Derrida, cita uma espécie de potência do sexual:

“(...) quando o sexual é apreendido na sua radicalidade – ou seja, não mais sintomatizado em masculino ou feminino, fixado a comportamentos ou gostos particularizados (...). O sexual ganha potência nesse deslocamento, ao contrário do que pensam outros que vêm neste gesto uma neutralização no sentido desvitalizador. O indecível derridiano não se coloca como neutro, mas como um termo que logra o jogo opositivo”.⁹³

⁹² BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 24-25

⁹³ Cf. CONTINENTINO, Ana Maria Amado. *Op. cit.*, p 84

O que seria de um sujeito, independente da experiência do travestimento, suspenso das determinações de identidade sexual? Na barriga de uma mãe, antes mesmo do nascimento, o saber médico já estampa no corpo do feto sua identidade, e, conseqüentemente, suas futuras posturas sociais. A educação familiar, a escola, o meio social, tudo há de competir para que mais um corpo saudável, imerso nas normas, cresça e se desenvolva enquanto cidadão comum. No filme belga “*ma vie en rose*” (“minha vida em cor-de-rosa”, dirigido por Alain Berliner), de 1997, fica claro o mal-estar de uma família em relação à teimosia de *Ludovic*, um garoto de aproximadamente oito anos de idade, em colocar vestidos, brincos e batom. Cortam-lhe os cabelos, tiram-lhe os brincos e vestidos, mas mesmo em seus momentos mais tristes em relação às proibições dos pais e o escárnio nas ruas, *Ludovic* reincide no hábito, sem sentimento de vingança alguma, por puro desejo de portar-se daquela forma. Quando se pergunta se é a marca de gênero que define e legitima os corpos, Judith Butler quer também chamar a atenção para a questão de que o sexo não causa o gênero, nem este deve ser entendido como expressão e reflexo do sexo:

“A marca do gênero parece ‘qualificar’ os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menino ou menina?’ é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece”.⁹⁴

Mas que imagens corporais, negadoras do paradigma dos sexos, vêm à tona? Em determinadas épocas, figuras cuja humanidade parecia incerta, alimentou tanto a literatura médica quanto romântica. Hermafroditas, mulheres fálicas, homens com mamas, estaríamos adentrando num *Freak Show* moderno, ao negar radicalmente as identidades biológicas e imposições culturais? De um lado, existem os monstros teratológicos, tão caros ao saber médico; de outro, os monstros morais, cujos comportamentos e/ou infração do contrato social o legitimam como um desviante. Mas até onde podem se interpenetrar, se corresponder ou se confundir? Sobre os monstros teratológicos, diz o filósofo José Gil:

⁹⁴ BUTLER, Judith. *Op. cit.*, p 162

“Os monstros, felizmente, existem não para nos mostrar o que não somos, mas o que poderíamos ser. Entre estes dois pólos, entre uma possibilidade negativa e um acaso possível, tentamos situar a nossa humanidade de homens

(...)

No entanto, o monstro não se situa *fora* do domínio humano: encontra-se no seu limite”.⁹⁵

Em seus estudos sobre os anormais⁹⁶, Foucault diz que o contexto de referência do “monstro humano” é a lei. A noção de monstro, portanto, é essencialmente jurídica. Como José Gil, Foucault considera vê no monstro um limite, o ponto de inflexão da lei e uma exceção que combina o impossível com o proibido. Ele é a infração levada ao seu mais alto grau, pois ao violar a lei, ele a deixa ao mesmo tempo sem voz, sem uma resposta legal. Sendo assim, por não dar oportunidades para uma contra-posição legal do poder jurídico, o monstro suscita a violência punitiva, a supressão, os cuidados médicos ou mesmo a piedade. De forma espontânea e brutal, ele é uma forma natural da contranatureza, um modelo ampliado de todas as pequenas irregularidades possíveis, engendrado pelo próprio acaso da natureza. Todas as pequenas discrepâncias têm nas figuras monstruosas seu modelo ampliado. Com isso, torna-se um princípio de inteligibilidade de toda forma de anomalia. O século XIX põe-se um problema a partir disso: qual monstruosidade se esconde por trás das pequenas anomalias, dos pequenos desvios e irregularidades? O médico italiano Lombroso utilizava este método, ao tentar investigar qual monstro natural se ocultava por trás de um gatuno. Diz Foucault:

“(...) o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. (...) O campo do aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer ‘jurídico-biológico’.”⁹⁷

Na figura monstruosa, está-se falando de uma mistura de reinos, ou seja, quando há num mesmo indivíduo uma presença estranha às sua espécie, participando-lhe no

⁹⁵ GIL, José. *Monstros*. p. 10 e 12. Lisboa: Quetzal, 1994.

⁹⁶ FOUCAULT, Michel *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 69

⁹⁷ *Idem, ibidem*. p. 69-70

corpo. Esta desordem natural era encarada como infração do direito civil, canônico e religioso, já que estava implícito neste cruzamento uma fornicção entre os genitores da espécie humana e animal. Mas a monstrosidade, que tanto ocupou as oscilantes elucubrações desde a Idade Média até o século XVIII, também pode significar uma mistura de dois indivíduos, como o bicéfalo. Foucault conceitualiza:

“[O monstro] É o misto de dois reinos, o reino animal e o reino humano: o homem com cabeça de boi, o homem com pés de ave (...). é a mistura de duas espécies (...), o porco com cabeça de carneiro é um monstro. É o misto de dois indivíduos: o que tem duas cabeças e um corpo , o que tem dois corpos e uma cabeça, é um monstro. É o misto de dois sexos: quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro”.⁹⁸

A intenção, aqui, não é colocar a figura da travesti como uma exibição a mais na variada galeria dos *freak shows*, como uma atração gratuita e dócil, mas sugerir uma tendência do poder jurídico e do saber médico em considerar monstruoso (ou anômalo, uma versão pálida e cotidiana da raridade teratológica do monstro) tudo aquilo que, pela exceção, infringe a regra majoritária. Isso não só no âmbito anatômico, mas comportamental, já que basta romper com um pacto coletivo socialmente construído para ser considerado um anômalo, prestes a ser domesticado e imiscuído na maioria massificada.

Mas e quanto ao caso de travestis? Não se trata de um caso teratológico vindo desde o nascimento, nem mesmo de uma disfunção cromossômica ou genética a ponto de dirigir o destino de uma sexualidade. Citarei aqui, primeiramente, uma experiência de travestimento em Londrina no início da década de 1970, despertando com isso atenções populares ao redor de uma estranha figura ambivalente. Um cearense que, à primeira vista, parecia um cidadão comum, cujas vestes masculinas, um emprego público federal, a residência fixa, a mulher e a filha o colocavam acima de qualquer suspeita. Mas um acontecimento em sua vida parece tê-lo afetado profundamente, a ponto mudar sua postura pública, o que incluía suas vestes, seus cabelos, suas unhas, ou seja, realizou uma fabricação feminina para si. O cearense, a partir de então, aderiu a

⁹⁸ *Idem, ibidem*, p. 79

um universo feminino reinventado para si, sem, no entanto, abrir mão de suas masculinidades.

Bem, citemos o caso de Bartolomeu Lopes Bicas, nascido em Quixadá, Ceará. Cansado da difícil condição de vida no Nordeste, Bartolomeu resolve tentar a sorte na considerada promissora cidade de Londrina, por volta da década de 1940. Conseguindo emprego público federal, no Instituto Brasileiro do Café (I.B.C.), logo se instala de forma razoavelmente bem, na cidade. Após um tempo, foi buscar sua esposa e prima, Francisca. Na verdade, Bartolomeu namorava a irmã de sua prima, Maria Luiza, e, prestes a se casar com esta última, acaba por enamorar-se com Francisca, casando-se logo após, ainda em Quixadá. Sozinho, com emprego fixo em Londrina, volta para buscar a esposa e acaba trazendo vários outros cearenses consigo. Com um certo rancor, ele relembra sua experiência no Ceará:

“Muita seca, no nordeste... muita fome, miséria. E eu disse ‘adeus, Ceará ingrato! Nunca mais eu volto em tu!’. E vim pra Londrina. O primeiro ano eu vim sozinho. Depois eu trouxe mais de quarenta cearense!”⁹⁹

Anos depois, já estabilizado em Londrina, morando com a esposa e com uma filha de nove anos, Bartolomeu travou uma querela com a esposa que provavelmente mudou o rumo de sua existência. Segundo os inquéritos do Fórum de Londrina, no início dos anos 1970, o cearense Bartolomeu Lopes Bicas, desferira mais de uma dezena de punhaladas na prima e esposa, Dona Francisca. Como não mantinham relações sexuais há um bom tempo, de acordo com o depoimento de Bartolomeu, este não admitiu tal insolência de Dona Francisca, que lhe escondera uma gravidez “infame” e secretamente concebida com outro homem, realizando o próprio parto numa madrugada de janeiro de 1972, trancada ao banheiro. Ao retornar ao leito, com o recém-nascido no colo, trava uma discussão com Bartolomeu que acaba por acordar a (até então) única filha do casal. O desenlace se dá quando Bartolomeu tem um acesso de violência transbordante, incontido.

Bartolomeu munuiu-se de dois punhais de sua coleção e avançou sobre a esposa, perfurando-lhe vários pontos do corpo. Dona Francisca sobreviveu, liberada do hospital sete dias após o internamento. Bartolomeu ficara preso por sete meses, solto

⁹⁹ Entrevista concedida em 17/07/2003

posteriormente por ser réu primário e ter emprego em órgão federal (Instituto Brasileiro do Café). Porém, é intrínseco um certo discurso do “homem traído” em seu advogado de defesa, que apela para este ponto, em benefício de seu cliente. Depois de solto, o Sr. Bartolomeu isolou-se numa casa e lá iniciou uma metamorfose gritante, numa espécie de calmaria pós-colapso, enfeitando a própria solidão, (incluindo sua moradia, tal qual Des Esseintes, o personagem dândi de “Às avessas”, romance do século XIX¹⁰⁰).

Seu pequeno castelo: as paredes, o teto, o corpo, em cada centímetro, em cada quina, há belos ornamentos improvisados, latarias, tecidos e frutas inutilizadas, tudo subjugado a uma forma, a uma arquitetura; máquinas de *ready-made* a reinventar-se, como a si mesmo. Caixas de presente vazias, quadros populares, uma pirâmide de garrafas de Ypióca, Jesus Cristo, São Jorge, Sandy, Bartolomeu, o Pai, a Mãe, Leandro & Leonardo, pornografia, um longo “tapete” com pôsteres do deputado e galã Barbosa Neto, espelhos e mais espelhos à altura do joelho, centenas de latas amarradas umas às outras e penduradas pelos tetos, linhas presas às lamparinas, reunindo antigos caroços de manga sobrepostos, com olhos colados à maneira de um peixe, órbitas arrancadas de bonecas desfiguradas de bazar. Os espelhos repousam à altura dos joelhos. Numa sobreloja de Londrina, uma estranha figura solitária realiza sua transformação. E a experiência do crime, neste caso, parece não ser um fim, mas um meio de possessão de reinos estranhos ao “eu” (obviamente, este processo não fora consciente); no caso, o contato com uma feminilidade viril, via travestimento.

Bartolomeu passa a desempenhar, desde o rompimento com a mulher, uma imagem de indeterminação, em seu devir feminino. A importância de tal devir poderia, talvez, significar uma espécie de iconoclastia sobre o Falo de cabeceira da psicanálise e do androcentrismo. Assim como o devir-criança (ou mesmo o “gênio-criança” baudelairiano) é um exemplo de contraste com a tradição antropocêntrica do “Homem-Adulto-Branco-Europeu” civilizado. Devir-*algo* não significa mímica, teatro de representação e metáfora, mas experimentação de estrangeirismos de si, transfiguração híbrida, teatro da crueldade¹⁰¹. Trata-se de *produção* desejante, e não de *representação*.

Como um devir, um processo, a experiência do travestimento é um descaso ativo aos territórios sexuais e identitários. Bartolomeu talvez se encaixasse no termo *gender-*

¹⁰⁰ HUYMANS, J.K. *Às avessas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987

¹⁰¹ Referência ao teatro pensado por Antonin Artaud (1896-1948) na primeira metade do século XX, cuja radicalidade e intensidade levaram Artaud ao fracasso. Seu teatro, “insustentável”, escorreu do palco para sua vida.

*fucker*¹⁰², ou, alguns diriam, “cross-dresser” (heterossexual que se excita sexualmente no ato do travestimento, porém sem abrir mão da própria masculinidade). Mas há figuras que parecem escapar à fixidez das nomenclaturas, e talvez este seja um caso. Bartolomeu exhibe em público as vestes íntimas femininas, as compridas unhas vermelhas e, junto a isso, a barba na face. Elegância, suavidade e agressão em uníssono. Afirma-se na incerteza, na evanescência, num neutro ativo. Este caso ilustra uma experiência de travestimento (permanente, cotidiana e pública) que foge aos moldes comumente vistos. Daí sua peculiaridade, e a importância de ser citado. Já os outros casos analisados são mais próximos do que socialmente, mesmo que de forma leiga, se conhece a respeito de travestis. É nas especificidades de histórias de vida, porém, que se pretende seguir, nas análises aqui apresentadas.

Passo agora para mais um caso em Londrina, relacionado com uma travesti cuja história de vida foge um pouco à regra, já que aderiu a um discurso religioso e desistiu da feminilidade que a cercava por fora e por dentro da pele. As travestis, como médicas de si, costuram, dobram, esticam, rasgam, refazem seus corpos na busca de uma mulher impossível, que nunca desejam atingir. Como uma *forma-outra*, exibem na carne uma nítida infração com um corpo que deveria manter-se intocado, individuado, santuário e morada do espírito e da essência. Devendo manter-se à imagem e semelhança divina, trata-se de um corpo que se deixou ocupar por uma feminilidade demoníaca, devassa, entregue aos jogos da sedução e da luxúria, como fica evidente na fala de uma ex-travesti de Londrina, cuja adesão religiosa apaixonada a retirou do desabrigo áspero das ruas para o tranqüilo reduto de uma igreja evangélica. No começo de 1989, um jornal da época publicou este caso de conversão religiosa, ocupando uma página inteira, com o título “Meu nome é Reginaldo”. As enormes letras anunciavam uma matéria de página inteira, junto a uma antiga foto de Reginaldo “montado” como a travesti Renata. Num quadro menor, ao lado de seu ex-alter-ego, há sua sombria silhueta masculina, já “regenerado”, masculinizado, cabisbaixo em penitência. A matéria inicia com o óbito simbólico da persona travestida de Reginaldo, num tom fúnebre:

¹⁰² *Gender-fucker*, ou “rompe-gênero”, eram sujeitos que, na década de 70, em São Francisco -EUA, afeminavam-se com apetrechos e roupas, mas ainda assim cultivavam barbas e pêlos no corpo, numa atitude lúdica e provocativa em relação aos estereótipos do universo masculino, feminino e do próprio grupo das travestis convencionais. Cf. TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986, p. 170

“Morreu Renata, a mulher que vivia no corpo de Reginaldo. Ela se foi sem dizer adeus. Não deixou saudades. Seu corpo não foi velado e tampouco recebeu a extrema-unção. O atestado de óbito, que não foi emitido, nem podia dizer a causa da morte. Mas sabe-se que Renata sofreu um prolongado processo de dedadência, a partir do momento em que Reginaldo, o corpo que a manteve viva durante 10 anos, resolveu trilhar outro caminho.

Reginaldo garante que matou Renata e não a quer ressuscitada. E para provar que da morta não quer lembranças, se desfez dos vestidos, das bijuterias, perfumes, sandálias e demais objetos pessoais. Renata, o lado feminino de Reginaldo, não tinha registro no cartório civil, não era contribuinte do imposto de renda, não portava nenhuma espécie de cédula de identidade. Renata era o nome artístico de Reginaldo”.¹⁰³

Walter Ogama, o jornalista responsável pelo texto, contrasta a antiga feminilidade que habitava Reginaldo com a sua posterior conversão e “purificação” através da religião cristã. A matéria dá a voz para Reginaldo discorrer sobre suas experiências enquanto travesti: a prostituição, os clientes, o dinheiro, a aids, o arrependimento. Na época da reportagem, Reginaldo tinha de 27 anos. O tom do texto é moralista e indutor; liga a figura da travesti Renata com drogas, repulsa da família e prostituição, e a de Reginaldo com devoção cristã, arrependimento, salvação. O jornalista, ao dizer que Renata faturava numa só noite o que Reginaldo ganhava num mês, parece sugerir uma ambigüidade no próprio discurso. Mas talvez seja mais uma questão de sugerir que dinheiro “sujo” consegue-se fácil, mas encarde a alma, e dinheiro “honrado” vem em miúdos, porém trazendo virtude e humildade. Afinal, um dos sete pecados capitais é a avareza, e a ética cristã exige modéstia. Assim segue a matéria, sobre Reginaldo:

“(...) definitivamente trocou o ambiente luxuoso dos motéis pelo quarto de uma modesta casa na Vila Casoni. Renata saiu de circulação há 6 meses, quando Reginaldo, ‘à luz da inspiração divina’, abandonou as esquinas de viração para freqüentar o templo de uma religião: a Igreja Evangélica Sagradas Missões.

¹⁰³ Folha de Londrina de 28/05/1989

(...) O dinheiro vinha fácil, mas sumia com rapidez devido aos gastos com roupas, produtos de beleza, calçados, médicos e bijuterias. Hoje, Reginaldo vive com uma pequena ajuda da mãe e de amigos que conquistou na igreja, em valor que ele diz ser suficiente para viver ‘com a consciência limpa’.”¹⁰⁴

Reginaldo “criou” Renata por volta de 1979, aos 17 anos. Na época, um estudante e trabalhador da cidade de Presidente Prudente, interior de São Paulo. Seu lado feminino, desde a infância, sobrepunha seu comportamento masculino; Reginaldo usava maquiagem, batom, sandálias de salto e, mais tarde, aplicou silicone na maçã do rosto e nos seios. Apesar de desapontar a família com a transformação, Reginaldo regozijava-se com sua metamorfose, ainda mais após o implante de silicone. Sua presença no seio familiar causava vergonha e rejeição; após sair de casa, quando fazia visitas esporádicas para a família, dizia ficar trancado num quarto, tendo visitas somente da mãe. A década de 1970 já havia ficado para trás, e Reginaldo, travestido como Renata, havia resolvido repensar a própria vida e mudar-se de cidade. Foi quando saiu de Presidente Prudente para tentar a vida na cidade de Londrina, em meados de 1983:

“A ‘vida noturna’ ganhou mais um concorrente, disputando as esquinas e os caçadores de prazer. Depois de 4 anos em Presidente Prudente e adotando Renata como nome de guerra, ele veio disputar o ‘mercado de trabalho’ em Londrina. ‘Apesar de ter assumido a condição de homossexual travesti, eu achava tudo muito estranho. Fui criado numa família de classe média, sem desestrutura entre os seus membros. E por mais normal que eu tentasse ser na minha vida de travesti, eu era apontado na rua pelas pessoas’.”¹⁰⁵

Na condição de “regenerado”, Reginaldo obviamente vê seu passado com um olhar deslocado e depreciativo. As pessoas que o examinavam ou o insultavam nas ruas passaram a desempenhar, na sua construção de memória em 1989, um papel de fazê-lo repensar. Quando lembra das drogas, dizia que encorajavam-no a “rodar bolsa”, como um mal necessário da profissão. Todo o seu passado de experiência noturna passou a ser sinônimo de lamentação, pecado, torpeza. Seus possíveis casos com clientes, suas

¹⁰⁴ *Idem*

¹⁰⁵ *Idem*

paixões e aventuras são reinterpretados de maneira negativa. De acordo com a matéria, seu único caso amoroso, com um homem, durou sete anos, tempo que Reginaldo considerado em vão. Claro que violência, prisões, e todo tipo de negatividade certamente fizeram parte de sua vida, mas não era, até o momento, fator de desistência. Por mais complexo e plural que tenha sido seu passado, suas lembranças passaram a ter um único tom acinzentado. Mesmo assim, vale citar suas desventuras:

“Momentos de tristeza eram comuns, principalmente quando ele acabava nos distritos policiais depois dos ‘arrastões’, somente por ser um travesti e ter que trabalhar na rua. As provocações, por outro lado, eram feitas da forma mais agressiva possível: ‘Em época de festa junina, eram comuns [sic] algumas pessoas atacarem os travestis com bombas, rojões e busca-pés’.”¹⁰⁶

Quando decidiu tornar-se travesti, Reginaldo via no fato um capricho do destino, algo que o acompanhava desde a infância. Ao converter-se à religião evangélica, passou a enxergar sua experiência do passado como pura devassidão pecaminosa e influência demoníaca. Reginaldo passou a acatar indiscutível e irrefletidamente o discurso religioso que lhe prometia redenção espiritual, afetando sua própria fala que, provavelmente, mesclava ensinamentos dos pastores, dos sermões e da bíblia. Citando o apocalipse, vê na AIDS uma estratégia divina para diminuir a degradação moral. Mas acredita na própria salvação, já que sua devoção divina parecia tranquilizá-lo em relação a castigos e torturas do pós-morte, para as almas pecadoras: “Não fiz exames, mas se eu estiver com AIDS e morrer com esta doença, morro contente, porque vou morrer com Deus”.¹⁰⁷

Reginaldo começou a freqüentar a Igreja ainda como a travesti Renata, enquanto suas dúvidas eram preenchidas com respostas de cunho religioso. No período da tarde, provavelmente com menor número de devotos, dividia espaço com alguns devotos, mesmo travestido. Saindo dali, partia do contato divino para o contato com os corpos e os desejos obscuros das ruas. Mas seu discurso, como devoto, necessita de um motivo argumentativo que lhe construa uma ruptura coerente com seu passado pecaminoso. Perguntando-se se esta era realmente uma forma de vida honrada, já que sua família não

¹⁰⁶ *Idem*

¹⁰⁷ *Idem*

o aceitava mais, decide dar uma reviravolta na própria vida. Sua condição de travesti não era mais vista como destino, mas possessão demoníaca.

“(…) depois de muitas reuniões de conscientização e uma boa dose de conselhos dados pelos pastores, Reginaldo foi aos poucos matando Renata e fazendo nascer o homem que existe nele. ‘Deus não faz ninguém pela metade. Ele faz o homem ou a mulher’.

Longe do meio termo e com os olhos vidrados na Bíblia, os gestos mudaram, a maneira de falar tornou-se firme e as roupas agora são normais. Em vez de gírias e palavrões, as palavras são proféticas, extraídas de um livro santo que substituiu a bolsa feminina que o ex-travesti usava há 6 meses”.¹⁰⁸

Renata, para Reginaldo, era um corpo aberrante, tomado por forças malignas para fazê-lo desagradar a Deus e desviar-lhe do caminho correto. A partir desta virada em sua vida, Reginaldo tornara-se um defensor e pregador da palavra de Deus. Acreditada que o arrependimento e a conversão eram válidos até o último momento, mas o pecador não poderia tardar, já que suas preces poderiam correr o risco de não serem ouvidas. O ex-travesti, que acreditava ter nascido de novo, alertava que a palavra de Deus deveria ser lida o quanto antes. Enquanto Renata, como costumava dizer, foram dez anos de vida em vão. Assim resume cada dia que viveu como travesti: “Dei tanto amor quando era travesti e foi tudo jogado nas sarjetas. Eu podia ter usado esse tempo perdido para levar a palavra de Deus”.¹⁰⁹ Com um discurso de tonalidade milenarista, Reginaldo sentia naquela atmosfera dos anos 80 que um fim próximo, e que Deus salvaria somente os que a Ele dedicassem devoção. Em sua paixão religiosa, o ex-travesti revelava ter trocado o prazer pelo amor, as fraquezas da carne pela virtude espiritual. Na matéria, seu caso de conversão tardia é relacionado com o de outra travesti, chamada Sheila:

“Como exemplo positivo, menciona o caso do travesti Sheila, que morreu baleado na cabine de um caminhão: ‘Sheila ficou internada no Hospital Universitário por 21 dias. Foi o tempo suficiente para ele ser convertido por

¹⁰⁸ *Idem*

¹⁰⁹ *Idem*

alguns religiosos e se arrepender da vida mundana. Em 21 dias tiveram tempo até de cortar o cabelo de Sheila, que voltou a ser homem antes de morrer’.”¹¹⁰

A matéria jornalística a respeito da vida deste ex-travesti evidencia um *óbito simbólico* de uma personagem feminina num corpo que, rejeitando um modo de vida considerado física e espiritualmente nocivo, diz renascer como homem, digno de salvação. Walter Ogama, responsável pela matéria, também dedica um texto ao que chama de “templo da conversão”. Poucos quarteirões separavam a casa do ex-travesti Reginaldo da Igreja Evangélica Sagradas Missões. Ao ser avistado na rua, alguns vizinhos ainda o chamavam de Renata, acostumados com sua antiga presença feminina pelas redondezas. De acordo com a reportagem, Jarbas Krieger, pastor da Igreja Evangélica mencionada, dizia estar acostumado com a conversão religiosa de todo tipo de “desajustado”: drogados, bêbados, maus chefes de família, gays. Daí a recepção natural que, segundo Walter Ogama, o pastor recebeu a extravagante presença de Renata no templo. Desde as primeiras visitas de Renata, o pastor Jarbas sempre insistiu em tratá-la como Reginaldo. Como o próprio pastor dizia, naquele templo ninguém obrigava ninguém à conversão, as pessoas participavam das atividades espontaneamente:

“No início, Reginaldo chegava na igreja dividido entre continuar travesti e se converter, mas a conversão parecia uma necessidade forte, conforme admite o próprio Reginaldo, que insistia em participar das reuniões de conscientização e ouvir os conselhos do pastor. (...) ainda hoje, o pastor Jarbas se lembra do dia em que Reginaldo apareceu de cabelos cortados, deixando num salão de cabeleireiros um dos sintomas do seu lado mulher”.¹¹¹

Várias características “pecaminosas” são enumeradas lado a lado, quando se trata do passado de Reginaldo, que dizia ter abandonado todas: a feminilidade, o travestismo, o homossexualismo, as drogas e o cigarro. Abdicou-se de tudo para dedicar-se ao estudo bíblico, além do que passou a frequentar cursos de formação de mão-de-obra, com intenções de disputar uma vaga num mercado de trabalho “descente”.

¹¹⁰ *Idem*

¹¹¹ *Idem*

Como no caso de ex-presidiários, no entanto, o próprio pastor Jarbas alertava sobre as barreiras sociais em relação à reintegração de recém-convertidos. Mas o esperançoso pastor mantinha-se firme em suas crenças e discursos, citando inclusive casos parecidos com o de Renata. Sugerindo que casos de ex-travestis não eram raridades, passando a ocorrer cada vez mais com maior frequência, a matéria tem uma tendência a unificar todo caso de desistência numa só causa: a desilusão mundana decorrente dos excessos da carne, despertando a posterior crença religiosa. O texto segue da seguinte maneira:

“(...) deixam de ser raros os casos de travestis que abandonam a vida mundana através da religião. Só em Londrina, há conhecimento de 6 casos, incluindo o de Reginaldo. Dois dos ex-travestis estão em Curitiba, integrando um grupo de recuperação que funciona naquela cidade. Um terceiro participa de um grupo religioso londrinense e de dois outros não há notícias, além da certeza, por parte de Reginaldo, de que eles deixaram definitivamente de ser travestis. ‘A Aids tem influenciado muito na tomada de uma posição nesse sentido’ – diz Reginaldo. ‘A igreja cumpre o seu papel de mostrar o caminho da libertação’ – acrescenta o pastor Jarbas”.¹¹²

Apesar do texto do jornal especificar que há mais casos de desistência da vida de travestis *através* da religião, como saber realmente as causas, as motivações e inquietações que levaram alguém a procurar uma igreja e masculinizar-se? Em cada caso, as particularidades de histórias de vida perdem em riqueza, quando são niveladas numa causa-comum de “tomada de consciência”, neste caso, a religião. Um desprezo, um desafeto, uma desilusão consigo ou com a família, há inúmeras experiências potencialmente capazes de contribuir para que uma travesti desista de sua feminilidade e passe a comportar-se socialmente como um cidadão “masculino”. Larissa Maués Pelúcio sugere que, estando as travestis inseridas numa sociedade que as estigmatiza e as rejeita, é compreensível que possam vir a ter uma visão sobre si mesmas pautada por valores dominantes. Mesmo porque, segundo a autora¹¹³, as travestis possuem uma clara definição do que seria próprio do universo feminino e do masculino, reguladores de

¹¹² *Idem*

¹¹³ PELÚCIO, Larissa Maués. *Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo*. In: *Revista Antropológicas*. Ano 8, vol. 15 n. 1. Recife: Editora da UFPE, 2004. p. 144

comportamentos públicos e privados. Ao masculino, estariam reservadas características como ativo, racional, o que manda, pênis, músculo e pelos. Ao feminino, reservaria-se o passivo, o passional, a que obedece, peito, carne, sem pelos. Larissa Pelúcio cita o caso de uma travesti pautada em valores religiosos, arrependida da pessoa em que se tornou:

“Carol, por exemplo, me interroga (ou se interroga) quanto à homossexualidade e o travestismo. ‘O que você acha que é?’ Antes que eu possa responder ela mesmo o faz: ‘É coisa de espírito maligno. É um vício’, conclui. Pega a Bíblia para me mostrar a verdade e promete que irá se livrar desse ‘mal’ com o poder de Jesus. ‘Deus fez o homem e a mulher pra eles crescerem e se multiplicarem... Me diz, colega, como um tr pode cumprir os desejos de Deus?’, pergunta como se já soubesse a resposta.

(...) a travesti vem fortemente associada à prostituição, à ‘mulher diabólica’, e nunca à procriadora mulher do lar”.¹¹⁴

Neuza Oliveira também apresenta um caso parecido, ocorrido no Rio de Janeiro de 1983. A autora fala da metamorfose comportamental e anatômica das travestis como um rito de passagem. Diz que algumas travestis guardam experiências semelhantes ao transe, próxima da passagem do estado profano ao sagrado, ao tentarem explicar o motivo de terem nascido com uma irrefreável necessidade de travestimento. Diz a autora:

“Alguns deles [travestis] vão buscar no misticismo e no espiritismo a gênese e a arqueologia do processo de transformação. Muitos acreditam que já foram mulheres em vidas passadas e voltaram nesta vida como travestis para pagarem os pecados. Jacqueline, depois de cultivar o travestismo durante muitos anos marcou numa grandiosa festa sua última aparição como mulher. A partir daquela data, voltaria a ser Jacques. Lembra sem saudade de Jacqueline Welch: ‘acho que ela foi a alma que veio à terra para cumprir sua missão e se foi linda e maravilhosa’.”¹¹⁵

¹¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 149-150

¹¹⁵ OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Op cit*, p. 76

Um possível apego religioso pode ser um fator contribuinte, na experiência de desistência do estilo de vida uma travesti, mas talvez seja a ponta de um iceberg tomada erroneamente como única e irrefutável causa de mudança de comportamento. Além do mais, na mascarada cotidiana desempenhada pelas travestis, não há como saber onde termina o rosto e começa a maquiagem e os artifícios, já que teatralização e existência se confundem. Em Santa Catarina, houve um curioso acontecimento com uma performática travesti chamada MÔ, cujo tio tentava freqüentemente persuadi-la a ir numa igreja evangélica. Conta Hélio Silva:

“MÔ vive com a família e também trabalha. (...) Conta, por exemplo, como um tio seu a levou à Igreja do Reino de Deus onde um pastor e suas ovelhas tentaram exorcizar o diabo que a possuía e que a transformara em travesti. o pastor sabia: na verdade, aquele diabo fora uma mulher que morrera há muito tempo e queria voltar à vida e à luxúria através de suas carnes. MÔ diz que fez teatro, contorceu-se, gritou, enquanto os fiéis em volta acompanhavam eletrizados os esforços do pastor”.¹¹⁶

Independente do caso de Renata, em Londrina, ser um exemplo de uma travesti que desiste de sua vida devotada às aparências, o que este capítulo sugere é um conceito de performance e invenção de gênero, claramente presente nas experiências de vida aqui citadas. A verdade interna do gênero é pura fabricação, uma fantasia instituída e inscrita na superfície dos corpos; não há gêneros verdadeiros ou falsos. Os pólos masculino e feminino não pertencem à ilusória “matriz” heterossexual, a considerar todo o resto um desvio que lhe conserve as polaridades. A travesti representa uma performance parodiada frente a qualquer fixidez no conceito de identidade sexual ou de gênero. Mas a paródia de gênero não supõe um original que é copiado de forma burlesca. Parodiar, neste caso, é zombar da própria idéia de matriz originária. Por isso, a experiência da performance de gênero é uma imitação sem origem. Há casos de travestis que exercem uma postura feminina no cotidiano das ruas e outra nos *shows*, o que exemplifica um sem-limite da performatividade. Como exemplifica Neuza Oliveira:

¹¹⁶ SILVA, Hélio. *Op cit*, p. 95

“Um travesti, que incorpora uma identidade feminina no cotidiano e outra no palco, manipula sem dificuldade os signos das três identidades: sua marca e especialidade artística, sua identidade cotidiana enquanto travesti e seu duplo, o escondido e emergente homem. Os travestis que se dedicam à arte de imitar mulheres famosas e conhecidas do universo do cinema e da música ou televisão (especialidade que se denomina dublagem ou micagem), são identificadas tanto pelo seu nome de travesti quanto pelo nome da estrela famosa que imita. É assim que Maria Betânia, especialidade artística de Marcela (travesti paulista), ‘desce’ e incorpora-se em Anastácio. No palco da boite Tropical Night Club canta ‘Adeus Santo Amaro’. É Marcela, ‘montada’ de Betânia, ou Anastácio, ‘montado’ em Marcela, que ‘faz’ Betânia (...)”.¹¹⁷

Algumas travestis londrinenses que entrevistei, mesmo tomando nomes de personagens de cinema (como exemplo, Skarlet O’Hara) não dizem ter se espelhado necessariamente numa *mulher* de quem tomaram o nome; na maioria das vezes, criam uma “boneca” para si espelhando-se em travestis mais velhas e/ou acatando os conselhos destas na fabricação de si: cor de cabelo, estrutura do corpo, postura no andar, além dos conselhos de quais hormônios, qual silicone e onde aplicar. São casos de paródias sobre paródias, num encadeamento sem origem e sem fim entre personagens e teatralizações. Neste universo, a natureza enquanto necessidade óbvia e destinada ao sujeito inexistente. Tanto que em casos menos abundantes, mas recorrentes, há casos de travestis que tiveram experiências com mulheres, ou mesmo com lésbicas. Segundo Neuza Oliveira:

“No Rio de Janeiro, um travesti se casou com uma mulher homossexual. Da união nasceu um filho que, no dizer da língua debochada dos travestis foi ‘alimentado com o silicone do pai’. A esposa assim define seu marido: ‘Angela é um marido ideal, além de excelente companheira’.”¹¹⁸

Não há como não lembrar também de Lola, travesti do filme “*Tudo sobre minha mãe*” (Espanha/França, 1999), do espanhol Pedro Almodóvar. Lola, quando ainda tinha

¹¹⁷ OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Op cit.* p. 75-76

¹¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 76

uma vida de marido, dentro dos padrões aceitos, era casado com Manuela. Ao se separarem, Manuela está grávida do marido, e passa a criar o único filho, Estéban, sozinha. Ao sofrer um acidente, Estéban falece, fazendo com que a mãe tente novamente, depois de anos, reencontrar o marido para notificar-lhe do trágico acontecimento. No caminho, Manuela acaba encontrando a freira Rosa, grávida da travesti Lola, o ex-marido que Manuela tanto procura. Descobrem que Rosa contraiu de Lola o vírus da AIDS. Encontrada Lola, e ao nascer a criança, num dado momento do filme a travesti segura nos braços seu bebê. Quando a avó da criança pergunta “o que aquela mulher está fazendo com meu neto no colo?”, Manuela responde: “é o pai da criança”. Diz Judith Butler, sobre as travestis e as *drags*:

“A noção de uma identidade original ou primária do gênero é freqüentemente parodiada nas práticas culturais do travestismo e na estilização sexual das identidades *butch-femme*. (...) A performance do *drag* brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e *performance* de gênero. Se a anatomia do performista já é distinta de seu gênero, e se os dois se distiguem do gênero da *performance*, então a *performance* sugere uma dissonância não só entre sexo e *performance*, mas entre sexo e gênero, e gênero e *performance*. Por mais que crie uma imagem unificada da ‘mulher’ (ao que seus críticos se opõem freqüentemente), o travesti também revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual. *Ao imitar o gênero o drag revela a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência*”.¹¹⁹

Independente das determinações biológicas ou sociais há vidas infames que investiram nas aparências e nos desejos múltiplos, ao inventarem para si personagens zombadores das leis e dos códigos de conduta. Em determinadas épocas, o corpo recebeu artifícios visuais com maior ou menor evidência e intensidade, dependendo do grau de opulência ou sobriedade nos detalhes das roupas, dos acessórios, da maquiagem

¹¹⁹ BUTLER, Judith. *Op cit*, p. 196

e mesmo dos gestos. Isso não só em relação às mulheres, mas também concernente ao universo masculino. O século XVIII, por exemplo, parece ressoar no imaginário das *drags* e travestis, principalmente das que se apresentavam em *shows* de cabaré e teatro, ou desfilavam em alas carnavalescas. Com perucas altas e coloridas, vestidos com armação, maquiagem carregada como máscaras encarnadas e leques de renda, reinventavam a moda da sociedade da corte. Tal estilo de vida embaralha a fronteira que separa teatro e vida, palco e rua, ator e pessoa. Transferindo os dramas, as comédias e os artifícios do universo teatral para o cotidiano, as travestis introduzem um certo estilo à existência.

Quando comenta sobre Londres e Paris do século XVIII, Richard Sennett refere-se ao *homem como ator* imerso num *theatrum mundi*, o mundo como teatro que não era uma mera metáfora. Uma ponte era criada entre o que era verossímil no palco e nas ruas. Como o ator que tocava os sentimentos das pessoas sem necessariamente lhes revelar a personalidade individual, o mesmo código valia fora dos palcos, onde as pessoas despertavam entre si sentimentos sem precisarem se definir umas às outras. Esta ponte ligando o teatro e a sociedade funcionava de acordo com o que Richard Sennet chama de códigos de credibilidade, e possibilitou aos homens dessa época meios para serem sociáveis, mas num nível impessoal. É aqui que entra a questão do corpo como manequim e a voz, como signo. De acordo com Sennett:

“A ponte estrutural entre a credibilidade no teatro e na rua era formada por dois princípios, um referente ao corpo, o outro, à voz. O corpo era tratado como manequim, e a fala era tratada (...) como um signo (...). Pelo primeiro princípio, as pessoas visualizavam as roupas como uma questão de artifício, decoração e convenção; o corpo servia como um manequim, ao invés de ser uma criatura viva e expressiva. Pelo segundo, ouviam discursos que significavam em si e por si mesmos, ao invés de fazê-lo por meio de referências a situações exteriores ou à pessoa do locutor”.¹²⁰

O corpo-manequim era um plano onde se aplicavam as mais variadas técnicas ornamentais, os mais requintados artifícios. A burguesia e a elite usavam manchas de

¹²⁰ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988. p. 89

pigmentos vermelhos no nariz, na testa ou em volta das faces; enormes perucas trabalhadas davam à cabeça um ar pomposo; certos toucados femininos imitavam modelos de navios com minúcia, entremeados aos cabelos, assim como ocorria com cestos de frutas e cenas históricas, incluindo figuras em miniatura. Tanto ns mulheres como nos homens, a pele era pintada de vermelho-apoplexia ou inteiramente de branco. O uso de máscaras também era freqüente, e, como diria Sennett, o “corpo parecia ter-se tornado um brinquedo com o qual era divertido brincar”.¹²¹

A relação do sujeito com suas vestimentas e sua idéia de gênero podem revelar experiências as mais variadas e singulares, já que envolvem a questão de como alguém pensa a identidade de gênero, ou até onde se suportam os próprios desejos. Um caso ocorrido na França do século XVIII pode ajudar nesta reflexão.

Trata-se de um caso de travestimento que fugia aos clichês do travesti como homossexual afetado e passivo. O personagem que aqui invoco é o de Chevalier d’Eon, cujo nome emprestou à psiquiatria um termo mais técnico, cientificamente falando, para travestimento: *eonismo*. Nascido em Tonnerre, França, em 1728, este suposto homem (sobre a “verdade” de seu sexo, será abordado logo mais), na vida adulta, teve uma promissora carreira militar e diplomática, a serviço do rei Luís XV. Nesta época era comum o envio de espões para missões estrangeiras, caso este em que d’Eon viu-se encarregado. D’Eon desempenhou um importante papel na aproximação (mediante interesses de guerra) entre a França e a Rússia, por volta de 1756. O curioso é que, em sua autobiografia, d’Eon recria à sua maneira esta sua ida à Rússia, para estabelecer relações com a corte de Elisabeth e convencê-la a travar relações com Luís XV, através de cartas. O Chevalier, em sua fabulação conceitual, diz ter ido à Rússia com a função de ajudar a rainha russa a escrever tais cartas, desempenhando o papel de professora. Exercendo o papel de diplomata e espão, no papel feminino, d’Eon parecia dar corpo à sua fábula alimentando-a com suas teorias sobre a mulher.

D’Eon foi um leitor assíduo de livros a respeito de mulheres ilustres da França e do mundo. Alguns exemplos da temática destes livros: apologia às mulheres da história, filoginia, dicionário de bolso de mulheres célebres, história literária das mulheres francesas, acervo das leis sobre o direito das mulheres, galeria das mulheres fortes, história de Joana d’Arc, estudo da maneira como se devem vestir os dois sexos, a dama polida, estudo dos costumes femininos nos diversos séculos e livros sobre amazonas.

¹²¹ Idem, *ibidem*. p. 90

Enciclopédias em vários volumes, acerca de mulheres ilustres, faziam parte de um corpo literário chamado *Querelle des Femmes* (debate sobre as mulheres), que se desdobrava em folhetos, peças, tratados e diálogos abordando a diferença de gênero nesta época.

Como um pesquisador quase obsessivo da mulher, d'Eon talvez já maquinasse uma metamorfose apoiada em toda uma pesquisa a respeito da diferença de gênero. O que não quer dizer que d'Eon fosse estritamente um travesti, ou um transexual, como algumas abordagens psicologizantes tentaram reduzi-lo. Para o vício do pensamento binário ocidental, há em d'Eon (como em todo travesti) uma estranha falta de lugar, uma suspensão de identidade fundada.

Quanto à sua identidade sexual, D'Eon fez de si um experimento ambulante, causando as mais estranhas reações, os mais absurdos e ruidosos mexericos em todo nível de classe. Dizia ele que nascera mulher, mas que, submetido ao desejo dos pais em relação a ter um filho homem, fora criado como tal. Recebendo uma educação masculina, voltou-se na idade adulta à carreira política e militar, chegando a defender a França na Guerra dos Sete Anos (1756-63), ao que fora nomeado a capitão no corpo de elite dos dragões, pelo rei. É desta insígnia que d'Eon não abria mão jamais, mesmo vestindo-se e portando-se como uma mulher. O que era de um absurdo grotesco, uma mulher com insígnias militares, símbolo máximo da virilidade bélica androcêntrica.

Para d'Eon, no entanto, não havia problema algum nisso, já que seu conceito de mulher não exclui a bravura, a honra, a carreira política e militar. É neste ponto que entra a figura histórica que tanto o fascinou: Joana d'Arc. Tanto ela como as amazonas o afetaram profundamente, em suas leituras de mulheres célebres. A força afirmativa dessas mulheres exerceu uma importância muito grande nas idéias deste excêntrico francês.

No reinado de Luís XV, este ignorou (no sentido punitivo) as manias de d'Eon; pelo contrário, parecia o admirar, concedendo-lhe certas regalias. Porém, posse de Luís XVI, houve certas reformas que incluíam o “caso d'Eon”, que ganhou as ruas em forma de panfletos, canções, impressos, sátiras e inspirando até uma peça de *Comédie Italienne*.

A situação tornou-se insustentável quando, visto como uma mulher vestindo uniforme militar, Luís XVI (junto à corte de Londres, onde d'Eon residiu durante um tempo) decretou-o como mulher, devendo desistir de seu uniforme de capitão dos Dragões, sendo legítimo ou não seu merecimento. A ordem era para que se portasse

como uma mulher da corte, ou então receber as devidas punições (como ser destituído do direito à vida pública e trancá-lo num convento de freiras).

Segundo Gary Kates¹²², este é o momento que, de forma clara, d'Eon passa a adotar realmente os trajes femininos. Apesar dos boatos históricos que o relatam como um espião na corte russa, como um diplomata infiltrado com trajes femininos, isso não passa de deformação. Na verdade, é um enigma saber se realmente d'Eon se portou em suas missões como mulher, apesar de suas já relatadas leituras assíduas da questão feminina. Porém, no mínimo, sua decisão intelectual (já que fundada em seus estudos) em portar-se como mulher (e militar) esteve algo entre 1766 e 1776, ano em que culmina com a ordem do Rei, com quem d'Eon ainda adia seu destino numa contenda de dois anos.

A partir daqui, a ordem do rei subentendia um programa completo para a *Chevalière*, que passa a receber instruções (domesticações?) das mais refinadas *mademoiselles* da corte; os hábitos, as etiquetas, as boas maneiras, tudo foi cuidadosamente preparado para o nascimento *de fato* da *Chevalière*. Rose Bertin, diretora do guarda-roupa de Maria Antonieta, foi quem criou seus novos trajes femininos.

Todo este projeto de direcionamento mostra que, possivelmente, d'Eon não convencesse de forma tão eficiente assim um povo curioso, em relação a quem era aquela estranha figura. Mas convencer provavelmente não era nem de longe sua intenção, muito mais voltada, isto sim, a um conceito que se encarna em si mesmo, ou seja, o da mulher guerreira. D'Eon foi tão longe com seu projeto que sua autópsia foi um escândalo, ao descobrirem que, na verdade, tratava-se de um homem. Um homem anfíbio que, segundo os documentos alegam (ou deixam de alegar), jamais teve um(a) companheiro(a) sequer.

Esta problemática em relação ao sexo e a indumentária levanta uma questão muito presente no universo do travestimento, lembrando muito o caso do hermafrodita Herculine Barbin, analisado por Michel Foucault¹²³. Da mesma forma normatizante, Herculine, que desejava viver tal qual uma pessoa que possuía dois sexos, fora obrigada a adotar a identidade masculina, por um saber médico e jurídico, o que acarretou em seu suicídio. Daí a famosa pergunta de Foucault: “precisamos de um verdadeiro sexo?”.

¹²² KATES, Gary. *Op Cit*

¹²³ FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982

Eis uma pergunta que toca diretamente a estranheza que a ambigüidade dos travestis suscitam, num sistema que se conserva binário. Segundo Foucault, o século XIX é uma época “(...) intensamente dominada pelo tema do hermafrodita – da mesma forma que o século XVIII foi dominado pelo tema do travesti”.¹²⁴ Ou seja, como pontos rugosos e assimétricos, estranhos corpos devem se prestar ao saber e ao poder, que lançarão seus olhos e sua fala patologizante. Lombroso, na criminologia patológica, e Kraft-Ebbing, na psiquiatria, são exemplos claros disso. Como já dito, o termo psiquiátrico “eonismo”, referente ao travestimento, é fruto deste desenvolvimento de saberes e técnicas direcionadas a sujeitos desviantes; o mesmo ocorreu com Sade e Masoch.

O Brasil também não foi exceção, quanto a tais métodos, principalmente na primeira metade do século XX, auge da boemia nas grandes cidades. As teorias lombrosianas atracaram muito bem por aqui, na década de 1930, quando médicos buscavam as causas fenotípicas do homossexualismo¹²⁵. As técnicas lombrosianas foram muito presentes, principalmente na análise dos “sodomitas” (também chamados de “bagaxas”, pelo vocabulário da época) que faziam presença não só na marginalidade, mas no campo da literatura e das artes. O discurso médico não só via comportamentos desviantes a partir da anatomia, mas as vestes também demonstram seu impacto no interior deste discurso da norma. Mesmo a elegância e o refinamento do dândi poderiam ser vistos como sintomas de patologia. Na literatura médica da época, são citados, nas portas dos teatros, moços imberbes exibindo suas botas de salto, calças justas, chapéu, cigarrilha, lenço no pescoço e camisa de cetim. Ao modo de Madame Satã (1900-1988), o malandro carioca inventor de uma vida voltada à intensidade. Tais figuras da aparência destoam porque, considerando certas regras sexuais que regem o cotidiano, determinados períodos históricos consideram afeminado o homem preocupado com a própria imagem. Motivo de maior abjeção seria referente àqueles que ousassem tomar para si objetos, vestimentas e apetrechos do sexo oposto. Sobre a gramática sexual, diz Neuza Oliveira:

“A indumentária é sobre o corpo um investimento simbólico. Se as sociedades primitivas cunhavam no corpo dos sujeitos seus signos e sua escrita, a nossa não

¹²⁴ *Idem, Ibidem*, p. 09

¹²⁵ GREEN, James. *Op Cit*, p. 199 e TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. São Paulo: Record, 1995

abandonou semelhante forma de linguagem. (...) O conjunto de sinais, tais como, corte de cabelo para diferentes sexos e idades, aliança nos dedos para os casados, maquiagem, depilação dos pêlos das pernas e axilas para as mulheres, a barba cultivada por alguns homens, denunciam uma organização sexogramatical com seus ritos de passagem e iniciação”.¹²⁶

A divisão de gênero, enquanto uma prática dualista de padronização e domesticação cultural dos comportamentos, não se opera somente no discurso biológico, ou seja, a verdade do sexo submetida ao inflexível destino da anatomia. Também na história das vestimentas vê-se uma problematização muito freqüente, com relação à separação simbólica e empírica dos sexos. Contudo, em se tratando do universo da moda, tal prática não se dá de forma simples, direta e transparente, seguindo o trajeto do dominador ao dominado. Antes, há uma circulação de expressões concernentes ao seu tempo e espaço, fazendo da moda algo incerto, provisório, perecível, seja nas mudanças bruscas e originais, seja nas releituras ou nas readaptações. Talvez seja esta circularidade que permita à moda apresentar espaços passíveis de imaginação criadora, consciente ou inconscientemente.

O jogo das aparências, relacionado às formas que vestem os sexos, é uma espécie de dramatização justamente porque a moda trilhou um longo caminho para polarizar mais nitidamente as roupas, influenciada por uma atmosfera social ao mesmo tempo em que influenciava os comportamentos. Considerando determinadas épocas, leis, espaços e sociedades, esta dramatização cotidiana adquire diversos tons.

A sexualidade desempenhou um papel de motor expressivo, fonte de criatividade, capricho e invenção, principalmente com as roupas modernas. Como base da forma dos vestuários, a sexualidade está presente em toda expressão de força na moda. O modo sexual abarcava os indícios de classe social e função, ou seja, a roupa de um homem era primeiramente masculina, e só posteriormente nobre, rural ou proletária. Desde o início de sua história, o vestuário expunha o corpo masculino ou feminino a partir de fantasias a respeito da sexualidade; temperar a forma para que esta se ajustasse às outras dimensões da vida era uma questão *a posteriori*.

O vestuário sexualizado costuma, portanto, a representar de forma estética e binária o biológico-anatômico e a expressão cultural do que se entendia como masculino

¹²⁶ OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Op cit*, p. 73

de feminino. Interferir nesta coerência, nesta linha de comunicação direta entre corpo e vestuário é geralmente visto como travestismo, transexualismo, ou qualquer outro termo *transversal*. Mas esta problemática nem sempre foi uniforme historicamente, muito menos uma interdição oficial ou social. Primeiramente, talvez seja necessário esboçar possíveis aproximações e distanciamentos no que se refere a estilos de ambos os sexos se expressarem, apoiados nas formas dos vestuários.

O intercâmbio prático e conceitual entre as vestes de ambos os sexos é um fato recorrente na história da moda. Durante a Renascença, há exemplos de temas masculinos de origem feminina, como os colarinhos abertos, mesmo tendo pouca adesão dos homens, como alguns auto-retratos de Dürer (1493 e 1498) e modelos masculinos pintados por Ticiano e Giorgione, no mesmo período. Mesmo homens com barba são de certa forma feminizados pela moda do colarinho aberto, já que sugeria um decote, característica esta referente até então somente às roupas femininas¹²⁷. A idéia de vulnerabilidade que um colarinho aberto insinuava tinha pouco a ver com os ideais masculinos de força, austeridade e espírito bélico.

Mas não se tratava somente de gestos intercambiais entre certos detalhes de vestimentas, entre os sexos. Em determinadas épocas, há formas, adornos e rituais pertencentes a ambos os sexos, com diferenças bem sutis entre si. Dois exemplos: o uso dos saltos altos, usados por ambos os sexos no século XVII, e, na passagem para a segunda metade deste mesmo século, o quase universal uso de perucas pelos homens, contribuindo para que as roupas masculinas cada vez mais se ligassem a uma intenção de demonstrar uma ilusão exibicionista. Homens e mulheres bem vestidos tinham uma aparência muito semelhante, com cabelos encaracolados, golas com grandes laços e chapéus usados por ambos os sexos.

Um acontecimento singular, ligado a um distanciamento entre as formas masculinas e femininas no vestir, marcou profundamente a divisão dos sexos na moda, no período final do século XVII. Em 1675, um grupo de costureiras francesas pediu a permissão real de Luís XIV para confeccionar roupas para mulheres, obtendo sucesso. Seriam as primeiras modistas profissionais. A partir de então, mulheres passaram a vestir mulheres e homens vestiam homens. Isto marcou uma discrepância no vestuário de ambos os sexos, afetando todo o século XVIII, tendo um ápice no XIX.

¹²⁷ HOLLANDER, Anne. *O Sexo e as Roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996

Desde o surgimento da moda, no final da Idade Média, eram os alfaiates masculinos que confeccionavam as roupas de ambos os sexos. Daí a relativa harmonia existente entre o simbolismo sexual durante quatro séculos, até o final do século XVII, quando as roupas eram confeccionadas com o mesmo princípio artesanal, os mesmos materiais e a mesma fonte de imaginação criadora: o “território” masculino. Até então, nenhum dos sexos excedia o outro, em ornamentações.

Este acontecimento no universo da moda afetou profundamente o imaginário sócio-cultural da posteridade. Surge então um gosto masculino pela sobriedade racionalizada, uma justa medida em relação ao vestir-se, principalmente na entrada do século XIX. Todo gesto demasiado à medida tornar-se-ia incoerente, afeminado, com ornamentos em excesso. É a partir desta divisão que o imaginário concernente ao vestuário masculino tornou-se cada vez mais sóbrio e funcional. Proporcionalmente, a criatividade presente nas roupas femininas rumava a uma fantasia exteriorizada. Conforme explica a historiadora Anne Hollander:

“(...) por volta do século XIX, homens que se preocupassem menos com o ajuste e o feitiço básico de suas roupas e mais com seus efeitos externos poderiam ser desprezados como efeminados, embora tal tipo associação jamais tenha sido feito com Henrique VIII ou qualquer outro cavalheiro dos tempos da Renascença”.¹²⁸

Desde a segunda metade do século XVIII, a forma com a qual os sexos desejavam parecer contrastantes é visível nos quadros pintados, nos impressos populares e nas gravuras de moda. O volume dos trajes masculinos reduziu radicalmente, enquanto o das mulheres redobrava de tamanho. A alfaiataria masculina, ao final do século XVIII afastou-se da opulência barroca e aproximou-se da simplicidade, sem intenções exibicionistas.

Apesar da divisão sexual instalada firmemente com as indumentárias, desde o final do século XVII, atingindo um ápice no XIX, é justamente esses limites demarcados e proibitivos que parecem excitar a imaginação de alguns, seja qual for a intenção do “disfarce”. A margem de subverter as leis referentes às roupas, no Renascimento, talvez possa ser considerada bem menor quando se compara o abismo

¹²⁸ *Idem*, p. 92

que o século XIX presenciou, no tocante à separação dos sexos pela moda. No Renascimento, eles eram aproximados pelo excesso impresso na forma. No século XIX, a justa medida masculina vem a negar qualquer aproximação com o volume feminino.

Mas a historiadora Hollander parece apostar numa oscilação de certa forma previsível na moda, quando diz que, por mais que certas comunidades façam suas leis de proibição ao travestismo na moda, penalizando (efetiva, moral e simbolicamente) os casos de violação, este é um fato que demonstra um possível retorno em relação à confusão entre as roupas dos homens e das mulheres, mesmo após um período de separação. Como a moda aposta no risco, no efêmero e no acaso, torna-se difícil tentar decifrar seus movimentos vindouros, como tenta sugerir Hollander.

A moda está estreitamente ligada, como diria Lipovetsky¹²⁹, ao efêmero, à imaginação individual e à polimorfia coletiva, não se trata aqui de apontar uma suposta tendência previsível e irreversível da história do vestuário. É pensando nisto que cito os casos de travestimento como uma problematização, um curto-circuito na coerência esperada entre anatomia e roupa, sexo biológico e expressão cultural.

Na moda contemporânea, uma nova e nascente liberdade masculina vem a flexibilizar uma riqueza de variedade próxima à feminina moderna, ainda que não de forma tão ampla. Assim como elementos do vestuário masculino perderam seu caráter de hostilidade para as mulheres, os homens deixaram de encarar como tabu as bolsas, lenços para o pescoço e brincos. Diz Hollander:

“(…) Ambos os sexos dedicam-se hoje em dia a jogos de troca, porque pela primeira vez em séculos os homens estão aprendendo hábitos de vestir com as mulheres, e não o contrário.

Algumas das coisas que os homens estão usando, (...) são simplesmente acessórios e ornamentos que há muito deixaram de ser usado *exceto* pelas mulheres. Bolsas e brincos, cabelos compridos e lenços de pescoço de cores brilhantes, chapéus fantasiosos e calçados podem ser reconstruídos de modo seguro como hábitos masculinos (...). Não parece provável, porém, que roupas e acessórios femininos ocidentais de antigamente – saias volumosas, decotes criativos para o busto, para as costas e para os braços, boinas ou lenços para a

¹²⁹ LIPOVESTKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 1991

cabeça – sejam provavelmente usados em breve pelos homens ocidentais comuns. Os homens reaprenderam com as mulheres a ser mutáveis e múltiplos, decorativos e cheios de cor, e a redescobrir seus cabelos (...).¹³⁰

Este fluxo realizado pela relação de gênero através da moda acabou resultando num mútuo contágio, onde a própria identidade da vestimenta se transfigurava, quando adotada por um ou outro sexo. Neste processo de metamorfose da roupa, era possível que, quando retornava ao gênero “de origem”, transformava-se numa peça já totalmente reinterpretada, a ser mais uma vez relida. Na segunda metade do século XX, por exemplo, ao adotar o esquema masculino de vestuário, adequando-o para si mesmas, as mulheres devolveram aos homens um novo esquema, com possibilidades novas.

Trocando figurinos, misturando suas partes e retomando outras, o drama desempenhado pelos sexos na vida diária abre ao sujeito um leque de possibilidades de ser. No *theatrum mundi*, estão imersas personagens múltiplas, de caráter transitório, realizando sobre a pele uma imaginação feita de panos, adornos, tinturas. Trata-se de uma interferência na superfície da anatomia. Para manifestar-se culturalmente, o corpo faz uso corrente desta complexidade de artifícios. No universo das travestis, talvez o exemplo mais radical deste fato, a interferência faz-se também sob a pele, deslocando, costurando, refazendo, inserindo e remanejando o tecido da carne. Pela alta temperatura de desejo vital presente nas travestis, afirmando-se no *intermezzo* dos pólos sexuais, não é de se estranhar o incômodo que causaram no meio social e também na ciência. São figuras da incerteza numa sociedade que busca avidamente as certezas. Seria o caso, talvez, de terminar este capítulo com algumas palavras de Foucault para o prefácio de um livro de Deleuze e Guattari, “O Anti-Édipo”:

“Libere-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna), que o pensamento ocidental, por um longo tempo, sacralizou como forma do poder e modo de acesso à realidade. Prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade”.¹³¹

¹³⁰ HOLLANDER, Anne. *Op Cit*, p. 224

¹³¹ DELEUZE, Gilles e Guattari, Félix. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977

3) Mascarar o corpo

Submeter o mundo à inteligibilidade humana é uma herança do pensamento iluminista, que faz reverberar ainda hoje uma avidez em tornar o mundo previsível a partir de conceitos como unidade, identidade, o “todo”, o *homem universal* indivisível e inviolável em seus direitos etc. Além disso, territórios maniqueístas, historicamente fundados, têm na idéia fronteira das coisas uma compreensão de mundo. Sendo as travestis as personagens focalizadas neste projeto, é sobre fronteiras que se quer justamente problematizar, em temas como a naturalização dos gêneros, dos papéis masculinos e femininos, a questão do corpo biológico e do corpo cultural, a importância do mascaramento do corpo para colocar devires em movimento e ser afetado por eles. Mas a questão da interferência no corpo, em suas configurações, principalmente no tocante à engenharia genética, é um problema que deve ser cuidadosamente discutido, o que tentarei fazer em parte deste capítulo. Mudanças realizadas no corpo, geralmente encaradas como o supra-sumo da evolução tecnológica a serviço das “imperfeições” da carne, podem estar muito mais próximas de uma higienização neo-fascista do que de uma abertura de possibilidades experimentais ao sujeito.

Para a filosofia trágica, o artifício é um conceito negador de uma *essência* do homem e das coisas, de uma *natureza* inata escondida sob as máscaras e véus do mundo, pronto a ser desvendado pelo saber humano. Naturalizar construções histórica e discursivamente germinadas foi o ofício tanto da filosofia quanto da história em buscas de significados fixos, unidimensionais e verdadeiros. A falência das certezas é uma característica muito ligada à contemporaneidade, era onde as grandes narrativas não têm mais lugar.

As travestis são um caso de artificialidade marcante, nos cuidados com a imagem, através de maquilagens e mascaramentos sobre e sob a face, corpo afora e adentro. Mesmo a idéia de *máscara*, aqui, deve ser recolocada, já que não recobre *essência* ou *natureza* alguma, mas é pura expressão em si. Diz Hélio Silva:

“Vestuário, corte de cabelo, calçados, adornos, jóias, perfumes, itens crivados de signos de representação de identidade sexual, tradicionalmente alocados em um

dos pólos enrijecidos das representações sociais do masculino e do feminino, experimentam no Brasil da década de 50 para cá inúmeras flutuações significativas, sobretudo nos grandes centros urbanos.

(...) Quando nossa sociedade lidava de forma mais enrijecida com as representações do masculino e do feminino, e quando o controle de um sexo sobre o outro era inequívoco, tornava-se quase impossível a manifestação pública e em larga escala de um fenômeno como o do transvestitismo”.¹³²

A ambigüidade e a incerteza, como pura afirmação, têm seu lugar privilegiado na expressão das máscaras, num jogo e numa guerra onde as aparências enganam caçadores de veracidades identitárias. Povoar lugares estrangeiros a si mesmo é querer-se *trajeto*, fluxo de Heráclito. A superfície das coisas, em sua totalidade paradoxal e “profunda”, é o plano de experimentação onde não há “verdade” latente alguma no subterrâneo secreto do real, cujo véu descoberto a tudo explicaria.

As máscaras desempenharam um importante papel na produção cultural do homem, desde povos ditos primitivos, passando pela medievalidade, o barroco, o renascimento, além ter nas artes plásticas uma presença marcante. Na arte grega, nos rituais indígenas, na *commedia dell'arte* italiana, nos artistas nômades de rua e de circo, nos teatros *kabuki* e *nô* do Japão, a máscara manifesta, esconde, engana, seduz, ludibria, ri e chora. As referências de verdade e mentira, realidade e ficção, máscara e rosto, dentro e fora perdem seu estatuto de referência simbólica fundante, cedendo lugar a resignificações lúdicas. Como extensão do rosto do ator, a máscara multiplica-o e o fragmenta. O teórico da linguagem Mikhail Bakhtin assim coloca, sobre o tema da máscara na cultura popular:

“(...) A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. O complexo simbolismo das

¹³² SILVA, Hélio. *Op Cit*, p. 50

máscaras é inesgotável. Basta lembrar que manifestações como a paródia, a caricatura, a careta, as contorções e as ‘macaquices’ são derivadas da máscara. É na máscara que se revela com clareza a essência profunda do grotesco”.¹³³

Bakhtin, quando compara a diferença conceitual do tema da máscara na cultura popular da Antigüidade e da Idade Média e no Romantismo, diz que, neste último, ela desempenha o papel de recobrir, disfarçar um Nada terrível, um vazio lúgubre. Diferente da vertente popular, onde não havia tal função, sendo a máscara uma maneira carnavalesca, múltipla e inesgotável de manifestar a vida nos rostos. Mesmo quando se tratava da paródia, do rebaixamento satírico do outro, na cultura popular era uma atitude ambígua de “reanimar” alguém que seria aproximado da terra, símbolo de renovação cíclica da existência; morte e vida, negação e afirmação, decomposição e regeneração não se excluem, pelo contrário. No Romantismo, para Bakhtin, há um empobrecimento frente ao caráter popular festivo em relação à morte, ao terror, ao macabro e, principalmente, à máscara, que passa a ter um caráter fúnebre de disfarce.

Vale ressaltar, porém, a sensibilidade romântica para com uma certa falência de valores historicamente fundados, em relação ao homem e suas ações na história e no destino da humanidade. Como ocorre com a máscara, há outros desdobramentos temáticos sobre a idéia de *ilusão identitária*, como a *sombra*, o *duplo* e as *marionetes*, características muito presentes nos *roman noir*. A sombra adquire um tom de ameaça ao “dono”, ganha vida própria e se desgarrar do corpo; o duplo põe em cheque a unicidade inviolável do sujeito, podendo manifestar-se como um santo às avessas, um “lado B”; as marionetes adquirem independência, fazendo diabruras em nome de outros, ou, um outro contexto, o próprio homem é convertido à marionete, por uma força desconhecida e maligna. São variantes temáticas de toda uma atmosfera de desassossego, sombria, comum também no entre-guerras e na contemporaneidade. Não só a questão da ilusão da identidade, mas a própria autoria humana é colocada em questão, no tocante a moldar seu tempo presente, aprender com o passado e preparar um futuro redentor para si.

O dândi Oscar Wilde via na máscara uma possibilidade de jogar com os conceitos usuais de bondade, veracidade e clareza, assim como uma forma de declarar aversão a tudo o que fosse *natural* (no artificialismo do dândi, o horror à natureza, sua

¹³³ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Franteschi Vieira. São Paulo: HUCITEC – Editora da Universidade de Brasília; 1999. P. 35

negação, ainda subentende uma crença nesta, mesmo que via nojo). Comentando sobre a forma de vida escolhida por Wilde, numa devoção às aparências, diz Richard Miskolci:

“O dândi era uma figura moderna, pós-cristã e rebelde. Um duplo de si mesmo, o dândi é uma criação individual e intransferível. Emanava dele o charme da individualidade, da estetização de si mesmo e de sua relação com o mundo. Nas palavras de Baudelaire, o dândi seria aquele que impunha sua personalidade contra a tradição em um processo de construção de si mesmo cujo único paralelo explicativo é o de uma prática existencial do esteticismo. Assim, o dândi impõe a si mesmo a mais despótica das disciplinas ao fazer de seu corpo, seu pensamento e seus sentimentos e suas paixões, em suma, de sua própria existência, uma forma de arte”.¹³⁴

Em Wilde, a verdade é contada *pela* mentira, *através* dela; a verdade é anunciada por uma máscara. Ou seja, toda a responsabilidade de declarar uma verdade está nas mãos da “mentira”, das superfícies de uma máscara, que não tem contas a prestar com veracidade alguma, não devendo nada a esta. Os homens sérios, crentes na verdade, logo tremem perante a declarar-se “nu”, vendo no mascaramento um refúgio, mas ignora que todo *significado* fixo é uma espécie de mística do pensamento tradicional. Wilde problematiza esses limites entre sinceridade e dissimulação: “Quanto mais o homem fala de si, mais ele deixa de ser si mesmo. Mas deixe que se esconda por trás de uma máscara, e então ele contará a verdade”.¹³⁵ É a mesma interpretação que Wilde tem da arte: “Não há uma verdade universal na arte. Na arte é verdadeiro até o contrário da verdade”.¹³⁶

Curiosa é a comparação que Wilde faz entre a vida e o teatro. Na vida, há um controle sobre os homens, levados ao grau de passivas marionetes, como na já citada visão romântica *noir*; no teatro, haveria somente jubilação:

¹³⁴ MISKOLCI, Richard. *A Vida como Obra de Arte - Foucault, Wilde e a estética da existência*, texto apresentado no Colóquio Internacional Michel Foucault, realizado na UNICAMP de 16 a 18 de novembro de 2004.

¹³⁵ Wilde, Oscar. *Aforismos*. Trad. Mario Fondelli. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997

¹³⁶ *Idem*, p. 31

“Que sorte têm os atores! Cabe a eles escolher se querem participar de uma tragédia ou de uma comédia, se querem sofrer ou regozijar-se, rir ou derramar lágrimas; isto não acontece na vida real. Quase todos os homens e mulheres são forçados a desempenhar papéis pelos quais não têm a menor propensão. O mundo é um palco, mas os papéis foram mal distribuídos”.¹³⁷

A questão da vida como palco e palco como vida é uma diluição de fronteiras e limites muito presente nos bailes de máscaras, nos carnavais antigos e contemporâneos, nos ajuntamentos coletivos e teatralizações da existência em geral. Trata-se da já citada problematização entre real / imaginário, verdadeiro / falso, belo / feio. Na Inglaterra do século XVIII, a cultura do travestimento era largamente utilizada nos bailes de máscaras. Claro que se está num espaço fechado, ainda não há uma potência dionisíaca como os excessos dos carnavais, mas ainda assim está em jogo um interessante jogo de artifícios, fantasmagorias, cuja flexibilidade experimental nega qualquer fixidez de papéis a serem obedecidos, seja pela moral biológico-natural, religiosa, científica ou ideológica.

Segundo Terry Castle, na Londres do século XVIII, a manipulação das aparências era uma estratégia recorrente em salas de reuniões, bordéis, teatros, jardins públicos e em bailes de máscaras, que começaram a aparecer na cidade em 1720. Para Castle:

“(…) a mudança coletiva da indumentária era uma possibilidade de fuga catártica de si próprio e uma sugestiva revisão das experiências cotidianas. A vida multiforme da cidade encontrava expressão em uma constante ânsia popular de disfarces e metamorfoses.”¹³⁸

Estudioso da cultura do travesti nas mascaradas londrinas, Castle diz se tratar de uma revelação peculiar, expressiva e paradoxal de necessidades ocultas. Mascarar o rosto e desmascarar a mente: eis o tom lúdico das metamorfoses. O disfarce permite acesso a novos e desconhecidos domínios sexuais e éticos. Manipular a aparência, fazer

¹³⁷ *Idem*, p. 21

¹³⁸ CASTLE, Terry. *A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras da Inglaterra do século XVIII*. In: ROUSSEAU, G. S. e PORTER, Roy (org.). *Submundos do sexo no Iluminismo*. Trad. Talita M. Rodriguez. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 196

do travestimento uma maneira de levar o artifício às últimas conseqüências, significava um desafio às normas do determinismo biológico: “os contemporâneos moralistas viam logo uma profunda afronta à ‘Natureza’ e à ordem natural das coisas”.¹³⁹

A boa conduta da época exigia a diferenciação dos sexos pela indumentária, evitando assim as irregularidades. Casos como o da atriz Chatlotte Charke, que trajava roupas masculinas, e de Chevalier D’Eon, chamaram a atenção não somente da sociedade, mas da imprensa do século XVIII, suscitando as mais variadas opiniões sobre o qual seria o verdadeiro sexo de tais provocadores. Um número significativo de travestis sexuais parodiou a rigidez limítrofe dos gêneros, conforme a aceitação social comum. É importante ressaltar que manipuladores da aparência não só provocavam especulações da opinião pública e da imprensa, mas as discussões penetravam a fundo a área médica, com seus desdobramentos psicologizantes.

Os bailes de máscaras não se resumiam a ambientes privados, pois as mascaradas públicas chegaram a ser o veículo mais expansivo na mudança das aparências deste período, sendo muitas vezes associadas ao libertinismo. Novas possibilidades sexuais estavam em curso, possibilitando múltiplos deslocamentos e enigmas. O ataque às fronteiras dos gêneros era estilizado, colocando em cena um indivíduo moderno polimorfo, “(...) perverso por definição, sexualmente ambidestro e potencialmente ilimitado no âmbito dos desejos.”¹⁴⁰

Próxima do carnaval, a mascarada rompia fronteira de níveis e privilégios, ou seja, é uma diversão pública urbana não-exclusivista: “(...)Atraía igualmente todos os níveis sociais e permitia que as classes mais baixas e as mais altas se misturassem em um único círculo ‘promíscuo’.” As indumentárias permitiam uma mistura, uma confusão de classes niveladora, ou, a partir da ausência de valores legítimos de hierarquia, uma certa anarquia liberava impulsos incomuns. A ralé, inevitavelmente admitida na mistura dos níveis sociais nas mascaradas, podiam insultar impunemente os superiores. Segundo Castle, “Dado o liberador anonimato da cena, o comportamento coletivo não sofria constrangimentos. Bebidas, danças, jogos e intrigas se davam, o decoro de todos os dias era invertido, e reinava o espírito das saturnálias.”¹⁴¹ A mascarada sintetizava a vida sexual clandestina da cidade, uma assembléia libidinosa onde intrigas e encontros “ilícitos” formavam cartografias de desejos.

¹³⁹ *Idem, ibidem*

¹⁴⁰ *Idem, p. 197*

¹⁴¹ *Idem, p. 200*

Na ficção setecentista, romances caracterizavam a mascarada como um espaço de sedução, adultério, incesto, perversão, defloração, estupro, ou seja, referências a festividades com fins impuros. A troca da indumentária, ainda mais quando se trata de invadir o território do sexo oposto, experimentando-o em si, era uma questão de depravação no imaginário de muitos, o que lhes inspirava as mais disparatadas interpretações. A literatura produzida referente aos bailes citava o engano, a confusão e os atos acidentais que ocorriam em certos encontros: a virgem mascarada era deflorada acidentalmente pelo próprio pai; uma mulher disfarçada de menino despertava intenções lúbricas num rapaz que não a teria notado, caso não estivesse travestida (homossexualismo casual citado por Castle na obra *“Memories of a Woman of Pleasure”* de Cleland, publicado em 1749).

Nos bailes, uma miríade de personagens compunha o cenário: turcos, feiticeiros, arlequins, pastores, hussardos, pierrôs, camponesas, polichinelos. Algumas mulheres usavam botas de cano alto e culotes, assim como travestiam-se de hussardos, marinheiros, cardeais ou meninos mozartianos; vestidas como homens, chegavam a cativar figuras do próprio sexo feminino. Certos homens passavam pela mesma situação, quando, com indumentárias femininas, eram flertados por rapazes; adornavam-se com rendas e babados, outros disfarçavam-se de feiticeiras, cafetinas, babás e pastoras. A natureza andrógina da deusa “amazona” Diana também inspiravam certas vestimentas. Segundo Castle, o disfarce elimina os obstáculos e os constrangimentos da decência:

“(…) O travesti erotizou o mundo. (...) as pessoas se livravam de suas inibições (...) podiam experimentar (...) um novo corpo e seus prazeres. A troca de roupa era também uma troca de desejos. O resultado era uma fuga do ‘natural’ – de tudo o que fosse culturalmente preordenado – para os novos domínios da desordem voluptuosa”.¹⁴²

A inversão simbólica, tão presente no carnaval, também se fazia nas mascaradas, em algumas prostitutas de vestimentas piedosas. As máscaras e os disfarces inspiravam fetichismos e visões afrodisíacas. Inibições e controles éticos habituais eram eliminados pelo mascaramento. O movimento, o deslocamento que significa a mudança de roupa e

¹⁴² *Idem*, p. 201

o fluxo do desejo, intensificava e multiplicava as possibilidades dos prazeres e das paixões. Terry Castle interpreta na máscara, referente ao século XVIII, um ícone do desejo transgressor.

Em eventos mais conhecidos, como na *Midnight Masquerade* (A Mascarada da Meia-Noite) ou nos bailes públicos, atos sexuais não ocorriam, diferente da promessa dionisíaca presente nos casos mais clandestinos e secretos. O baile de máscaras, junto com os bordéis, lupanares, parques e praças londrinos vai funcionar como um catalisador, um ambiente que possibilita contatos sexuais ilícitos. No baile, faziam-se ligações atípicas principalmente porque permaneciam anônimas; o anonimato promovido pelo disfarce descartava as proibições e os tabus. Abordar estranhos, abraçar desconhecidos e dizer grosserias eram formas de prazer que fluíam sem receios para algumas mulheres, por exemplo, tão pouco associadas à liberdade erótica. Para as prostitutas, outro exemplo importante, o disfarce lhes permitia exercer o ofício com relativa segurança. Com a máscara, a mulher tinha o privilégio masculino de escolher o objeto erótico. Mesmo com a cultura setecentista sendo patriarcal, era nas mascaradas que as mulheres tinham um efêmero e subversivo simulacro de autonomia sexual.

Os homossexuais também encontraram uma maior permissividade nos bailes de máscaras públicos; ligações “anormais” eram iniciadas no jogo lúdico da manipulação das aparências. Acerca da homossexualidade nas mascaradas, a literatura moralista da época citava Sporus, Calígula e Heliogábalo como Monstros da Natureza, infames travestis e bissexuais da Antigüidade, representando a escória e o escândalo vergonhoso da humanidade. Segundo Castle, autores do sensacionalista “*Short Remarks upon the Original and Pernicious Consequences of Masquerades*” atacavam as práticas homossexuais nos bailes de máscaras e recorriam aos já citados “homens infames” da Antigüidade para discorrer idéias recriminadoras sobre tais eventos, junto às experiências que suscitavam: “Os modernos bailes de máscaras seriam meras imitações das ‘Coribantes’ e dos ‘sacerdotes dançarinos’ imorais do passado; a ‘*Festum Kalendarium*’ pagã, cena de travesti, perversão e blasfêmia, era o Original negro que recriamos em nossas Mascaradas.”¹⁴³

A mascarada possuía um poder destabilizador de violar regras e inverter categorias sagradas, tanto no âmbito da imaginação quanto no da práxis. A fuga do “natural”, no travestimento, abre novas oportunidades no mundo dos prazeres do corpo.

¹⁴³ Cf. Castle, Terry. *Idem*, p. 212

É na falência de valores totalizantes e “naturais” que se instalam existências voltadas à aparência, ao inútil, à “mentira” da imagem e à leveza das superfícies que retratam vidas carregadas de *falta* de sentido, segundo dogmas e valores que se querem universais, elevados ao grau de instituição, como Deus, Homem, Família, Progresso. A própria filosofia, a exemplo da História, esteve muito a serviço das especulações universalizantes e paradigmáticas. No universo dos mascarados, não há rosto algum que se estacione numa verdade.

Michel Foucault, num evento singular, utilizou-se da máscara ao intitular um artigo como “*Le Philosophe Masqué*” como uma forma de desestabilizar seus críticos, tão acostumados a iniciar uma leitura já sabendo *quem* elaborou determinado texto. Partindo do nome “Foucault”, *a priori*, a análise preconceituosa do texto seria seguida de considerações prontas, pré-definidas pela “grife” junto ao escrito. Tomando os devidos cuidados para não denunciar-se nos conceitos e vocabulários recorrentes em seu estilo filosófico, Foucault aceita o convite para uma entrevista com Christian Delacampagne, do jornal *Le Monde Diplomatique*, com a única condição de que o texto permanecesse anônimo (o seu nome só fora revelado após sua morte).

A cena intelectual da época (início de 1980), subjugada aos anseios da mídia, incomodava Foucault pelas “estrelas” acadêmicas ofuscarem a compreensão dos textos, prevalecendo a pessoa sobre as idéias. Assinando como “o filósofo mascarado”, o pensador francês, dissimulado num personagem anônimo, parece adquirir uma desenvoltura que tanto lhe faltava em épocas como a citada, de manipulação midiática a partir de celebridades acadêmicas. Como seu nome já havia adquirido grande notoriedade, o “autor” Foucault acabou se tornando uma peça deste jogo onde as idéias dificilmente são analisadas em si, sem a determinação da “estrela” que o promove. Através de uma estratégia que aqui se discute, ou seja, o mascaramento, Foucault parece pôr suas idéias para dançarem, compreendidas sem serem “vistas”, diante dos críticos.

O conceito de máscara a que interpreto a personagem da travesti não seria uma questão de segredo, medo, embuste, maquiagem da castração, a carência, mas abundância, aprovação, pulsão de vida, como bem exemplificou o carnaval popular analisado por Bakhtin; é menos uma fuga de si, no sentido de um descontentamento com uma verdade do “eu”, que uma busca plural de existir fora das cristalizações totalizantes, fora de qualquer dialética que toma elementos díspares, coloca-os em contato e dali retira uma síntese harmônica e transcendida. O mascaramento, junto com

a afirmação “eu é um outro”, de Arthur Rimbaud está intrinsecamente ligado a devires, flerta com o *instante*, com o passageiro, com o acaso e o destino trágico. Com a falência dos princípios guiados pela transcendência, seja de cunho religioso ou político, há espaços que se abrem para experiências da diferença, da singularidade, lugares onde se encontram devires em curso. O carnaval, por exemplo, é uma festividade do delírio, da inversão e da embriaguez levados ao extremo. O corpo torna-se elemento e símbolo de ambivalências, hibridismos e justaposições gratuitas; as forças do efêmero e da aparência colocam uma massa em processo de metamorfose contínua, de jubilação sem medidas.

Território do mascaramento por excelência, o carnaval é um evento dionisíaco voltado única e exclusivamente às “profundidades” da pele, em contato direto com tudo o que uma realidade supõe, sem crivos benevolentes, sem higienização do “intolerável”. A festividade carnavalesca é o espaço e o tempo reinventados, assim como o corpo, os desejos e os prazeres re-significados. O sociólogo Michel Maffesoli, em estudos sobre as re-atualizações do trágico dionisíaco nas tribalizações da atualidade, vê nos ajuntamentos pós-modernos um exemplo da desmedida de Dionísio, das impermanências dos fluxos de heraclitianos. Trata-se de uma tribalização de toda espécie, onde haja embriaguez na afirmação da existência, sem condição alguma. Por essa ótica, o carnaval brasileiro é o ambiente mais poroso e “respirável” que as travestis (e não travestis), inicialmente, podiam encontrar.

O delírio coletivo proporcionado pelo carnaval embaralha papéis sexuais, identidades, rostos e genitálias não só numa inversão, mas num frenesi experimentado diretamente na pele, sem “depois” transcendental algum. Esses espaços de afirmação plena da existência, negando sublimações, são chamadas por Foucault de “heterotopias”, ou “espaços-outros”. Diferente das utopias niilistas, que negam o presente em prol de uma idealização de um “amanhã” supostamente redentor, as heterotopias designariam espaços de experiências puramente aprovadoras. As jubilações presentes nos bordéis, nos bares, na vida boêmia e nos carnavais são exemplos disso.

A epidemia carnavalesca não poupa identidade alguma, é um ritual que penetra nas proibições para escarneá-las, desierarquiza pirâmides, reinventa o cotidiano. O carnaval está próximo da peste à maneira de Antonin Artaud, que via nesta um acontecimento anárquico e desestabilizador não só de uma cidade, mas das mentalidades de seus habitantes. A epidemia da peste é uma espécie de apocalipse

carnavalesco, à beira do fim do mundo, quando todos resolvem “aprovar a existência” incondicionalmente. Diz Artaud:

“Estabelecida a peste numa cidade, seus quadros regulares desmoronam, não há mais limpeza pública, nem exército, nem polícia, nem prefeitura (...)

Nas casas abertas, a ralé imunizada, ao que parece, por seu cúpido frenesi, penetra e rouba riquezas que ela sente que lhe serão inúteis. E é então que se instala o teatro. O teatro, isto é, a gratuidade imediata que leva a atos inúteis e sem proveito para o momento presente.

Os últimos vivos se exasperam: o filho, até então submisso e virtuoso, mata o pai; o casto sodomiza seus parentes. O libertino torna-se puro. O avarento joga seu ouro aos punhados pela janela. O herói guerreiro incendeia a cidade por cuja salvação outrora se sacrificou. O elegante se enfeita e vai passear nos ossários. Nem a idéia da ausência de sanções nem a da morte próxima bastam para motivar atos tão gratuitamente absurdos por parte de pessoas que não acreditavam que a morte fosse capaz de acabar com tudo.

(...) O estado do pestífero (...) é idêntico ao estado do ator integralmente penetrado e transtornado por seus sentimentos, sem nenhum proveito para a realidade”.¹⁴⁴

O mendigo entrona-se como rei, a prostituta barata torna-se uma dama casta ou uma freira dissimulada, o padre escancara a tão “secreta” libertinagem, o rico é destituído de poder e valor. Todo deslocamento de hierarquia é feito em nome do gasto, do excesso; o pobre não entrona-se rei numa festa para adquirir bem e terras, mas para desperdiçar sua energia, sem motivação vingativa ou ressentida. A teatralização da existência é uma teatralização das aparências e a negação da essência, da substância; é em momentos delirantes que o teatro parece invadir as ruas, e vice-versa, numa confusão total entre realidade e ficção, vida e arte. A incerteza, o indeterminado, a flexibilidade, o perigo e a experiência levada ao extremo são elementos de um teatro próximo dos estragos positivos da peste, dentro da estética artaudiana e, porque não, carnavalesca. Não é à toa que Artaud, propondo seu “teatro da crueldade”, influenciou a

¹⁴⁴ ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 18-19-20

body-art, artistas de happenings e toda espécie de “anti-arte”, onde está destruída a fronteira entre corpo e obra de arte.

No excesso permitido pelo carnaval, figuras singulares como as travestis, esses homens tornados mulheres por exagero, por uma intencional falta de medidas, surgem levando a ambivalência às últimas conseqüências, uma cultura manifesta no próprio corpo, carregada nele. Assim como ocorria nos bailes de máscaras londrinos, do século XVIII, no carnaval há um “afrouxamento” festivo em relação às inflexíveis relações “lúcidas”, seja no trabalho, na família ou em qualquer ambiente regrado por normas naturalizadas.

Além da máscara, temas como a fragmentação do sujeito, a atmosfera de desassossego, a perda da identidade, já era um “clima” do *fin de siècle* (XIX) europeu, vivenciado por poetas, escritores, filósofos e personagens históricos de “exceção” cuja temperatura fica para a posteridade.

A modernidade e o dandismo de Baudelaire, na Paris do século XIX, já percebia a importância do efêmero, do fugaz no olhar poético; a moda é um exemplo de artifício do efêmero. Mas é com “elogio à maquilagem” que o poeta do “coração desnudado” revela uma admiração pela arte de “mascarar-se”, visto que, para ele, toda natureza, crua e tosca em sua “espontaneidade”, é abominável. A natureza não tem consciência, muito menos a de embelezar o real; todo gesto “natural” é abominável porque óbvio, previsível, sem refinamento algum. Quem “tem fome e quer comer” não faz nada além de seguir os toscos desígnios dos fluxos “naturais”. Toda arte e todo conhecimento estão ligados ao artificial. Trata-se de uma postura tipicamente dândi diante do mundo, já vivenciada por Barbey d’Aurevilly, George Brummell, J.-K. Huysmans e, depois de Baudelaire, por Oscar Wilde.

No Brasil, o caso mais conhecido é o de João do Rio, tradutor de várias obras de Oscar Wilde no país. No dandismo, a ética e a estética, inseparáveis, fizeram desses escritores exceções porque criaram para si uma espécie de personagem, independente do anonimato ou do heterônimo. A vida, nesse sentido, ligada a uma estilização da existência, confundia as noções de palco e rua, máscara e rosto, sem predominância alguma de um elemento sobre o outro, já que o critério de referência havia sido abolido, em benefício exclusivo do inútil, do ócio, da aparência, da arte, da elegância nas vestimentas e do flunar sobre o cenário urbano.

O abalo nas estruturas convencionais e maniqueístas de compreensão do mundo faz da diluição das fronteiras entre arte e vida um elemento de teatralização da existência. A atmosfera de gozo sem culpa da vida, presente em cenários e épocas efervescentes, como a passagem do século XIX para o XX, acabou revelando movimentos artísticos e figuras ligadas pelo entusiasmo. O desassossego e o incômodo não são necessariamente sinônimos de má consciência, daí sua importância como elemento de iminência criativa, sintoma de mudanças, inversões de valores e falência de certezas historicamente fundadas.

O jovem poeta Isidore Ducasse, ou Conde de Lautréamont (seu pseudônimo) já anunciava em sua sentença-enigma, cujo aspecto de estranheza tanto afetou dadaístas e surrealistas: “Belo como o encontro fortuito entre uma máquina de costura e um guarda-chuva sobre uma mesa de dissecação”, forçando elementos díspares, absurdos, a entrarem em violento contato. Andre Breton, o “papa” do surrealismo, próximo da “beleza” de Lautréamont, afirmava em seu livro *Nadja*: “a beleza será convulsiva, ou não será”. Marcel Duchamp, outro influenciado pela “beleza” sob a ótica de Lautréamont, relativizou de forma iconoclasta o estatuto da Arte. A partir de objetos prontos, previamente construídos e acabados, assinava e expunha como objetos de arte; uma pá, um urinol invertido, um porta-garrafas, um bigode rabiscado na face da Mona Lisa. Esta deliberação sarcástica significou um grande incômodo para aqueles que celebravam museus, artistas e movimentos academicamente fundados. A estética moderna teve nos dadaístas um iconoclasmo radical e nos surrealistas uma valorização do inconsciente e da escrita automática como via de acesso a uma linguagem do estranhamento. Em suma, há toda uma abertura temática para uma arte definitivamente sem museu, em pleno desabrigo, posta nas ruas pelo atrevimento. A *body art*, o acionismo vienense e o situacionismo, em tempos considerados pós-modernos, também seguiram tal trajeto de abalos criativos, cujo caráter de “anti-arte” significava uma completa negação do que seja o conceito usual, mercadológico, acadêmico e asséptico de “Arte”.

Estas referências supõem que, contrárias às filosofias que entronaram o Homem como substituto de Deus, há formas de pensamento e ação que revitalizam o real, liberam a vida de encarceramentos teóricos explicativos e reducionistas. No tocante ao tema do corpo, porém, há certos cuidados a serem tomados. Certas correntes do pensamento e da arte elogiam sem medidas o modo como o corpo pode ser construído e

remoldado na atualidade, com o apoio da evolução tecnológica. As travestis estão situadas neste problema, já que fazem o uso da tecnologia médica para a construção de um feminino numa anatomia *a priori* masculina. Na reformulação artificial do corpo, o plástico, o metal inoxidável e próteses em geral podem ser encaradas como um aperfeiçoamento da condição humana. Junto a isso, a “produção de homens” realizada pelo biopoder inclui em suas metas estratégicas a intervenção eugênica no patrimônio genético da espécie humana.

O filósofo Oswaldo Giacóia chama a isso de produção tecnológica da vida¹⁴⁵, que excede os limites determinados pelos métodos terapêuticos de somente identificar, prevenir ou tratar de enfermidades geneticamente causadas; agora, os interesses científicos inauguram uma instrumentalização em grande estilo das condições da espécie humana, onde a vida é fabricável. Este seria o ponto onde a antropotécnica, ou seja, o cruzamento entre genética e educação com vistas ao amansamento do homem, pode ter uma versão nas estéticas multimídias contemporâneas que aliam o humano e a máquina. Sob o lema nietzscheano do além-do-homem, tais estéticas pregam uma nova subjetividade aliada a tecnologias produtoras de corpos que ultrapassem a condição meramente orgânica, rumo a um pretense “pós-humano” talvez bem diferente do que Nietzsche imaginava.

Stelarc, um artista australiano, é um dos defensores de que o corpo, livre das determinações do sujeito, não seria um *objeto de desejo*, mas um *objeto de projeto*. Na hibridização e na interação com a máquina, o corpo é considerado um elemento orgânico a ser ultrapassado, melhorado. Stelarc considera o corpo obsoleto e, com a nanotecnologia, o corpo é considerado um plano onde se insemnam biotecnologias aperfeiçoantes. De acordo com Carlos Mendonça:

“As tecnologias não inauguram simplesmente um corpo imaginário, desejado, elas nos proporcionam um corpo até então não imaginado: o cibercorpo.

Para o artista australiano Stelarc, estamos estendendo as capacidades do corpo com o uso das tecnologias. Em suas performances, o artista utiliza a combinação de próteses e de estímulos nervosos a partir de corrente elétrica sobre o corpo,

¹⁴⁵ GIACÓIA JR., Oswaldo. *Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida: Nietzsche e a Modernidade*. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 196

buscando uma imbricação entre movimentos voluntários, involuntários e programados”.¹⁴⁶

Paula Sibilia, crítica do chamado corpo obsoleto, e tudo o que faça dele um projeto de transcendência do elemento orgânico da existência, chama a atenção para os perigos da crença cega nos sonhos gerados pela tecnociência contemporânea. Diz a autora:

“No mundo volátil do software, da inteligência artificial e das comunicações via Internet, a carne parece incomodar. A materialidade do corpo é um entrave a ser superado para se poder mergulhar no ciberespaço e vivenciar o catálogo completo de suas potencialidades.

Com sua vocação transcendentalista, os projetos da inteligência artificial que hoje estão em andamento em diversas instituições científicas do mundo se propõem a escanear o cérebro humano e fazer *download* da mente, a fim de conquistar a imortalidade encarnada em um computador, livre de todos os riscos e dos avatares suspeitos do corpo orgânico”.¹⁴⁷

Eis o perigo, pois este pós-humano nada tem do além-do-homem de Nietzsche, que na verdade estava pensando num mundo muito além do presente, além dos milenares processos empreendedores da produção de homens através da cultura seletiva, da domesticação e da educação humanista. O corpo, para Nietzsche, não é um objeto disponível à apropriação da curiosidade científica, e deve ser resgatado da armadilha da fabricação mecânica. Sobre este tema, Giacóia fala de um ponto de cumplicidade entre o pensamento de Heidegger e Nietzsche:

“[ambos os filósofos empreendem a] tentativa de alertar para os perigos inerentes à cega confiança nas virtualidades do fazer humano, potencializado pela ciência moderna”.¹⁴⁸

¹⁴⁶ MENDONÇA, Carlos Camargos. *Subjetividade e tecnologia: as novas máquinas produtoras de corpos*. Exemplar mimeografado. p. 04

¹⁴⁷ SIBILIA, Paula. *O corpo obsoleto e as tiranias do upgrade*, texto apresentado no evento “um incômodo”, organizado pelo NU-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), na PUC-SP, nos dias 28 e 29 de abril de 2003.

¹⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 207

A tecnologia médica está inegavelmente inerente na vida das travestis, que se apropriaram de tal saber quando realizam a metamorfose no próprio corpo. Seria este um caso de tentativa de aperfeiçoar a configuração do humano? É inegável que são personagens que necessitam da interferência direta na anatomia, já que reconfiguram radicalmente a própria aparência. Mas esta metamorfose não parece ser uma forma de utilizar os artifícios da técnica científica para, em último grau, alargar a limitada condição humana enquanto corpo perecível, cuja determinação orgânica alguns consideram obsoleta.

O antropólogo Marcos Benedetti é um estudioso dessa apropriação do saber médico realizada pelas travestis, na ingestão de hormônios e na aplicação de silicone no corpo. Mas não só isso; dedicar-se à fabricação de um corpo feminino requer um conhecimento dedicado ao extermínio de pêlos, marcas e produtos para a pele e o corpo, assim como o investimento na educação corporal dos gestos e da fala. Segundo o antropólogo:

“Podemos tipologizar em quatro momentos principais as alterações corporais levadas a cabo pelas travestis com o intuito de demonstrar suas características femininas: o primeiro é o trato com os pêlos; o segundo, a produção de seios, quadris e de uma silhueta corporal associada à mulher; o terceiro, o domínio de um ‘código de beleza’, isto é, o uso correto e eficiente de roupas, sapatos, penteados, maquiagem, acessórios, etc.; e por fim, o investimento e treinamento do gestual e comportamento feminino, que compreende desde a forma de andar e a inflexão do olhar até mesmo uma forma de pensar específica (...)”¹⁴⁹

A ingestão de hormônios é uma resolução importante na vida de uma travesti, já que se trata de uma metamorfose irreversível. Geralmente essa prática é iniciada na fase inicial da puberdade, quando o corpo ainda não está totalmente desenvolvido. Quanto mais cedo, maior a eficiência do efeito hormonal na feminização dos traços. No Brasil, este método é utilizado pelas travestis há mais de trinta anos. Os nomes comerciais dos hormônios mais utilizados são: Diane, Benzo-Ginestril, Gestadinona, Anaciclín,

¹⁴⁹ BENEDETTI, Marcos Renato. *Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição*. Dacasa/Palmarinca, 2000. p. 52-53

Perlutan, Microvlar, Androcur e outros. Encontram-se na forma de comprimidos ou ampolas injetáveis, além da novidade do mercado: placas adesivas aplicadas nas costas, sendo que o hormônio vai sendo absorvido pela pele. Este último exemplo geralmente é encontrado somente na Europa. Segundo Benedetti:

“Boa parte das travestis inicia a ingestão ou aplicação de pesadas doses de medicamentos que contenham progesterona e estrogênio normalmente muito jovens (por volta dos 14 ou 15 anos). Estas substâncias começam a agir sobre o organismo, desenvolvendo os seios, arredondando os quadris e os membros inferiores e superiores, afinando a cintura (e a voz, segundo algumas) e diminuindo a produção de pêlos, especialmente os da barba, do peito e das pernas”.¹⁵⁰

É muito comum que a iniciação de uma travesti seja “amadrinhada” por outra mais velha, que diz qual o medicamento deve-se tomar para melhores efeitos e menores contra-indicações. O fígado é o órgão mais afetado pelos hormônios, como afirma o londrinense Edson Bezerra¹⁵¹, que já enfrentou mais de uma cirurgia pelo excesso de ingestão dos medicamentos. Certas travestis aconselham o tratamento à base de hormônio sempre em jejum, seja para a cápsula ou para as injeções; acreditam que os efeitos da medicação têm maior eficiência, dessa forma. Os efeitos mais visíveis deste tratamento são: desenvolvimento de seios, suavização dos joelhos, pernas, quadris e braços, redistribuição uniforme de gordura pelo corpo e o afinamento dos pêlos do peito, braço e pernas, crescendo em quantidades menores, ou sumindo totalmente em alguns casos. O processo de eliminação de pêlos por eletrólise é o mais eficiente, mas o mais caro. Também há o método com cera, gilete ou pinça. Os pêlos mais resistentes são os da barba, pois mesmo com a produção e textura atenuadas, ainda requerem cuidados especiais.

Outros efeitos hormonais ainda ocorrem sob diversas formas: os testículos e o pênis diminuem de tamanho, chegando a atrofiar, em alguns casos. Há a redução na capacidade de ereção. O esperma se torna mais aguado, menos consistente e em quantidade menor. Mas é interessante notar que, apesar dos efeitos colaterais, para as

¹⁵⁰ *Idem, ibidem.* p. 53

¹⁵¹ Entrevista realizada em 18/06/04

travestis os efeitos hormonais interferem diretamente nos modos de ser, de falar, pensar e sentir, ou seja, elas o consideram um veículo do feminino agindo na natureza e na cultura.

Quanto à aplicação do silicone, processo considerado mais avançado que as vestimentas e o uso de hormônios na construção do feminino, talvez se configure como a experiência mais dolorosa na modificação corporal. Quando decide fazer as aplicações, ocorre uma espécie de ritual: geralmente a travesti mais nova procura outra mais experiente, geralmente conhecida como “bombadeira”, aquela que realiza as injeções no corpo. É o método mais barato, num doloroso processo de aplicação da substância em locais específicos, sabendo onde termina o tecido da pele e começa a musculatura. A seringa utilizada é a de 40ml, cuja utilidade mais freqüente é na medicação de animais de grande porte. Um dos silicones mais famosos entre as travestis é o “#1000” (barra mil), utilizado na indústria de automodelos. Sobre a forma com que o silicone começou a ser empregado na inversão masculina, diz Neuza Maria:

“O uso do silicone médico é recente e data da década de [19]40. a partir de 70, porém, seu uso se consolidou especialmente no setor de cirurgia plástica para produzir efeitos estéticos. Começou a ser usado em mulheres dos Estados Unidos e do Brasil para resolver casos de seios diminutos ou ausência total de seios. Com seus efeitos revelados no uso da cirurgia plástica e estética feminina, o silicone passa a ser o líquido sagrado para o processo de inversão masculina. É o material mais eficiente na transformação e no que dela se espera. O personagem feminino ganha contorno de realidade (...), vai ganhando formas femininas, com seios inflados, quadris ampliados, evidências de cintura e aumento das maçãs do rosto”.¹⁵²

Segundo as travestis, a aplicação do silicone, feita sem anestesia, é comparada à dor do parto, em mais uma tentativa de se inserirem no universo feminino, considerando suas incapacidades de gerarem vida. Elas também falam da “dor da beleza”, uma ascese necessária para o renascimento à sua maneira. No Brasil, havia nomes de “bombadoras” travestis muito conhecidas: Severina, Jelma e Fiorella, do Rio de Janeiro; Marli, do Recife; Manuela, de São Paulo; Daniela, de Curitiba; Rosana Staise, de Belo Horizonte;

¹⁵² OLIVEIRA, Neuza Maria. *Op cit*, p. 72

Neuza, de Campinas; Eunice e João, esses não-travestis, também realizavam aplicações em São Paulo. Edson B., que viveu em Londrina e aplicou silicone em Curitiba, conta de alguns detalhes desse metido que virou febre entre as travestis dos anos 1980:

“Na época que fazia em nós era a Juli. Hoje elas tão aplicando esse silicone que limpa banco de carro e que lustra pneu. Na nossa época não, era o “barra mil” mesmo (...) e as pessoas que bombavam pelo menos eram enfermeiros formados, ou tinham experiência de tá manipulando a agulha no seu corpo, não é igual hoje, que qualquer um ‘ai, deita aí mona, que eu vou aplicar, e vai pondo e matando o povo’. Porque geralmente (...) quando tão bombando o peito (...) e o silicone correr pro pulmão e dá embolia pulmonar.

[Eu] Era produzida em Curitiba com a Juli, a bombadeira. E ela bombava travestis no Brasil inteiro, e eu não conheço nenhuma pessoa que teve rejeição ou morreu.

[A aplica era feita] Sem anestesia... é horrível... terrível, eu nunca pari, mas a dor deve ser quase igual. Ela enfia todas [as agulhas] primeiro e depois ela só vai apertando, e aí ele rasga, porque ta separando a pele. E a massagem depois, pra deixar tudo no lugarzinho? É outra etapa muito difícil. Mas na época a gente falava que era a ‘dor da beleza’. Era demorado, bombava uma pessoa por noite.

A substância milagrosa passou a ser usada abusivamente pelas travestis, sem controle de qualidade ou higiene alguma. Na cidade de São Paulo, em 1983, o uso indiscriminado do líquido causou a morte de nove travestis, deixando outras cinquenta e oito com sérias e irreversíveis lesões físicas. Isso devido ao *frisson* causado pela rápida transformação que o líquido possibilitava nas travestis, tornando-se “mulher” literalmente da noite para o dia. Muitas travestis que somente supervisionavam as aplicações, compravam os materiais e iam aplicando nas cobaias, indiscriminadamente. Como cita a travesti Fernanda de Albuquerque:

“Acontece, às vezes, que alguém assiste a uma operação de silicone, depois compra o material e sai espalhando que também sabe fazer aplicações. (...) se a

seringa pega um vaso que vai para o coração ou para o pulmão, é morte certa. Muitos transexuais morreram deste modo no Rio e em São Paulo”.¹⁵³

Todas essas negatividades na intervenção radical no corpo, realizadas pelas travestis demonstram o quão complexo e perigoso pode significar uma metamorfose anatômica. Mas a questão que fica é o preço que elas decidem e aceitam pagar para que possam recriar a si mesmas enquanto um corpo nem masculino, nem feminino, mas travestido, no sentido mais múltiplo e carnal do termo. Fazendo do próprio corpo uma experiência em andamento e sempre inacabada, as travestis investem num feminino impossível, daí em constante devir e sempre em reticências. Atuar no corpo é inscrever códigos e ser inscrito por eles. Travestir-se de panos e produtos aplicados ao corpo seria como uma operação de Médico e Monstro, sujeito e objeto de desejo. Não se trata de considerar o corpo como obsoleto, ultrapassável, numa forma de negar o orgânico ou de procurar uma configuração levada à perfeição transcendental. Trata-se, sim, de realizar consigo mesmo uma experimentação levada às últimas conseqüências, tendo no orgânico e no erótico motores do corpo desejante.

¹⁵³ ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de. *Op cit*, p. 146

Conclusão

Este trabalho é um exercício em que considero alguns exemplos de existências afirmativas, onde a vida pulsa intensidades irrefreáveis. Junto a isso, trata-se de um exercício negador de toda idéia que busque fixar a complexidade e o paradoxo da existência, como Natureza, Razão, Ciência, ou qualquer outro elemento divinizado pelas práticas discursivas. Tomadas como naturais, essas esferas do pensamento ocidental entronaram como a-histórico todo discurso dominante, com vistas a arrebanhar e submeter as diferenças desviantes, essas “anti-naturais”, segundo normas fundantes.

O corpo da travesti se constrói num espaço onde a verdade do sexo e as determinações biológicas estão suspensas. Daí a possibilidade de experimentações de si e das relativas escolhas que um sujeito pode desempenhar em sua existência. Mas não são as travestis as únicas inseridas nesta experiência de ser um corpo em metamorfose, que ultrapassa os binarismos sexuais normalizantes; todos os que investem na realidade sem os alicerces dos paradigmas majoritários está abrindo para si um espaço menos rarefeito para (co)existir com existências múltiplas.

Quando se trata de sexualidade, erotismo e sujeito, há duas formas geralmente conflituosas em se abordar a questão. Uma delas considera o sujeito como construtor de sua realidade histórica, modelador de seu destino e escultor de si isoladamente, fora dos eixos das relações de poder. Na outra via interpretativa, o sujeito está imerso nos jogos de saber e poder, definido e construído segundo as técnicas discursivas que o subjagam e o moldam. Visto que a liberdade de agir e modelar a realidade parece desconsiderar as esferas do saber e do poder que agem sobre o ser, ao mesmo tempo seria o momento de se reinterpretar o sujeito da pura clausura realizada pelas formações discursivas. Neste sentido, sem desconsiderar as relações de poder que tanto habitam o cotidiano, seria possível pensar o sujeito como um acontecimento capaz de experimentar a vida a plenos pulmões.

Na cidade de Londrina, nas décadas de 1970 e 1980, mesmo com todas as intempéries da família, da escola, da força policial, das prisões e da sociedade, as travestis tiveram uma fase de intensa jubilação e alegria. Claro que elas têm tendência ao saudosismo e à construção de memória como um lugar na história, mas certos relatos

deixam transparecer, mesmo foscamente, a alta temperatura de suas vidas. Em raríssimos casos desistiram do que escolheram ser, passo a passo, comprimido por comprimido de hormônio, de injeção a injeção de silicone. Enfrentaram problemas sejam os mais hilários ou os mais fatais pelo fato de travestirem-se, desde o quarto de casa, passando pela rua até à prisão.

Tais vidas, pelo anonimato, estão entregues entre si sem a carteira de identidade no bolso, daí a permissividade que essa mascarada das ruas possibilita. Um corpo nascido homem, no travestimento, pode portar-se como diva, ou uma prostituta desvairada, ou uma virgem procurando o primeiro parceiro. Nada que não impeça ao travesti também procurar uma mulher que pareça homem, ou uma lésbica afeminada, ou qualquer outro corpo, já que desejo e prazer não pedem senha, nome ou sobrenome.

Fontes documentais:

- Documentação oral

Entrevistas:

Realizada com o médico psiquiatra Daniel Martins em 02/05/2002

Realizada com Skarlet O'Hara em 27/08/2002

Realizada com Ana Paula em 16/07/2003

Realizada com Bartolomeu L. B. em 17/07/2003

Realizada com Edson B. em 18/06/2004

- Documentação escrita

Jornais:

Gazeta do Norte – Londrina, janeiro de 1950 a dezembro de 1953

Folha de Londrina – Londrina, de janeiro de 1970 a maio de 1989

Paraná Repórter – Londrina, 1980

Jornal de Londrina – Londrina, de janeiro de 1997 a dezembro de 1999

Revistas:

Terra Roxa – Londrina, 1947

Revista Policial – Londrina, 1950

Panorama – Londrina, 1955 a 1970

Bibliografia:

- ADLER, Laure. *Os Bordéis Franceses*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- ÁDREON, Loris. *Meu Corpo, Minha Prisão: autobiografia de um transexual*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.
- ADUM, Sônia M. S. Lopes. *Imagens do Progresso: civilização e barbárie em Londrina (1930-1960)*. Dissertação (Mestrado em História). Depto. De História da UNESP, campus de Assis, 1991.
- ALBUQUERQUE, Fernanda e JANNELLI, Maurizio. *A Princesa: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: Londrina e o Norte do Paraná (1930-1975)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Depto. De História da USP, 1993.
- ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Lisboa: edições 70, 1987.
- BATAILLE, George. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens: prostituição e vida boêmia em Londrina 1930-1960*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio grande do Sul. (exemplar mimeo).
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BURKE, Peter. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

- _____. *À beira da falésia: a História entre Certezas e Inquietude*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs – capitalismo esquizofrenia*. Vols. 1, 2, 3 e 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. *O que é a Filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo César (org.). *Às Margens: a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC; São Paulo: Loyola, 2002.
- ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o Andrógino*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana Izabel e BENEDETTI, Marcos Renato (org.). *Na Batalha: identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa, Palmarinca: 2000.
- FLIES, Robert (org.). *Travestismo, Fetichismo, Neurosis Infantil*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1975.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1982.
- _____. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, 1984
- _____. *História da Sexualidade, 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GENET, Jean. *Nossa Senhora das Flores*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

- GIACÓIA JR., Oswaldo. *Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida: Nietzsche e a Modernidade*. Passo Fundo: UPF, 2005
- GIANNATTASIO, Gabriel. *Próxima Parada: o Haras Humano*. Londrina: Atrito Art Editorial, 2004.
- GIL, José. *Monstros*. Lisboa: Quetzal, 1994
- GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- HALL, Stuart. *A Questão da Identidade Cultural*. São Paulo: Textos didáticos, 1998.
- HARA, Tony. *Caçadores de Notícias: história e crônicas policiais de Londrina 1948-1970*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.
- HOLLANDER, Anne. *O Sexo e as Roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- KATES, Gary. *Monsieur d'Eon é mulher: um caso de intriga política e embuste sexual*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KULICK, Don. *Travesti: sex, gender and culture among brazilian transgendered prostitutes*. The University of Chicago Press, 1998.
- LINS, Daniel (org.). *A Dominação Masculina revisitada*. Campinas: Papyrus, 1998.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *A parte do Diabo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MARINÓCIO FILHO. *Dos porões da delegacia de polícia*. Londrina: Gráfica Técnica de Londrina / Canadá Produções Didáticas S/A, 1979.
- MISKOLCI, Richard. “A Vida como Obra de Arte - Foucault, Wilde e a estética da existência”, texto apresentado no Colóquio Internacional Michel Foucault, realizado na UNICAMP de 16 a 18 de novembro de 2004.
- MORAES, Eliane Robert. *O Corpo Impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- MOTT, Luis e CERQUEIRA, Marcelo. *As travestis da Bahia e a Aids*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, Ministério da Saúde, 1997.

- _____. *Homofobia: Violação dos Direitos Humanos dos Gays, Lésbicas e Travestis no Brasil*. S. Francisco, IGLHRC, 1997.
- NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 1999.
- OLIVEIRA, Neuza Maria. *Damas de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.
- ONFRAY, Michel. *A escultura de si*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PELÚCIO, Larissa Maués. *Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo*. In: *Revista Antropológicas*. Ano 8, vol. 15 n. 1. Recife: Editora da UFPE, 2004
- PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Difel, 1970.
- POTTER, Roy (org.). *Submundos do Sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- ORLANDI, Luis B. L.; RAGO, Luzia Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. “*Narcisismo, Sujeição e Estéticas da Existência*”, 2005, mimeo.
- ROSSET, Clément. *A Anti-Natureza – elementos para uma filosofia trágica*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- _____. *O Princípio de Crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- _____. *O Real e se Duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 1988.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- _____. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico – Corpo, Subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- SILVA, Aguinaldo. *Primeira carta aos andróginos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.
- SILVA, Hélio R. S. *Certas Cariocas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/RioArte, 1996.

- _____. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- SINGER, June. *Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- SOARES, Luis Carlos. *Rameiras, Ilhoas, Polacas...: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- STOLLER, Robert. *A Experiência Transexual*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- TOMAZI, Nelson Dácio. *O Norte do Paraná: História e Fantasmagorias*. Dissertação (Doutorado em História). Depto. Da Universidade Federal do Paraná, 1997.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. São Paulo: Record, 1995.
- VERNANT, Jean-Pierre – *L'individu, la mort, l'amour. Soi-même et l'autre en Grèce ancienne*. Paris : Gallimard, 1981.
- VILLAÇA, Nízia e GÓES, Fred. *Em nome do Corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- WOOLF, Virginia. *Orlando*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

Anexo (transcrição das entrevistas):

CASO SKARLET O'HARA

- Como foi a história da sua vida, desde a infância? Nasceu em Londrina?

Meu nome é Agnelo Alves Costa, nascido em Londrina, em 14/09/64. Me tornei travesti aos 17 anos. Minha primeira relação homossexual foi com sete anos. (...) Nunca tive atração por mulher, nem nada. Com 17 anos terminei o segundo grau e resolvi pôr um saia, e como não tinha um trabalho nem nada, então a opção foi trabalhar na esquina, né, ser profissional do sexo, que era a única forma que eu tinha pra eu ganhar meu pão, moradia, alimentação, que a minha família no começo foi contra, né, eu tive que sair de casa.

- Aí foi morar sozinha?

Aí eu saí e fui morar com uma amiga, numa pensão, e aí com outra travesti que eu conhecia eu fui pegando todos os... e com ela fui pegando todos os trejeitos de travestis. Como se maquiar, como se depilar...

- Ela já era mais velha que você?

Já, já era mais velha...

- Daqui de Londrina também?

Daqui de Londrina também.

- Como era o nome dela?

Saara Santana. Por acaso ela morou nessa casa aqui, quando ela faleceu nós continuamos o trabalho dela aqui.

- Faleceu faz pouco tempo?

Nada, fez um ano, vai fazer dois anos agora.

- Era a primeira travesti que você conheceu?

Que eu fui morar com ela, né, eu conheci várias. Depois é que eu fui morar foi com ela que ela tinha um conhecimento. Eu caí junto com uma amiga minha, que já é falecida também, que era o Marcos, que tem o nome de Samara, nós duas estudamos juntas e caímos juntas assim, na vida.

- E elas foram que te deram uma inspiração?

Não foi nem inspiração, foi mais uma vontade própria, nossa mesmo, mais minha né, de terminar o segundo grau, eu queria usar saia, me hormonizar, sabe... e fui me espelhando nelas, não que elas me incentivaram, entendeu? Porque geralmente a gente vai incentivando uma a outra, a gente sempre acha uma madrinha pra você se espelhar, pra você...

- E no seu caso foram as duas?

No meu caso foi a Saara, né, que eu me espelhei como ela se vestia, como que... é a mesma coisa que você ter um ídolo. Tem uma Rogéria, tem uma Brenda Lee famosa, uma Roberta Close... e assim começou minha vida.

- E numa mulher mesmo você não teve um espelho, como por exemplo uma atriz de cinema da época?

Não, assim de me espelhar em mulher não. O que eu sempre quis é não ser nem comparada nem ser mulher, mas fazer tudo o que uma mulher faz, lavar, passar, cozinhar, sabe... ter uma relação com um homem, e ter uma estética feminina, entendeu,

você perder aqueles trejeitos de gay né, que a gente fala, e você tentar se igualar a mulher, fazer sobrancelha, se depilar, entendeu? Pôr uma meia-fina, pôr um salto.

- Mas ao mesmo tempo não querendo ser comparada com a mulher?

Não, não ser comparada e nem ser melhor uma mulher, entendeu? É uma identidade feminina, a minha identidade, eu sou assim, a minha identidade é assim. Eu acho que toda travesti pensa, ela... não quer ser tipo uma atriz, ou uma mulher... ela quer ter a sua identidade. Ela quer ser feminina, entendeu? Pintar sua unha, usar seu sapato, sabe... ter um amor, ter uma casa, ter uma segurança, e é uma coisa que travesti não tem, a gente não tem uma segurança... agora você pode alugar uma casa, mas há vinte anos atrás ou você morava com outra amiga que tinha casa, ou você morava em hotel, ou em zona, em bordéis...

- Depois que você passou um tempo morando com sua amiga, voltou pra sua família?

Não, eu nunca voltei pra minha família, depois que saí de casa aos 17 anos nunca voltei pra minha família... quando fazia 10 anos que eu tava de travesti que minha família começou a tentar me aceitar, eles não aceita mas respeita a minha orientação sexual, né... essa vida que eu to levando. A minha mãe fala até hoje, o que ela alega é “você é feliz, você tá feliz? Então se você tá feliz se você é feliz tá bom pra mim”. Porque eu acho que é o ideal de toda mãe ver o filho feliz, se o filho tá feliz ela tá feliz, se o filho não tá...

- Seu pai foi mais rude?

Não, por incrível que pareça meu pai me aceitou melhor, depois de dez anos que eu fiquei fora de casa, quem começou a ir atrás, a me procurar foi meu pai, a minha mãe até hoje ela é um pouquinho mais ainda... pra trás, assim...

- E como que ela se refere a você, Skarlet?...

Não, ela ainda se refere a meu nome de homem, de Agnelo ainda, lá em casa ninguém me chama com o nome de mulher, entendeu? Meu sobrinho é 'tio', minha sobrinha é 'tio', meu irmão é 'Agnelo', minha irmã também...

- E seu sobrinho, os familiares não... se dão muito bem com...

Sabem da minha orientação, sabem da minha opção de vida.

- Não separa seu sobrinho, por exemplo, 'ah, não vai andar com ele!'

Não, não separa, sabe da minha vida, que eu uso saia... o meu sobrinho de 6 anos, ele sabe que eu uso saia, sabe que eu gosto de homem, mas lá pra ele é 'tio' e pronto.

- E daí você foi se adentrando nesse universo, foi morar com sua amiga, com a Samara...

É, não nesse mundo que é da gente agora... há vinte anos atrás você dormia de dia e saía à noite, então você na realidade era uma dama da noite, você só vivia pra noite e de dia você dormia. Hoje, depois de vinte anos, agora não, agora nós saímos de dia, podemos... vivemos de dia e vivemos de noite. A vida hoje da travesti não tá mil maravilhas, mas também já tá bem melhor, que há vinte anos atrás... você pode abrir um crediário, você pode ter uma conta em banco... há vinte anos atrás você não poderia nem abrir um crediário, nem alugar uma casa, entendeu?

- E nessa época, quando você depois dos 17 [anos], daí pra frente, na rua já sofreu agressões, como foi?

Sempre, até hoje, você ainda recebe agressões, mas é muito menos né? Antigamente, além de agressão verbal, você recebia agressão física, dependendo do local, do horário, da onde você tivesse... ficou aquele estigma, né, que travesti era marginal, que travesti era sem-vergonhice, travesti era doente. Hoje você tem mais informação, a mídia tá, que os homossexuais estão brigando por seus direitos, por seus

deveres, pela sua cidadania, a sociedade tá mais aberta, porque antigamente a sociedade era mais fechada, era retrógrada, porque vivemos num país machista ainda.

- *Justamente por esses fatores de travesti ser considerado marginal, da noite, às vezes até relações com drogas, com várias dessas coisas, o tema, a palavra ficou um pouco pejorativa. Qual a sua relação com a palavra travesti?*

Em si com com a palavra *travesti*, ela não me incomoda tanto, entendeu? O que incomoda mais não é você levar o nome de travesti, porque você tá travestido mesmo, entendeu? Você tá com uma identidade ali que não é sua, você cria uma identidade, é igual um personagem. Eu criei uma personagem, que é a Skarlet, assim que eu me sinto.. forte, guerreira, entendeu? (...) Então a palavra travesti não dói tanto, o que mais dói é *viado*, palavrão pejorativo, *homem safado*, sabe? *Negão safado*, *bicha*, sabe... isso que machuca mais. Se você ouvisse a palavra travesti, 'ô seu travesti!', não dói tanto, mas 'ô viado!', 'ô safado!', sabe? Então isso que dói mais, me irrita. Mas a palavra travesti não. Há vinte anos atrás ou tinha o transformista, ou tinha o travesti. Agora não, tanto que a gente nem usa mais a palavra *travesti*, estamos usando a palavra *transgênero*, que tem a travesti, tem a transexual, tem a *drag queen*, tem as *cross-dresser*, que eles fala agora, então tem vários gêneros, então nós estamos lidando mais com o gênero agora, naquela época a gente nem sabia que que era gênero, você era travesti e pronto. E hoje, elas [as travestis] tão se travestindo mas do jeito que elas são mesmo, natural, na minha época pra você ser um travesti você tinha que se hormonizar e depois você tinha que siliconizar, pôr silicone; se você não se hormonizasse e não colocava silicone você não era travesti.

- *Tinha certas regras?...*

Tinha certas regras. E hoje não. Hoje tá tão... o gênero hoje tá tão mais afeminado... Você vê adolescente hoje que cê confunde, sabe? Tem muito adolescente aí que ce é confundido com mulher, com homem, tem muita mulher que você é confundida com homem. Hoje em dia você tá mais liberal. Hoje em dia os homens tão usando cabelo comprindo, tão usando brinco, a mulher tá usando cabelo curto, tá

usando calça, entendeu? Então diversificou, mudou. Na minha época não, mulher tinha que ter cabelo comprido e homem tinha que ter cabelo curto.

- E as regras se estabeleceram, regras de conduta pro masculino e pro feminino...

Exatamente...

- E vocês surgiram numa época em que principalmente em cidade interiorana, a província de Londrina, tinha dessas coisas muito bem direcionadas, e quando você quebra essas regras...

Até hoje você quebra, então hoje... você falar que você é gay, que você é homossexual, que você é drag, ainda a pessoa te aceita melhor, é show.... hoje em dia qualquer família ou você tem um amigo, ou você tem um parente, ou você tem um conhecido que é homossexual, agora travesti já é mais difícil, você falar pra uma roda de amigos que você conhece uma travesti o povo vai cair de pau em cima de você, agora você falar que conhece um gay, aí ninguém se espanta mais.

- E quando não é a questão do espanto é motivo de riso?...

De riso! E naquela época, quando você falava... até hoje você fala 'ah! tenho uma amiga travesti!', o pessoal ainda te exclui um pouco, fala "pô, você tem amizade com esse tipo de gente?!". A travesti em si ainda não quebrou aquele estigma de marginalização. O gay já quebrou. Aí você vê uma reportagem, uma Veja falando que gay é alegre, então todo mundo acha que gay só vive na alegria, o gay ou a travesti não sente dor, não tem as suas decepções, não tem as suas desilusão, não tem seus sonhos, não tem a sua vontade própria.

- Daí pra frente... você começou a trabalhar um pouco nas ruas?

Trabalhei na rua dos meus 17 até nos 23 anos eu trabalhei na rua. Depois fui morar com uma família, mas mesmo assim continuei trabalhando. Parei mesmo de

trabalhar foi em... 91, que eu parei mesmo de frequentar [o âmbito da prostituição]... depois que eu voltei da Europa, que daí... definitivo.

- *Pra onde você foi na Europa?*

Eu tive na Itália.

- *Muitas vão pra lá?*

Muitas. Aí eu voltei e falei 'não vou trabalhar mais', e fui correr atrás, fui procurar serviço, fui trabalhar de doméstica, em família que me conheceu.

- *Como é que foi lá, na Itália?*

Foi bem... na Itália, primeiro mundo né, você é mais aceito, aquela coisa de fazer show... eu trabalhava em esquina, trabalhava na rua mesmo.

- *Muita procura lá?*

Muito mais procura, porque eu nunca fui de show, não sei fazer show, entendeu? Aquela ilusão que mesmo que a travesti tem é aquela coisa, ela com saia, terminar os estudos quem tem vontade de estudar, se formar, ter sua profissão, e ter um sucesso. Aí quando ela põe uma saia que ela vê que o mundo, que a sociedade não aceita ela exclui ela de tudo, então o que sobra pra ela? Que que tem pra ela fazer? Ou ela vai se tornar marginal mesmo, que a sociedade que tá empurrando ela pra isso, ou ela se torna profissional do sexo. Aí ou você ganha na moral, você ganha na moral que eu falo que você vai pro motel, você se sujeita a fazer o que o cliente quer lá, por trinta, vinte reais, ou você vai lá e se incomoda, (...) você não quer aquilo você quer um trabalho... de repente você vê que aquela própria sociedade que exclui e ela mesma te sustenta, então você se revolta! Aí quando vem um cliente que você tá revoltado, você quer o quê? Você rouba! Mas o lado bom na travesti que tem, que ela quer ser feliz, que ela quer sair de dia, quer ela quer constituir família, que ela quer ter sua moradia, quer ter direito a saúde, quer ter direito a estudar, eles tira, aí o que que sobra pra ela? A revolta! Um professor não tá preparado... uma escola não tá preparada pra receber uma travesti, a

saúde não tá preparada pra receber uma travesti, então o que que a travesti faz? É viver no mundo dela, então ela faz o mundo dela. E qual o mundo dela? É da casa pra rua, da rua pra casa e com os clientes, pronto! Aí o que sobra pra ela? Ela já é tão excluída, tão estigmatizada, tão revoltada que quando ela já sai, sai com um escudo na mão e um pedaço de pau. Qualquer coisa que uma pessoa fala você já revida. De repente a pessoa nem tá pensando em te maltratar que você já foi tão excluída que você acha que a pessoa vai te maltratar.

- Em todo esse tempo de trabalho, tanto aqui em Londrina quanto na Itália alguma mulher veio te procurar?

Como assim, pra sexo, essas coisas?

- É.

Assim, quando eu tive meus dezesseis, dezessete anos eu tive vontade de ter uma relação com uma mulher, pra ver como era, se era essa minha orientação, minha opção, mas não consegui ter essa relação com a mulher, achei que não era a época, não era a hora e até hoje mesmo eu sou um pouco frustrada nesse ponto porque de repente eu não sei se... eu tivesse uma relação com uma mulher a minha vida... ou tinha sido diferente ou tava do mesmo jeito, entendeu? Apesar de que assim... sou frustrada em termos, não que eu venha ou vá fazer, porque agora já não dá mais, agora eu sei muito bem o aquilo que eu quero, que é meu marido.

- A questão do corpo, de você com seu corpo, você sempre sentiu essa necessidade de transformação ou você achou que poderia, por exemplo... porque você falou pra mim que já sabia o que você queria, na sua adolescência, que eram as relações homossexuais...

Certo.

- ... e você poderia muito bem continuar tendo essas relações mas não mexer no seu corpo. Por que essa sua necessidade de transformar o seu corpo?

Assim, igual eu falei, quando você se torna travesti você procura uma identidade. Então qual era minha identidade, o que eu queria pra mim? Era ter seios fartos e um corpo mais ou menos igual de uma mulher, que é os glúteos grandes, um quadril, uma coxa que você pudesse estar usando um vestido, uma saia. Isso era a minha vontade e eu realizei, me hormonizei, coloquei silicone. Hoje muitos falam que a se deforma, a gente tá deformada mesmo; hoje tem várias opções, elas [as travestis] podem ta usando prótese, mas na minha época não tinha, ou você hormonizava, ou você colocava o silicone direto. Qual era a via mais rápida pra você fazer seu corpo? Era clandestina, com a própria travesti uma bombando a outra, que é o meio mais rápido mais fácil e mais barato. Hoje a medicina ta muito avançada, tem muitas clínicas baratas aí, que dá pra você ta fazendo, mas na minha época a medicina não era tão avançada e uma cirurgia era caríssimo, então a opção nossa era bombar com as próprias travestis clandestinas que seria mais barato, e tinha um resultado mais rápido.

- Então a relação que você queria ter já nessa época com outro homem seria transformado, com esse personagem que você foi criando...

Com esse personagem que eu fui criando. Nunca pensei em me operar, essas coisas, não. Era transformar meu corpo, e não me mutilar, me castrar. Se as trans ouvirem uma coisa dessas elas fica louca!

- Como que é o Agnelo pra Skarlet, ou... como é essa coisa?

Olha, pra falar a verdade, eu ainda uso o nome Agnelo Alves Costa porque é o meu nome de batismo, e porque tá na minha RG, mas por mim eu já teria matado esse nome, essa pessoa; se eu pudesse mudar minha identidade, “Skarlet O’Hara Costa”, a data que eu me assumi, que foi... ai, agora lembrar não vou hein... isso, oitenta... eu tô com quarenta...

- Como se fosse... você parir uma personagem que é sua...

Que é minha... igual assim.... desde quando... o primeiro nome que eu escolhi, até hoje eu uso Skarlet, foi uma identidade que eu criei, eu quero morrer com essa identidade, com esse nome. Gosto de ser chamada... pesquisei bastante, todo mundo fala, “por que você escolheu esse nome?”, porque acho que me identifiquei com esse nome, gosto dele e quero morrer com ele. Agora o Agnelo uso, igual eu falei, por causa do RG, mas senão... também não me incomoda também não!

CASO ANA PAULA

- *Tá com quantos anos agora?*

Agora eu tô com quarenta e oito.

- *Você é a...?*

Ana Paula.

- *Nasceu aqui em Londrina?*

Nasci em Jacarezinho, Paraná.

- *E veio pra cá quando?*

Vim pra cá com... devia ter uns seis anos de idade.

- *Veio com a família?*

Com a família.

- *E como foi o processo de transformação do seu corpo, como você se descobriu homossexual...?*

Olha, eu com oito anos de idade, já... desde que me entendia por gente, claro, que fui pra escola como uma criança normal, mas meu sonho era ficar de maior, crescer, casar com um homem loiro, dos olhos verdes, vestida de noiva... então eu saí da minha casa com oito anos de idade. Minha mãe me aceitava, meu pai não. Então enquanto eles pensavam que eu tava no colégio interno estudando, eu não estava, eu já tava freqüentando casas de prostituição, que existia antigamente, que era zona, cabarés. Eu era empregada. Não em Londrina, em Goiânia. Meus pais pensavam que eu vivia

internada, no colégio né, que eu estudava no colégio de padre, de freira, então eles pensavam que eu tava no internato, não tava, eu tava já... com meus oito anos de idade eu já sabia o que queria, que eu queria crescer, que eu não gostava de mulher (...) então corri atrás do meu sonho! Aí eu saí de casa... até com oito anos eu ainda vestia roupinha normal, de homem. Depois que eu saí da minha casa, eu me transformei, com oito anos eu já freqüentava esse cabaré, eu era empregada. Mas empregada escondida, porque antigamente era menor, não podia freqüentar esses lugares. Eu trabalhava durante o dia, limpava a casa, o quarto das prostitutas, e à noite eu ficava num quarto, escondido, atendia só aqueles clientes de idade. Eu não fazia sexo nessa idade, eles brincavam comigo, colocavam o pênis no meio da minha perna, pegava, me ensinava como fazia sexo. Baixo meretrício, era casa de prostituta, chamava zona, antigamente. Aí quando eu tornei pra minha casa, eu já tornei com doze anos, mas eu já tornei transformada, não como o aluno que eu saí pra estudar de casa. Foi quando eu voltei pra Londrina. Quando eu voltei pra Londrina, eu já voltei falando pra minha mãe o que que eu era, e se ela me aceitasse como eu era, tudo bem, eu gostaria do consentimento, da bênção dela. Pro meu pai eu não ligava tanto. Então eu já voltei transformada, porque na época era aqueles penteado grandão, era aqueles rabo-de-peixe, era sobancelha que a gente raspava e fazia de lápis de olho...

- Em quem que você se espelhava nessa sua estética? Você tinha alguma personagem de cinema?

Não, não... não tinha ninguém não. Eu queria... eu era muito bonita! Eu desde criança, meus parentes vinham trazer presentes de aniversário, eles me traziam boneca, ao invés de me trazer carrinho! Então que descobriram que eu era menino! Cê entendeu? Como? Não que eu me inspirei nisso, não, que eu tive uma irmão também por parte de mãe que era travesti. Aí.. sabe... não que eu me inspirei em alguém. Só que na época era bonito, era aquela coisa, era o auge né... poucas travestis... então eu era como se fosse agora aquela boneca Barbie morena. Eu era magrinha, tinha o cabelo longo... bonita, né, fisionomia de uma menina, cabelo comprido, muito longo, cacheado.

- E como é que foi esse encontro com a família?

Foi um impacto! Porque primeiro, meu pai não me viu na minha casa, o meu pai me viu numa praça. Eu já vestida, foi onde freqüentava o pessoal da época. A gente chamava de rodar bolsinha, a gente pegava a bolsinha e ficava rodando. Então na época não existia programa, ganhar dinheiro, era namorado, era tudo pessoas de colégio, aquelas brincadeira de casinha... então meu pai viu e foi embora pra casa, com aquilo... chegou em casa ele falou pra minha mãe “ah, eu vi fulano vestido de mulher”, foi quando minha mãe falou “não, mas ele tá na escola!”. Foi quando eu cheguei em casa, quando minha mãe me viu. Ta, mas pra minha mãe não foi um impacto, porque a mãe conhece o filho desde quando ele nasce, então ela sabe quando o filho tá se desenvolvendo. (...) Meu pai me forçava a ir em boate, em casas de mulheres junto com ele, pra pegar prostitutas, pra ver que eu era homem, porque na época, homem do cabelo comprido era um desaforo! Era imperdoável, homem nenhum aceitava, porque você discriminava a classe masculina, não existia homem do cabelo comprido. As travestis que existiam na época saíam à noite escondidas, e durante o dia você não via, era como o vento, você via uma mulher linda à noite, de madrugada... durante o dia ela sumia como um vento, você não sabia de onde vinha, como vinha, a gente esperava toda a vizinhança dormir, pulava o muro, de atrás do muro da cidade, do cemitério que trocava de roupa, que se aparecia. Era essa a nossa época.

- Vocês trocavam de roupa, se montavam na rua?

Era! Isso, na rua! Porque era um tabu, era muito bonito, o povo adorava, mas não dava pra fazer [às claras], não era como agora, antigamente era muito rígido, o pai não podia pegar, senão... tanto é que meu pai me pegou vestido no banheiro, meu próprio pai tentou me matar.

- Te agrediu?

Me agrediu, ele contratou rapazes, sete homens, me deram uma surra, quase me mataram. Minha mãe descobriu...

- Você tinha quantos anos?

Ah, eu já tinha meus... onze anos.

- Você não teve então... uma madrinha que foi te ensinando...

Não, não tive aquela inspiração, por na nossa época não tinha esse negócio de você se espelhar em ninguém, tá? Então eu não posso te dizer pra você se meu caso era doença, o que que era não... não sei o que que era aquilo, até hoje eu não sei... só sei que eu queria crescer, ser de maior que eu queria casar com um homem loiro dos olhos verdes, você entendeu? Queria casar vestida de noiva. Pegava aqueles lençol, aqueles vestidos antigos da minha mãe, vestido de noiva, me vestia. Eu namorava, amiguinhos de colégio passava e assobiava... falava pra minha mãe que ia estudar na casa do amigo e não ia estudar... era sexo com primo, dormir na casa de primo...

- Isso desde nova já...

Já desde criança. Na me inspirei em ninguém.

- E você, como a maioria, foi pra Europa?

Fui, fui pra Europa.

- E lá também tem muito mercado... bem mais que aqui?

Não, a Europa foi boa... a Europa também foi aquela coisa, Roberta Close, aquela coisa muito bonita que o europeu conheceu, aquele homem transformado, aquele homem modelado no silicone, aquela silhueta belíssima, tá? Então agora a Europa tá igual o Brasil. Na nossa classe existe de tudo, existe... como eu, que cresci assim, existe aquele que se transformou por necessidade financeira, existe aquele que faz isso por fantasia, existe aquelas que fazem por bagunça, existe aquela social, existe as drags, no nosso nível existe tudo. Então é isso.

- Nessa época você chegou a conhecer a Neiva, ou não? A Joana Baiana...

A gente somos do tempo que a catedral aqui era madeira, o terminal era o bosque, a leste-oeste era uma linha de ferro, nós trabalhava onde é o museu, onde é agora... onde é o terminal... só que aí... eu não não fiquei muito aqui, eu viajei, conheci muito o Brasil, Goiânia, Mato Grosso.

- Mas na década de oitenta você passou um tempo aqui?

Passei um bom tempo aqui. Passei minha infância toda quase, aqui.

- Até a adolescência, mais ou menos?

Até a adolescência, mais ou menos. Quer ver, eu saí daqui eu deveria ter o que... uns vinte anos quando saí de Londrina. Viajei pelo Brasil, depois fui pra Europa, voltei, viajei, voltei... fui pra Europa, voltei, agora voltei pra Europa de novo...

- E atualmente você tem feito uns projetos com o [a ONG] Adé-Fidan, não?

Isso, eu trabalho com o Adé-Fidan. Eu trabalho com a instituição, né? Sou coordenadora da cozinha-piloto, trabalho no projeto de prevenção do “boa noite cidadão”, sou uma das agentes de saúde... e trabalho com a instituição.

- E qual a sua ligação com a palavra travesti, tem gente que não gosta, acha um termo pejorativo... como que é no seu caso?

A palavra “travesti”... eu não tenho termo... eu só acho errado o seguinte, eu acho que a pessoa, antes dela falar “eu sou travesti”, ela tem que ver, porque pesa muito isso. Não é você pôr um silicone, você tomar um hormônio, você pôr uma saia e ir pra avenida ganhar dinheiro que você já é travesti. Se o Brasil é como é agora, dois mil e três, agradeça, a gente apanhou muito. A gente ia pra rua, voltava pra casa, com cada bola de sangue, de apanhar de trinta, quarenta homem. No outro dia a gente tava no mesmo lugar, não era uma coisa normal... pra eles, um homem vestido de mulher, tava degradando (sic) a classe machista. Então a gente pegou o primeiro silicone, a gente pegou o primeiro preconceito, a gente viveu o mundo, a gente saiu pra fora do mundo,

conheceu, desde quando a gente sentiu o corpo de um outro homem, a gente já achou que deveria viver a vida da gente mesmo, sem depender do financiamento do pai. Então, pra você falar “sou travesti”, tem que pesar muito, tá? É um termo científico que a gente não achou ainda. Eu não quero ser melhor do que mulher, não tô aqui pra dividir meu espaço com mulher, porque se não fosse a mulher eu não teria existido, eu não teria nascido... adoro qualquer tipo de mulher, eu não to aqui pra competir com ninguém... eu to aqui me inspirada em mim mesma... eu fui eu sou aquilo que eu sou, eu sou uma travesti! Não vou falar pra você “eu sou uma mulher”, não sou uma mulher. Eu sou aquilo que eu criei, tudo o que eu criei eu quis, tá?

- *Sua personagem, entre aspas?*

É, minha personagem.

- *Não quer ser identificada como mulher?*

Não, não sou identificada como mulher, eu não tenho... pra mim ser identificada como uma mulher, eu tenho que ter uma vagina, eu tenho que ter um útero, eu tenho que procriar... eu não tenho isso!

- *Você não desejaria ser operada?*

Não, eu levantei da mesa! Não achei graça... não... eu sou o que eu sou!

- *E a sua relação com o seu nome de identidade?*

Meu nome de identidade... eu to tendo contato com ele agora, tá sendo uma experiência um pouquinho... desagradável, tá? Porque... não muito! Porque a última vez que eu ouvi meu nome de batismo foi pela boca da minha finada mãe, que já morreu há vinte anos e o dia que eu fui me alistar no exército.

- *Foi desagradável?*

Não, não foi porque eles não queria me alistar porque eu era mulher, então eu tive que levar a minha mãe pra provar que minha mãe tinha me gerado, um ser homem, fulano de tal, chamado tal, nascido tal... eu tive que levar a minha pra provar que eu era um homem, que eu não era uma mulher, porque eles queria que eu fosse pra marinha, porque no exército não alistavam mulher. Então quer dizer... eu tive muito preconceito, mas graças a Deus desde quando eu passei me entender por gente, Deus me deu uma fisionomia do bem, um aspecto bem, que eu incrementei pouquinho coisa né? Pus um pouquinho de peito, um pouquinho de coisinha ali, coisinha ali, mas Deus me ajudou bastante, tá? Me ajudou bastante fisicamente, com um aspecto feminino, que é isso aqui, não tem nada de plástica... tô um pouquinho abatida, tá, porque eu peguei uma gripezinha, fiquei um pouquinho abatida, mas eu tenho pouca plástica... e tive meus altos e baixos. Falo pra você “faria tudo de novo”!

- Isso que eu ia perguntar, apesar das suas...

Eu faria tudo de novo! Faria tudo de novo com a cabeça de agora... porque eu fui muito feliz e não sabia. Eu vivi minha infância... eu vivi tudo! Eu vivi tudo que uma mulher, que uma pessoa tem vontade... que uma própria mulher... eu fui miss, eu fui noiva, eu fui tudo o que tinha vontade de ser. Casei vestida de noiva, e fui miss Goiás, fui miss mundo travesti...

- Chegou a ser casada?

Casei mais de doze vezes! Já não tenho mais nem conta!

- Isso lá na Europa?

Ih, eu casei com francês, casei com italiano, casei com alemão, casei com espanhol, casei com pobre brasileiro...

- E na separação, a maioria dos divórcios vinha da sua parte?

Normal, “não quero mais”, pronto! “Quero casar com outro”!

- A sua relação homossexual com garotos, você gostaria de ter essa relação desde a infância como uma menina...? Porque essa sua necessidade de querer transformar o seu corpo, pra ter uma relação?

Não, nunca tive essa psicose de já crescer e ser uma menina, não. A minha psicose de criança era crescer, ser de maior, casar com um homem loiro dos olhos verdes, esse era meu sonho! Eu nunca tive aquela psicose querer nascer mulher, de querer crescer, me operar! Não, já levantei da mesa várias vezes! Eu achei que eu fosse ficar louca, então não me interessa operar! Nunca me atrapalhou, e tive vários maridos, milhões de namorados... então nunca tive psicose de mulher, nunca tive psicose de competir com mulher... nunca me comparei... uma coisa que não entra na minha cabeça é uma mulher tocar em mim, porque eu acho que peito com peito não se combina. Porque eu toco no meu peito e não vejo graça nenhuma. Então acho que eu tocar no peito de uma outra mulher também não tem graça! A mão de um homem é boa demais, menino, aquela mãozona encorpada, é diferente, tá?

- Já teve relação com mulheres, não?

Nunca! Nunca! Sexualmente. (...) Então tive vários... mas nunca cheguei a ter contato físico não! Sempre respeitei, respeito a mulher, porque eu nasci da mulher... em todos os sentidos! Não quero ser ela, não quero imitar ela nada... eu sou eu, eu sou a minha boneca que eu criei, a minha menina que eu queria.

- E o nome dela é Ana Paula?

É.

- Essa época tinha muito silicone industrial, como foi a sua transformação, você tomou bastante hormônio?

Tomei muito hormônio, não resolveu. Aí quando eu perdi minha família falaram pra mim que se fosse silicone morria... aí eu pus silicone no peito, porque disse que pegava a veia do coração... eu coloquei, não morri, não peguei nada até hoje, pronto,

ficou! Mas eu coloquei o silicone por causa disso, não coloquei... por nada. Peguei uma depressão, porque perdi toda a família (...). Então eu falava assim, “bom, já perdi toda a família”, e fiquei peituda. Não morri, passei a fase... não porque eu achei de eu ir lá fazer a estética, colocar, parecer mais feminina. Não! E vou te falar uma coisa, faria tudo o que eu fiz de novo, mas não colocaria silicone.

- E hormônio?

Hormônio sei lá, hormônio foi coisa de criança, foi coisa de época (...). Uma travesti, ela tem que... se ela assumir uma travesti, então ela tem que ser como eu fui, desde os meus oito anos de idade, vestir de mulher e nunca mais na vida colocar uma zorba, um sapato e falar e ‘eu sou homem’. Eu acho errado aquelas pessoa que se veste de homem de dia e se veste à noite de mulher e fala ‘eu sou travesti’. Eu sou contra, mas cada um é cada um. Então... eu não acho certo. Quando assumi minha identidade, que eu quis ser Ana Paula, desisti de tudo. Não é que eu desisti de tudo, eu fiz muito teste, fui em muito médico, vários falaram pra mim que eu tinha tendência hormonal feminino do que masculino, fui tentar ter relação [com mulheres], então eu passei por várias coisas pra mim ver que ela aquilo mesmo que eu queria ser. Que eu ia criar aquela boneca Ana Paula, e foi isso! Não foi assim, que eu vi uma bonita, que falei “ah! Vou ser igual ela!”, não...

- É mais uma coisa interior...?

Aquilo já vem dentro de mim, eu sou feliz com minha Ana Paula que eu tenho dentro de mim. Não imito ninguém, não desejo ser ninguém, só desejo ser eu mesma.

- E o nome da sua identidade, você considera morto hoje?

Meu nome de batismo? Olha... não é que eu considero morto... eu não considero um nome adequado pra mim. Uma que eu não gosto do nome, porque o nome de batismo foi feito pela minha mãe, porque minha mãe teve treze filhos e nenhum ela conseguia segurar, ter... morriam. Então ela fez uma promessa, que se nascesse homem chamaria Adão, e se nascesse mulher chamaria Eva. Então tudo combinou, acho que

Deus tava num dia... eu não sei se ele tava no cabeleireiro, onde é que ele tava, ele falou ‘ai, deixa essa bicha nascer Eva e Adão então, metade Eva e metade Adão!’, e veio isso aqui, nasceu esse corpo, então veio metade Eva, veio metade Adão, só que veio mais Eva, ele esqueceu de algum detalhe, porque o mínimo da coisa eu tinha nascido Eva perfeita. Mas eu não levo preconceito disso, eu me considero uma Eva normal. Eu lembro da costela do meu Adão quando eu tenho que assinar algum documento de identidade.

- Mas não tá morto?

Não, não tá morto! Não tá morto e também não tá vivo, porque ele nunca falou ‘eu sou Adão!’, tenho pavor disso! Mas ele existe, ele existiu, porque eu amo a minha mãe, eu amo a mulher que me pôs no mundo, eu amo todas as mulheres. Por eu existir, ela [a mãe] teve que fazer essa promessa. Então quer dizer, quer queira quer não, eu realizei, porque pra minha mãe eu era a filha e o filho que ela não teve. Então eu vim essas duas coisas, eu realizei o sonho da minha mãe. Eu era a menina, a filha que ela queria, e em certo momento eu fui o filho. Então eu sou feliz, a única coisa que eu me arrependo em todo o mundo é não ter a minha mãe. Só isso que me arrependo muito, não me arrependo de ter feito nada no mundo, só me arrependo de Deus ter... da minha mãe ter ido nessa hora que foi. Mas o resto eu faria tudo de novo. Se possível ter minha mãe de novo eu daria a minha alma por isso.

- Mas em relação a seu corpo, porque você desejaria hoje não ter silicone? Não ter colocado...

Porque hoje em dia a gente tá lutando por cidadania... então o homossexual hoje, o gay, que a gente fala, ele tem mais... ele pode entrar, tem mais opção dele trabalhar, ele põe um crachá de homem... eu vou pôr um uniforme, claro que vão pôr um vestidinho, não vão pôr uma calça, mas como eu que vou pôr (...). Sendo que tem dia que já é uma confusão danada, “mas Adão não é o marido da senhora?”, “não, sou eu, bem!”. Então por isso a história de identidade, mas eu já tô superando isso, já conformei com o silicone, agora a cidadania tá vindo, a gente pode até trabalhar de peito que não tem mais problema!

CASO BARTOLOMEU

- Eu queria que o senhor começasse , por exemplo, da sua procedência, cidade, data de nascimento, começar do zero...

Dezessete de novembro de trinta e oito.

- Nasceu em...?

Quixadá, Ceará. Cabra da peste.

- E com quanto anos o senhor veio pra Londrina? Como que foi sua vinda pra cá?

Muita seca, no nordeste... muita fome, miséria. E eu disse ‘adeus, Ceará ingrato, nunca mais eu volto em tu!’.

- E veio pra Londrina...

E vim pra Londrina.

- Sozinho?

Não, eu vim.... o primeiro ano eu vim sozinho. Depois eu trouxe mais de quarenta cearense.

- E aqui o senhor trabalhou onde?

Eu arrumei serviço público federal. Instituto Brasileiro do Café, IBC.

- Aí o senhor morou aqui na [rua] Duque [de Caxias]?

Eu já tinha morado aqui nesse apartamento.

- E o senhor não veio pra cá casado? O senhor foi casado durante quanto tempo?

Não, eu sou casado. Eu sou casado. Ela não mora comigo mas eu sou casado. Ela teve dois filhos meu.

- O senhor sempre se vestiu elegante assim?

Não, eu nunca me vesti elegante porque eu sou pobre. Mas eu gosto de sofisticação. (...) Mas aqui eu como, bebo, visto... às minhas custas.

- Não deve nada pra ninguém...

Graças a Deus nem... o batizado da minha filha já tá pago!

- O senhor não sofre... o senhor falou que às vezes as pessoas te xingam na rua, como é isso?

Xinga, xing, mas é nega vagabunda! Nega vagabunda que não tem nem o que comer, o que beber e... será que ela tem o apartamento que eu tenho? O meu não é rico, não é sofisticado, mas pra pobre do sertão do Ceará não tá bom aqui? Você nota que o meu apartamento tá mais ou menos? Então é isso aí, rapaz!

- A mulher do senhor, hoje, não vive mais aqui em Londrina?

Ela vive em Londrina, mas eu não tenho nada a ver com a vida dela nem ela com a minha.

- Mas o senhor a conheceu aqui em Londrina?

Não... conheci lá no Ceará.

- Ah, veio com ela pra cá?

Não... fui buscar ela lá. Infelizmente eu fui buscar ela lá. Pro meu azar!

-Mas o casamento do senhor foi...

Foi lá no Quixadá! Foi lá mesmo.

-Primeiro vocês namoravam, tal... como que foi?

Não, eu namorava a irmã dela.

- Essa época tinha muito casamento arranjado. Mas o do senhor foi...

Não, mas eu namorava a irmã dela! Aí eu fui lá pra me casar com Maria Luiza e casei com Chica! É Chica mesmo! E eu não tô nem aí, rapaz! Ontem o... vereador... atual de Londrina quis tirar um sarro de mim, um homem pobre e doente... nós compramos um pouco de feijoada, ele falou: “o homem tá passando a mão em você!”, eu falei: “tá passando em você, seu corno!”

- E o senhor acaba discutindo com essas mulheres que passam aí chamando o senhor de... não sei do que devem xingar o senhor, de viado...?

Eu não deixo de graça! Porque eu falo “nega brechó! Nega pé-de-chinelo! Nega vagabunda! Nega sem-vergonha! Você tem o serviço que eu tenho? Você tem a vida que eu tenho?” Eu sou federal e não devo nada pra ninguém!

- O senhor mesmo que... as unhas, tudo...

Não, eu pago pra pintar! Agora mesmo eu paguei, sete real! Pago porque eu gosto e porque eu tenho quem pinte pra mim.

- O senhor gosta de se... das unhas pintadas...

Gosto, gosto e gosto! E gosto de um [cantarolando] “balança o corpo que uma noite não é nada! É um sambinha da madrugada!”... chora invejoso! Sem-vergonha!

- *E atualmente o senhor mora sozinho?*

Eu moro... só, não! Eu moro com Deus!

CASO EDSON BEZERRA

- *Você é londrinense?*

Não, eu sou de Presidente Prudente.

- *E você veio morar aqui quando?*

Vim pra cá [Londrina] em setenta oito, mas eu vim na condição de travesti, que na época eu era travesti. Assim que eu cumpri o serviço militar, que recebi a reservista, aí eu saí pra conhecer o Brasil e vim pra Londrina, parei aqui e por aqui é que fiquei. Só saí daqui uma temporada que eu morei na Europa. E fora disso, sempre aqui... mas mesmo assim voltei (...).

- *Que lugar da Europa?*

Na França e na Itália.

- *Tinha bastante travestis brasileiros lá?*

Na época sim, porque foi muito glamuroso, hoje já não é mais essa coisa porque a questão da dificuldade financeira é no mundo inteiro, mas teve um auge que o Brasil foi o maior dos exportadores de travestis bonitos do mundo pra fora.

- *Que parece que foi nos anos oitenta...?*

É.

- *E eram as mais bonitas?*

Sim. E travesti brasileiro todo lado que chega ele incomoda mesmo, né? Na minha época, a gente foi uma das... quando Paris começou a estufar, porque aí virou

muita confusão, tinha muita gente que não prestava no nosso meio, e sempre tem essa coisa de estigma, essa maldição, onde tem a gente tem droga, tem traficante, tudo o que não presta rodeia o nosso meio. Então a gente começou a ir pra Espanha, quando a França começou a já não querer tanto essa quantidade de travesti brasileiro (...). E eu fui uma das primeiras a chegar em Madri, pra desbravas a Espanha que vinha saindo de uma ditadura, né? Aí sim que as pessoas começaram a poder assumir a sua sexualidade, porque até aí, se era descoberto, ficava sem pescoço, né? Então travesti não tinha, e nós já chegamos com o cabelão, com silicone no corpo, prótese, belíssima, todas bronzeadas, a gente enlouqueceu Madri! E aí as espanholas todas montadas, aquele bando de dragão andando, parecendo uns monstros, e aquilo [as brasileiras] incomodava... e uma época teve uma briga, entre as brasileiras e as espanholas, que a gente se enfrentou, numa das avenidas mais importantes de Madri, pra resolver quem que ficava na área central. Por sinal, inclusive a população escolheu as brasileiras. No dia da briga, homem, aquela ‘coisarada’ toda, a clientela, eles desceram junto com as brasileiras, não subiram junto com as espanholas, que era da sua terra. E foi muito interessante, nossa, a gente foi capa de jornal, noticiário do dia, porque fomos atrás, todo mundo com faca, pedaço de pau, a gente foi pra resolver. Ficar e ficar mesmo, senão ficar a gente vai matar. E aí até a polícia acabou concordando, e a gente escolheu uma área bem longe da gente pra elas ficarem, e elas ficaram lá. ‘A hora que vocês começarem a ficar bonitinha, e ser uma concorrente de igual pra igual, aí vocês podem se misturar junto com as brasileiras!’. Mas aí, com o passar de dois, três anos as Ilhas Canárias começou a produzir muita travesti bonita! Que é uma ilha que tem, e todas as travestis, muito bonitas, loiras, olhos claros aquela pele bonita... mas em Madri mesmo era um festival... do que a gente vê hoje... que é a *drag queen* brasileira... pra eles travesti era aquilo, pra nós não. Era uma coisa bem próxima da mulher, aquela coisa de chegar o mais próximo possível, a gente não era só o silicone, tinha toda a transformação do trabalho do hormônio, que aqui no Brasil isso foi muito valorizado na década... e é até hoje, com menos frequência.

- *Essa questão de briga de território parece que é muito comum...*

É, e não é só na Europa, até aqui no Brasil também tem. Aqui em Londrina, esse tempos atrás tava tendo isso, e eu como instituição e representante dos direitos humanos

não concordo, sabe? Aí tomei posições, atitudes drásticas pra conter esse negócio de marcação de ponto. Aqui, se tivesse alguém pra cobrar, pra definir ponto e cobrar, era o CMTU [Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização] porque ele é que comandam a cidade, né? E não travesti querer trazer cafetão da Europa e querer mapear ponto aqui, porque enquanto eu for vivo e representar o movimento, isso aqui não acontece!

- E isso tava acontecendo?

Tava acontecendo, e veio um pessoal forte, então isso aqui eu resolvi com a polícia civil. E com os estrangeiros existe a polícia federal. É recente, um pouquinho de tempo atrás tive que pôr os pingos nos “is” aqui.

- Esse apadrinhamento do cafetão acaba amedrontando...?

É porque naquela pose de homem, de estrangeiro, do todo-poderoso, “eu tô num país de terceiro-mundo”, e pra mim, eu to cagando e andando pra máfia deles porque máfia e comando só se cria se você deixar. E eu tenho uma história daqui, de uma pessoa que é a travesti mais antiga daqui, que hoje tá na casa dela... que é assim: “pra toda bicha louca tem um jeito, que é pegar um pedaço de pau e ir pra cima, louca e meia com ela, né?”. Então é assim que tem que ser resolvido. E eu acho que hoje tem uma crise tão grande que você atravessa financeiramente, já é duro tirar o seu sustento da rua, e você ainda tem... todo dia passar um filha da puta lá pra te cobrar cinquenta real porque você tá ficando de pé numa esquina? Não! Tá mais caro do que o imposto credial de Londrina que é o IPTU! Então você paga cinquenta [reais] por dia, você faz a conta de quando isso vai dar isso por mês e quanto vai dar isso por ano! (...) Então tem que acabar, não concordo, e pode ser quem for...

- Nos anos oitenta isso acontecia também, ou não?

Acontecia, mas eu, graças a Deus, nunca tive problema de pagar ponto ou de pessoa falar pra mim ‘você não vai ficar’, porque aqui no Brasil tinha um dilema, minha identidade tá escrito ‘território nacional’, e na Europa você mudava o discurso, ‘o sol nasceu pra todas’. Em determinados lugares você não pode chegar com cara de tipo ‘tô

com medo’, porque aí nego monta mesmo, então você tem que chegar de igual pra igual, e contestar, ‘não vou pagar, ponto. Antes de ir embora, ou a qualquer momento que eu to aqui, vou te dar um presente, pra quem...’, realmente eu acho que todo lugar tem que ter um responsável, e vou tentar agradar ele. Mas não pagando, ou sofrendo exigências, porque não tem nenhum estatuto, não tem nenhum regimento formalizando, não é lei, não é nada!

- Na [avenida] Tiradentes, acho que talvez é o ponto mais famoso...

O mais famoso é na [avenida] Leste-Oeste...

-... parece que foi meio tomado, antigamente era prostituição feminina ali, não era?

Aonde?

- Na Leste-Oeste, na Tiradentes...

Só... feminina. As travestis aqui já tiveram uma grande roda, né? Já rodaram a cidade e tão voltando a determinados pontos. Porque esse ponto da Leste-Oeste há muitos anos atrás era na frente do museu ali, entre a Praça Rocha Pombo... que foi o terminal. Então aqui em Londrina na década de setenta, oitenta, os pontos mais importantes era o ponto da [avenida] Duque de Caxias, que era só um grupo de elite que trabalhava, tinha esse da [rua] Benjamin Constant, que era na frente do museu histórico, e tinha a [loja] HM. Depois foi mudando, com a modernidade da cidade. [No ponto das Lojas HM] Era um ponto onde se vestiam de mulher mas não tinham nenhum tipo de hormônio, as de baixo da Benjamin já eram hormonizadas e o pessoal da Duque de Caxias e Rua Brasil eram travestis que já tinha morado em São Paulo ou na Europa. Então tinha... pra você chegar no estágio daqui de cima era... você tinha que passar por um grande estágio, é a mesma coisa de terminar o primário, o segundo grau, o vestibular, universidade, aí você é aceita aqui. Eu tô escrevendo um livro dentro de um projeto internacional que nós conseguimos financiamento contando essa história das travestis de Londrina. Porque hoje a sociedade vê a história da travesti de agora, do [a

ONG] Adé-Fidan pra frente. Não, mas a história não vista, e não tinha Adé-Fidan, não tinha ALIA [Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids], não tinha esses direitos humanos, não tinha lei de discriminação como tem hoje, e nós éramos organizadas, nós mesmas! E hoje com instituição, com dinheiro público, que não é Globo que entra aqui, você não consegue ter a união e a organização que tinha quando a gente não era registrado, que não tinha CNPJ, que não tinha toda essa burocracia de documentação.

- As [atuais travestis] da Leste-Oeste, da Tiradentes, não são dessa época [anos setenta e oitenta], né? Elas são mais novas...?

Não, dessa época não tem mais ninguém por ali... tem a Patrícia mas sai muito pouco... da época (...) eu sou da segunda etapa das travestis nacionais. Teve a primeira, que tem a Joana Baiana, que teve travestis famosos, né? E depois vem uma outra segunda etapa de travestis, então já estou incluída dentro dessa...

- Isso em Londrina?

Não, a nível nacional.

- Em se tratando de Londrina, você é considerado...

Das mais antigas, eu sou a mais antiga viva, eu, a Joana Baiana e a Patricinha. Dessa remessa, dessa turma que tinha os pontos de separação, desbravamos Londrina, éramos amigas e somos amigas até hoje (...) Ah! A Neiva também, mas hoje já é mulher, eu nunca falo dela porque ela operou, né? Então... é verdade, a Minervina também é da minha linha, só que hoje é mulher.

- Tinha alguma líder essa época?

A Joana. A Joana sempre foi a nossa líder, e tudo o que a Joana falava era lei, e eu tenho muito da Joana Baiana, porque fui uma das crias dela. Andava por todo lugar, que eu passava, 'ah, eu moro com a Joana, eu sou filha da Joana', e aí qualquer porta se abria, você ia em qualquer canto e ninguém te incomodava. A Joana sempre foi

respeitada a nível nacional, e na Europa também, na França, ela foi uma das primeiras, junto com a Minervina, que foi uma das desbravadoras em Paris, então eu sempre tive esse privilégio.

- Ela participa aqui, do Adé-Fidan?

Quem?

- A Joana.

Não, vem aqui pra torrar minha paciência... nem quero ela aqui na minha propriedade porque dois bichos não se bicam! (...) Não ia dar muito certo!

- Na época ela impunha...?

Ela [Joana] impunha, era eu hoje como coordenador [da ONG de travestis Adé-Fidan], ela era polícia civil, era tudo junto numa pessoa só! E conseguia comandar numa boa, os três pontos, não se tinha roubo, porque ela não deixava, e aquela que era de fora e que roubava, ela chegava, escalava cinco, pra gente fazer comitê de discussão. Então você ia, pegava a bicha lá na rua, ia no hotel que ela tava, ela arrumava a mala, comprava a “passaginha” e a gente ficava na rodoviária (...) até a hora dela entrar no ônibus e ainda avisar o motorista que não era pra deixar perto, pelo menos uns quinhentos quilômetros longe de Londrina! E funcionava, dava certo! E hoje me incomoda, tudo institucionalizado e a coisa... tendo que tomar atitudes drásticas, em pleno dois mil e quatro, com a questão de travesti. E hoje elas... elas sabem de todos os direitos, elas não sabem dos deveres!

- Em relação à sexualidade e ao corpo da travesti, você... na psiquiatria é considerado fetiche, essa coisa de um homem se vestir com as roupas do sexo oposto, esse discurso médico e científico... você acha que qual... se realmente é explicável essa questão da necessidade de mudar o seu corpo através de hormônio, roupa, pra se relacionar com um homem...?

Não, só a questão do relacionamento não é. A travesti ela nasce mesmo com aquele desejo, muitas travestis no desejo só de chegar bem próximo da mulher, e não ser mulher. Isso agora a gente tá passando pras perturbadas das transexuais que é outro público que me irrita muito. Hoje são várias instituições paralelas, não querem mais fazer parte do grupo das transgêneros, que a palavra travesti está sendo trocada, o que eu não gosto, eu gosto é da 'travesti' mesmo. É pra suavizar porque ficou aquele estigma horrível, que todo travesti não presta, e isso é mentira. Então acho que é a questão mesmo de se sentir bem, sendo homem, mas com um corpo feminino. Mas não que seja pra chegar mais próximo da identidade feminina... e sentir prazer com um corpo feminino com um pênis no meio das pernas, como se nada tivesse acontecendo, que era o meu caso, quando eu era travesti. Nunca tive preocupação... era sempre em chegar mais próximo da mulher, de ser feminino, na elegância, na graça, em tudo, mas quer trocar o sexo... primeiro que até hoje as operações elas não estão bem claras e trazendo resultados eficazes, e eu já sou perturbada gozando, imaginou sem gozar? É manicômio na certa! Então acho que não ia dar muito certo.

- Você acha que a travesti, em relação à sexualidade, ela é... na sua concepção... ela é gay ou é mais fluída? Ela pode ou não se relacionar com um homem, às vezes ela faz uma coisa e às vezes quer outra...? Ela é mais fluída ou é uma identidade fixa?

Eu acho que a travesti de hoje, elas vêm com uma coisa diferente das travestis do meu tempo, que eu não sei o que que é... é um mal-estar consigo mesmo, que esses dias eu até dei uma bronca aqui dentro numa oficina, que isso aqui tava parecendo um cruzeiro naval, você só vê nego chegando nas oficinas aqui, e fazendo drama de... de reclamações e tudo! E tem o lado bom de tudo isso! Ser travesti não tem só o lado ruim, discriminação, porque eu na minha época não tinha tudo o que elas tem hoje, o espaço que elas tem, e eu tenho mais coisa boa do que coisa ruim pra falar. E hoje eu sinto uma diferença... primeiro que hoje pra você... igual agora no concurso de miss Londrina eu tive que fazer um regimento, porque ser travesti hoje não é ligar praquela empresa famosa de São Paulo, trazer uma boa peruca, ir aqui no shopping, comprar um bom vestido, um bom sapato, maquiar, subir na passarela e querer receber o título de miss Londrina. Aconteceu isso num concurso que eu vi... vestidas de mulher só pra... que por

sinal ficaram muito bem mas não eram travesti no dia-a-dia. E aqui eu quero uma miss que ela possa viajar comigo pra qualquer evento e durante o dia ela possa estar com a faixa no peito e vestida de mulher com muita pouca maquiagem pra não estar escondendo barba, porque é muito raro você ver travesti com problema de pêlo, se tem ela tira, ela sempre está dando um jeito de estar sempre feminina, vinte e quatro por quarenta e oito [horas]. Dormem e acordam bonitas, né? Então eu acho que tem hora que não... que ela não se aproxima do gay, né, que você perguntou?

- É, da identidade gay...

Não... que por sinal tem um certo probleminha entre os dois grupos. Tanto é que aqui o projeto de travesti é separado no horário e em abordagens diferentes (...) porque as 'bonitas' não se combinam debaixo do mesmo tempo. Então o trabalho de gays e garotos de programa ficou fora da instituição, a instituição é que vai pra fazer as abordagens, oficinas, de curto tempo, e casa e todo o espaço aqui ficou só pra trabalhar mesmo com o grupo de travestis.

- Então você acha que independente do motivo da sedução, a travesti já nasce com esse prazer de se afeminar?

Ah, sim... quando você chega à idade básica que você começa a descobrir e brotar a sua sexualidade, que... quando você começa a passar um 'lapisinho', você pode ver que o caminho desse é ser travesti ao longo desse processo.

- No seu caso, iniciou quando?

Se meu pai tivesse deixado, desde os oito anos de idade. Eu nasci uma verdadeira mulher mesmo. Eu ainda tenho [problemas] até hoje com papai, que veio da mesma terra que o Lula, no mesmo pau-de-arara, sabe... criado na região sul do país e não se conforma de ter filhos homossexuais, e principalmente igual eu na militância, né? O maior desespero dele... além de ser [homossexual] ainda defende todo o coletivo junto! Mas uma coisa que me admira, acho que por isso que me cativou em Londrina é que as travestis daqui não têm problema com a família, é a única cidade que eu pude

fazer uma cartilha, e falar que a rejeição familiar aqui é zero vírgula um por cento. É muito bonito, mães, e olha que aqui dentro tem tia, tem mãe, sabe? E eventos nossos a mãe ajuda, acreditam na minha... e não adianta elas saírem daqui com raiva de mim, e chegar em casa... porque ruim com o Edson pior sem ele! Se acalma! E ainda tem o apoio das mães aqui, que eu acho muito interessante isso em Londrina.

- Aí, com os problemas com seu pai, foi adiado um pouco, essa sua transformação?

É, aí eu continuei em casa, porque tenho uma paixão muito grande pela minha mãe, que sempre me apoiou com toda a pressão em cima dela, do meu pai e do meu irmão, mas eu tenho um irmão dela que criou a família da minha mãe quando meu vô morreu, ele sempre me apoiou. Mas aí chegou uma certa hora, que... sabe?... tinha dias que eu fugia da escola pra ir encontrar as travestis de Presidente Prudente, e eu ficava encantado. Só tinha a Patrícia e a Regina, que já eram travestis produzidas... e a Sílvia, que foi a minha madrinha, que acabei saindo de casa e indo morar com ela. Saí pra morar num bairro simples, porque a família dera era muito pobre, mas se tinha muito carinho dentro de casa, por terem filho travesti e ainda adotaram mais um. Um filho de um nordestino que se fez na região sul do país, mas homofóbico que expulsou o filho de casa por ser gay, que na época nem travesti era. E me me adotaram. Tenho um carinho com essa família até hoje, é uma ligação muito forte, apesar de ter perdido esse amigo vítima da AIDS, mas a minha ligação ainda ficou com a família, com os irmãos, com a mãe. [Continua, sobre Silvia e a família que o adotou] Ela que me deu o primeiro hormônio, ela falou ‘você fica bem de loirinha’, e na época, há ‘milhões’ de anos atrás, fui uma travesti muito bonita, muito hormonizada. Chamava atenção. E já tinha sangue militante, descobri isso um dia desses porque em Presidente nós se virava na Praça da Bandeira, que era um lugar na frente da estação, que eu não sei porque que bicha adora ponto em frente à estação de trem... ferroviária. Porque aqui em Londrina era, em Presidente Prudente era, você vai pra São José do Rio Preto, então, eu não sei o que que a gente tem com trem, anda preciso estudar isso! Ali na frente do museu [de Londrina] era a estação de trem daqui. E aí eu achava aquele lugar horroroso, tava tomando hormônio, quando comecei a tomar muito novinho, com uns 14 anos, ele trouxe muito desenvolvimento, meu corpo ficou muito feminino. Só que na época da transformação,

então o hormônio feminino valeu mais do que o masculino, eu nunca tive barba, pêlos, voz afina, pele muda... e eu achava esquisito aquele monte de travesti bonita e naquela praça escondida, com um monte de andarilho por causa da estação de trem, usuário de droga batendo carteira, aquela coisa sombria. E aí eu ia gastar tanto com hormônio, com roupa, que eu tinha um namorado que tinha uma situação bem de vida, então eu andava muito elegante, porque eu sempre tive uma coisa, já que você é, tudo o que você é tem que ser fino, elegante, não é? Aí falei ‘não!... gente, a gente tem que ir pro centro da cidade!’. [No que responderam]: ‘Ah, sua louca!’. Aí um dia eu dava uma volta de dia, descendo a catedral de Presidente Prudente, lá em cima o corpo de bombeiros, na esquina tinha uma floricultura, onde passava a [rua] Rui Barbosa, que era o maior fluxo no centro da cidade. E eu resolvi falar que ia trabalhar naquela esquina. Um dia me arrumei, não usava muita maquiagem, bronzeada, me lembro até hoje com um conjunto de sapatos, um tamanco da Samello, que era só burguesinhas que tinham, e fui praquela esquina. Aí claro, o centro da cidade virou um inferno, querendo saber! Porque ninguém conseguia definir se era travesti, se era prostituta, o que que era. Era bonito e tava ali na esquina. Lembro que o conjunto era de saia, a saia aberta com os botão até aqui, e sentada em cima do murinho que tinha da floricultura, com a perna cruzada. Sozinha, porque ninguém quis me acompanhar na minha jornada. Aí um jornal da cidade, o “Imparcial”... passou um jornalista e viu. E ele conseguiu descobrir onde que eu morava, e foi durante o dia [discutir sobre uma possível matéria]. Aí naquele dia eu me produzi o dobro e vim pro mesmo lugar pro jornal fazer a matéria comigo, sentada ali. Era fila de carro. E ainda carro da imprensa, aquela coisa toda, então chamou. E trouxeram eu numa primeira página, na primeira matéria da história das travestis de Prudente, falando que eu tinha saído da escuridão, pra me mostrar pra população. Aí eu falei que era de uma família de classe média, que meu pai era diretor da instituição regional agrícola, que eu sempre tinha estudado em colégio pago, né? Que a minha questão de eu ser travesti não era por causa de ser de família de baixa renda, e nem tinha procurado a prostituição pra sustento, pra desgosto do meu pai. Eu tinha dezesseis anos. Nossa, eu ganhei dinheiro, consegui comprar a minha primeira passagem pra Europa com o dinheiro de Presidente Prudente e Londrina. Eu nunca precisei ir para uma grande metrópole pra juntar dinheiro. Aí as bichas quando viram aquele sucesso, capa de jornal, rádio falando, e a quantidade de dinheiro que eu chegava em casa, e mostrava pras ‘meninas’, porque eu contava né? Enquanto elas traziam, vamos dizer hoje,

cinquenta lá da praça, eu trazia mil e quinhentos do centro da cidade. Então foi todo mundo!

- *Virou um ponto?*

Virou um ponto! Ele é respeitado até hoje, e espero que o dia que eu morrer a prefeitura de Presidente Prudente ponha meu nome lá, né? E tem que pôr meu nome de travesti, Minibi!

- *Essa época era só hormônio?*

Só hormônio. Eu vim a colocar silicone depois de... vinte e cinco anos, mas eu já tava aqui em Londrina... mas aí quando você começa a enjoar do comprimido, e o comprimido traz muitos problemas, né, pro fígado, eu tive duas vezes hepatite... mas [quanto ao silicone] não concordo hoje em dia, e faço aqui um grande trabalho pra que as travestis não fiquem se enchendo de silicone, porque com aí com a idade ele vai trazer os transtornos que vem me trazendo hoje.

- *Tinha alguma bombadeira aqui em Londrina?*

Não, a última que teve aqui ela saiu corrida daqui que ela matou uma das minhas associadas, se ela aparecer aqui eu prendo ela. E pra aplicar silicone hoje em Londrina só se for o “barra-mil”, e com toda a garantia possível, porque se não eu vou com a polícia na porta de onde ta bombando. Porque hoje o silicone mata mais do que a AIDS o travesti. Que é uma coisa que me preocupa muito, na ANTRA (Articulação Nacional das Travestis), o qual eu faço parte da diretoria também. Na época quem fazia em nós [as aplicações de silicone] era a Juli. Hoje elas tão aplicando esse silicone que limpa banco de carro e que lustra pneu de carro. Na nossa época não, era o “barra mil” mesmo, e você não comprava,... e as pessoas que bombavam pelo menos eram enfermeiros formados, ou tinham experiência de tá manipulando a agulha no seu corpo, não é igual hoje, que qualquer um ‘ai, deita aí mona, que eu vou aplicar, e vai pondo e matando o povo’. Porque geralmente todas que têm aparecido é quando tão bombando o peito e o silicone correr pro pulmão e dá embolia pulmonar, acaba... que vem a falecer.

- *Dessa sua época, esse grupo que você andava, você tinham... o mesmo lugar em que vocês bombavam?*

Era produzida em Curitiba com a Juli, a bombadeira. E ela bombava travestis no Brasil inteiro, e eu não conheço nenhuma pessoa que teve rejeição ou morreu.

- *Sem anestesia?*

Sem anestesia... é horrível... terrível, eu nunca pari, mas a dor deve ser quase igual. Porque se a bombadeira for certa ela enfileira as agulhas né... a quantidade. Então ela enfia todas primeiro e depois ela só vai apertando, e aí ele rasga, porque tá separando a pele. E a massagem depois, pra deixar tudo no lugarzinho? É outra etapa muito difícil. Mas na época a gente falava que era a 'dor da beleza'. Era demorado, bombava uma pessoa por noite.

- *Depois disso tudo, você viveu o auge da sua vida, que foi nessa época, década de oitenta?*

É, porque quando... em oitenta e sete eu larguei de ser travesti. Larguei não, igual diz o Willian, eu tô à paisana, né? Ele sempre fala que eu ainda vou ter uma volta. A década de setenta foi muito gostosa, apesar de muita violência... e... de oitenta, foi muito bom, em Londrina era maravilhoso, porque era uma cidade rica, cidade do café, os programas aqui eram milionários, nossa, tinha noite que você tinha que dispensar cliente (...) e você não queria mais ver pinto de homem, você num queria mais ver homem, cê queria ir pra casa ou sair pra se divertir! (...) a gente entrava em tudo o que era casa noturna, não tinha lei de discriminação, não tinha porra nenhuma. Tinha lugares que a clientela esperava a gente chegar, por causa da elegância, né?... do glamour. Um que tinha debaixo do [shopping] Com-Tour. Esses dias eu fiquei de lembrar o nome do bar... [outra travesti interrompe] "Estilingue"? [Edson Bezerra responde] Não, Estilingue era a boate... era o bar do lado. Nossa, Estilingue eu fui vedete daquela boate maravilhosa, bem lembrado também! E o bar era do lado, e as famílias esperavam a gente pra chegar, sabe?

- E a Skarlet você veio a conhecer um pouco depois?

O'Hara ta na minha vida há muito tempo. Nossa, O'Hara me acompanha já faz uns vinte anos, conheci a O'Hara ela tava começando a ser travesti e a Saara tinha coisa de candomblé, e eu e a Skarlet [O'Hara] trabalhamos muitos tempo lá, na casa, naquela confusão toda que a gente tinha que fazer, que o pai-de-santo falava que a gente ganhava bem, então elas faziam aquelas baita festas e era as bestas aqui que arcavam, né? Eu e O'Hara limpamos muita galinha na vida, já fui de muito candomblé. A Skarlet não, deu seguimento, eu parei porque detesto receber ordens. Eu e pai-de-santo não... andei batendo em muito pai-de-santo com a própria galinha, que ele catava, então não dava muito certo. Eu e Skarlet se conhecemos há vinte e cinco anos.

- Você acha que no seu caso não foi uma situação financeira ou social que te levou a...

Não! É descracho mesmo, gosta do...

- Por puro prazer...

Porque homem tem mais é que tomar dinheiro mesmo. Quer comer, bem? Mas paga, e paga bem! E eu nasci pra ser puta mesmo, sabe?

- Você já teve casos de mulheres te procurarem?

Sim, bastante, mas sempre falo! A única buceta que vi foi a de mamãe há quarenta e cinco anos e passei rápido, quando nasci. Adoro mulher, sou amigo, mas até um certo limite.

- Os bofes é muito comum, vindo pedindo pra serem passivos?

Ah, não, mas isso faz parte, isso não precisa nem ser travesti, qualquer... gay e travesti que não fizer o ativo... e principalmente nos dias de hoje, porque a primeira

coisa que pergunta é “seu pau levanta?”, porque senão você fica em pé, olhando na esquina, que é o relato que eu escuto todo dia. Mas isso vem desde o meu tempo, e não vai mudar. Só que hoje mais aberto do que antigamente. E tem muito homem que vem porque gosta mesmo, de comer, por causa da sensação de estar com um homem, mas feminino, né? Aquela coisa toda...

- Dois sexos num corpo só...

É, dois sexos num corpo só! E ainda tem muitos [clientes ativos], pra sorte nossa, graças a Deus!

- Mas suas amigas, da primeira geração, não estão mais trabalhando na rua?

Não, todas nós aposentadas... eu, a Joana, a Minervina tá muito bem de vida e a Patrícia sai uma vez ou outra, porque aquela lá é igual eu, também nasceu pra ser puta, mas ela tem a criação de cachorro dela, tem a família que sustenta, morou muito tempo na Europa também...

- Do grupo de quantas travestis, mais ou menos, essas que vocês andavam juntas...

Que estão hoje vivas, em Londrina?

- É.

Quatro. Eu, Minibi, Joana, a Patrícia e a Neiva.

- A Patrícia mora em Londrina também?

Mora... ela esteve aqui sexta-feira.

- Você acha que... o que pode levar... é raro uma questão de desistência dessa transformação do corpo, como ocorreu com você...

É, e todo mundo me pergunta por quê. A minha questão da mudança, eu não virei travesti por causa de... ou de ganhar dinheiro, foi uma coisa de birra com meu pai: ‘ah! Sou gay! Então travesti vai te chocar muito mais’. Quando eu vi que aquilo trouxe a revolta dele, aquela matéria minha no jornal, então eu sabia que tava fazendo uma coisa que irritava muito ele.

- Essa época você já não morava em casa [da família], né?

Graças a Deus! Porque eu era proibida de passar no quarteirão do Jardim Bongiovanni, que é onde minha família mora. Meu irmão mudou o conceito dele com a cobrança dos meus sobrinhos. Todos eles fãs de carteirinha do tio, que é gay assumido, e hoje lidera o movimento. Esses tempos atrás teve um evento em Campo Grande, onde eles moram, e eu fui porque era convidado pela Associação Nacional das Travestis, e aí apareci na televisão, falando... e aquilo o maior orgulho, ‘o meu tio veio me ensinar sobre...’, nossa, fizeram uma festa na escola. Aí eles começaram a cobrar do meu irmão, ‘nossa, mas nós temos tantos amigos gays, e meu tio não vem porque é gay? Então pra você é interessante o do vizinho, né? O nosso aqui...’, então os meus sobrinhos quebraram o meu irmão. Aí meu irmão veio, e pediu desculpas, eu não tenho nada o que desculpar, né? É claro que a gente tinha uma mágoa, mas com meu irmão ficou tudo numa boa. Eu e meu pai é que num... e agora depois de velho, tô fazendo terapia... esses dias joguei um monte de coisa na cara dele, porque ele achava que eu sendo gay, ou tendo optado por ser travesti, que nunca ia ser uma coisa que prestasse na vida. E eu mostrei pra ele que eu larguei de ser travesti, que eu corri atrás do meu prejuízo, e hoje sou uma pessoa que lidera um movimento na terceira maior cidade do sul do país, sou respeitado nacionalmente, internacionalmente, projetos apresentador na África do Sul. Consegui meu espaço, e mostrei pra ele. Esses tempos atrás ele viu uma matéria minha em cadeia nacional, fez uma brincadeira com minha mãe e minha mãe já não gostou. Ele falou: ‘nunca pensei que esse nosso filho podia um dia me dar um orgulho’. Então ainda continua na pele que gay, que travesti, não é nada que preste, ele não vê o profissional que eu sou, ele vê a minha orientação.

- Você ainda se considera, no sentido travesti do termo, afeminado?

Ah... meu filho, eu posso tá atrasada, avião tá saindo, reunião começando, depois do meu banho ainda tem a sessão de creme, sabe, no corpo inteiro, tranquilo, sossegado, sempre no bom perfume... continuo sim! E gosto muito, sabe? (...) Se eu pudesse... se Londrina não tivesse tão reservado, eu não tinha largado de ser travesti pra tocar o movimento. Mas me sinto orgulhoso!